



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA

ELIELTON BENEDITO CASTRO GOMES

**“Adeus Maio! Salve Junho!”: narrativas e
representações dos festejos juninos em Belém do
Pará nos anos de 1950.**

Belém/PA
2016

ELIELTON BENEDITO CASTRO GOMES

“Adeus Maio! Salve Junho!”: narrativas e representações dos festejos juninos em Belém do Pará nos anos de 1950.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em História. Orientador: Prof. Dr. Antonio Maurício Dias da Costa (PPHIST/UFPA).

Belém/PA
2016

ELIELTON BENEDITO CASTRO GOMES

“Adeus Maio! Salve Junho!”: narrativas e representações dos festejos juninos em Belém do Pará nos anos de 1950.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em História. Orientador: Prof. Dr. Antonio Maurício Dias da Costa (PPHIST/UFPA).

Banca Examinadora:

Prof.^o. Dr. Antonio Maurício Dias da Costa.
(Orientador – PPHIST/UFPA)

Prof.^o. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes.
(Examinador Externo – PPGL/PPLSA/UFPA)

Prof.^a. Dr.^a Franciane Gama Lacerda.
(Examinadora Interna – PPHIST/UFPA)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Gomes, Elielton Benedito Castro

“Adeus Maio! Salve Junho!”: narrativas e representações dos festejos juninos em Belém do Pará nos anos de 1950 / Elielton Benedito Castro Gomes. – 2016. 135p.:il

Dissertação (História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

Orientação: Prof^o Dr. Antonio Maurício Dias da Costa

1. Espaço Urbano. 2. Festa Junina. 3. Imprensa. 4. Intelectuais. 5. Representação. I. Título

CDD: 394. 20981

Aos meus pais Conceição Castro e Benedito Gomes.

Aos quais serei sempre grato!

AGRADECIMENTO

William Shakespeare disse que “a gratidão é o único tesouro dos humildes”. Diante disso, deixo, neste momento, minha profunda gratidão a todos que em diversos momentos de minha vida acadêmica estavam presentes.

Primeiramente agradeço a Deus e aos espíritos de luz, por terem me proporcionado força e sabedoria diante das decisões tomadas ao longo de minha vida.

Agradeço aos meus pais Conceição e Benedito e as minhas irmãs Elaine e Eliane pelo apoio desde os primeiros instantes desse percurso. Sem este apoio, não sei se teria forças suficientes para seguir essa caminhada. Estendo também meus agradecimentos aos meus tios, em especial as minhas tias Izabel, Ana e Nazaré, que contribuíram com meus sorrisos ao longo dessa jornada.

À minha querida prima Edmê Gomes por se fazer presente em minha vida com carinho, atenção e dedicação.

Agradeço ao meu orientador Antonio Maurício Dias da Costa, pela pessoa humana, gentil, generosa e sempre atenciosa, cuja convivência, desde a graduação, foi de grande proveito. Muito obrigado Maurício, por entender e respeitar meu ritmo e ausências. Serei, para sempre, grato!

Externo minha gratidão aos meus amigos de graduação, Mikaela Moreno, Diego Jorge, Éderson Lobo, Erick Silva, Iolete Rolim, Clayton Pereira e, principalmente, a Daiana Fonseca e Caroline Barroso, com as quais, em várias fases desse trabalho, pude contar com a presença, “puxões de orelha”, leituras de textos e carinho. Mais que perspicazes, atenciosas e acessíveis, vocês são grandes amigas. A vocês, meus queridos historiadores, manifesto meu afeto agradecido.

Quero prestar meu especial agradecimento as minhas amigas/irmãs que tive o prazer de conhecer ainda na minha infância, pessoas especiais que sempre farão parte de minha vida. Gabriela Barbosa e Heliane Abreu, muito obrigado pelas palavras de incentivo e amizade.

Não tenho palavras para agradecer meus amigos Jones Santos, Ana Carolina Marçal, Patricia Furtado, Elayne Santos e, especialmente, Camila Travassos e Rafaele Lima, companheiros de barulho e de diversão, por terem me ensinado e ajudado a ser o que sou.

À professora Rosivone Viana, que, ainda no ensino médio, me apontou os muitos caminhos a serem trilhados, me ensinando a não desistir dos sonhos e seguir sempre adiante.

Ao Henrique Neto, pela força, apoio e carinho expressado durante diversos momentos da escrita dessa dissertação, muito obrigado.

Aos amigos do mestrado e doutorado (turmas de 2013), Tunai, Edivando, Marina, Cláudia, Luiza, Marcelo, Amilson, Tatiane, Ivanilson, Sônia, Marcus, Reinaldo, Alex e Marília, pessoas que compartilharam comigo os momentos de indecisão, desânimo e de solidão que a escrita proporciona.

Aos professores Franciane Lacerda e Aldrin Figueiredo, pelas arguições em meu Exame de Qualificação, repletas de preciosas sugestões.

Aos professores José Maia Bezerra Neto, Antonio Otaviano Vieira Junior, Cristina Donza Cancela, Maria de Nazaré Sarges e, novamente, Franciane Gama Lacerda, pela oportunidade de aprendizado durante a Pós-Graduação.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudo que viabilizou a realização desse trabalho.

A todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente, meu muito obrigado!

Belém, novembro de 2015.

De certo, mesmo que a história fosse julgada incapaz de outros serviços, restaria dizer, a seu favor, que ela entretém. Ou, para ser mais exato – pois cada um busca seus passatempos onde mais lhe agrada –, assim parece, incontestavelmente, para um grande número de homens. Pessoalmente, do mais remoto que me lembre, ela sempre me pareceu divertida. Como todos os historiadores, eu penso. Sem o quê, por quais razões teria escolhido esse ofício? Aos olhos de qualquer um que não seja um tolo completo, com quatro letras, todas as ciências são interessantes. Mas todo cientista só encontra uma única cuja prática o diverte. Descobri-la para ela se dedicar é propriamente o que se chama vocação. (Marc Bloch)

RESUMO

O presente trabalho busca analisar as narrativas e representações dos festejos juninos de Belém do Pará nos anos de 1950. Esses festejos ganharam destaques nas páginas de livros, jornais e revistas que circulavam em Belém no período em questão, onde era possível encontrar anúncios, crônicas e romances que versavam sobre esse momento festivo. As festas juninas, de grande importância para parcela significativa da sociedade belenense, contavam com a participação de diversos conjuntos musicais, grupos juninos e de aparelhos sonoros animando esses eventos realizados em diversos espaços do subúrbio e do centro da cidade. Além disso, vários eram os pontos de vistas de jornalistas e intelectuais sobre essa celebração festiva, sendo esses analisados a partir dos papéis de difusão de valores e de padrões de comportamentos propostos por eles em seus escritos. Nesse sentido, o conceito de representação, proposto pelo historiador francês Roger Chartier, permeará a dissertação em questão, no qual esse autor assinala que os discursos estão entremeados de estratégias e práticas que tendem a impor autoridade e até mesmo induzirem o outro a escolhas e que são construídos dialogicamente num jogo que inclui interesses, embates e negociações. A pesquisa apresentada contou com auxílio de fontes retiradas dos jornais *O Liberal*, *Folha do Norte*, *A Província do Pará*, *O Estado do Pará*, *A Vanguarda* e da *Revista Amazônia*, publicados na década de 1950, assim como romances memorialísticos que falam sobre a temática aqui trabalhada, na segunda metade do século XX.

Palavras – chave: Espaço Urbano, Festa Junina, Imprensa, Intelectuais, Representação.

ABSTRACT

This study aims to analyze the narratives and representations of June festivities in Belém of Pará in the 1950s. These festivities won highlights in the pages of books, newspapers and magazines circulating in Belém from the period in question, where it was possible to find ads, chronicles and novels that deal with this festive time. The June festivals of great importance to a significant portion of belenense society, counted on the participation of several musical ensembles, “juninos” groups and audio equipment animating these events performed in various spaces of the suburbs and the city center. In addition, several were the views of journalists and intellectuals on this festive celebration, these being analyzed from the distribution of roles of values and behavior standards proposed for them in his writings. In this sense, the concept of representation, proposed by the French historian Roger Chartier, permeate the dissertation in question, in which the author points out that the speeches are interspersed strategies and practices that tend to impose authority and even induce the other the choices and they are built dialogically a game that includes interests, conflicts and negotiations. The research presented included aid supplies taken from the newspaper *O Liberal*, *Folha do Norte*, *A Província do Pará*, *O Estado do Pará*, *A Vanguarda* and the magazine *Amazônia*, published in the 1950s, as well as memoirs novels that talk about the subject worked here in the second half of the twentieth century.

Key - words : Urban Space , June Festival , Press, intellectuals , Representation.

LISTA DE IMAGEM

Imagem 1	Jornal Folha do Norte, 22 de junho de 1951	57
Imagem 2	Mapa representando os bairros de Belém nos anos de 1950	63
Imagem 3	A menina que veio de Itaiara	98
Imagem 4	Bruno de Menezes, o “Embaixador” da cultura paraense	104
Imagem 5	Eneida de Moraes, mulher de voz forte e poderosa	107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I: A FESTA EM QUESTÃO	19
1.1. DE FESTEJO EUROPEU À FESTIVIDADE BRASILEIRA.....	20
1.2. FESTA JUNINA E IMPRENSA EM BELÉM DO PARÁ NO SÉCULO XX.....	26
1.3. A ANIMAÇÃO DOS DIAS FESTIVOS.....	34
1.3.1. ENTRE CURRAIS, PRAÇAS, TEATROS, RUAS E CLUBES.....	34
1.3.2. AS <i>SOIRÉES</i> JUNINAS EMBALADAS AOS SONS DE CONJUNTOS MUSICAIS E DAS “PICARPES”.....	47
CAPÍTULO II: ESPACIALIZAÇÃO FESTIVA	55
2.1. ESPACIALIZAÇÃO FESTIVA DA CIDADE.....	56
2.2. CLUBES SUBURBANOS E CLUBES “ARISTOCRÁTICOS”: ESPAÇOS DE LAZER E SOCIALIDADE NAS FESTAS JUNINAS DA CAPITAL PARAENSE NOS ANOS DE 1950.....	78
CAPÍTULO III: REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS, MEMÓRIA, FOLCLORE E TRADIÇÃO POPULAR NOS FESTEJOS JUNINOS DE BELÉM DO PARÁ NOS ANOS DE 1950	86
3.1. INTELECTUAIS FOLCLORISTAS E MEDIAÇÃO CULTURAL.....	87
3.1.1. O FOLCLORE EM QUESTÃO.....	87
3.1.2. INTELECTUAIS E MEDIAÇÃO CULTURAL.....	93
3.2. ENTRE CRÔNICAS, FESTAS, TRADIÇÕES E NOSTALGIAS.....	96
3.2.1. LINDANOR CELINA QUESTIONA: “CADÊ MEU SÃO JOÃO?”.....	96
3.2.2. BRUNO DE MENEZES E ENEIDA DE MORAES: ENTRE FOLHAS, RAÍZES, MADEIRAS, CASCAS E CIPÓS.....	102
3.2.3. CÂNDIDO MARINHO ROCHA: “JUNHO DAS FESTAS DE TODOS”.....	111
CONCLUSÃO	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
FONTES	131

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A festa somos nós. Em ritmo de santo, de samba, de procissão, de folguedo. Ou mesmo nos clubes urbanos onde pessoas de idade fazem vestimentas adequadas e vão dançar, em temporalidades perturbadas, prolongando, no entanto, seus momentos vitais. É a espera aflita pela chegada daquele dia, dos minutos, da hora em que partilhamos a eternidade, e depois o desgosto da fugacidade que nos aflige. (...) E há ainda o comentário, aquilo que se diz no dia seguinte, a retomada do eterno ciclo de dizer o que foi, e de esperar o que virá¹.

Durante os meses de maio e junho, em diversos espaços da atual cidade de Belém do Pará, é possível ouvir ritmos e gêneros musicais que lembram, e muito, as festas juninas, sejam pelos rádios, carros som, TV, ou até mesmo pelas cantigas entoadas com grande veemência pelos brincantes das quadrilhas, dos bumbás, dos cordões de pássaros e bichos e dos grupos parafolclóricos da região. Desde pelo menos a segunda metade do século passado, essas características, que remetem ao modelo das festas juninas na cidade, fazem parte do cotidiano festivo da população local.

Os festejos juninos dos anos 1950 remetem às procedências de um modelo festivo popular extremamente presente no cotidiano de lazer da cidade. Este modelo encontra-se, ao mesmo tempo, ligado às condições estabelecidas pelos meios de comunicação e entretenimento que circulavam em Belém, na época em questão.

Nesse sentido, a presente pesquisa adentra o âmbito das festas na cidade, mas precisamente dos festejos, apontados pelos brincantes, organizadores, jornalistas e intelectuais paraenses, como aqueles que apresentam características populares. Seu objetivo é abordar criticamente as narrativas e representações dos festejos juninos na capital, produzidas por diversos sujeitos intelectuais que escreviam nas páginas de revistas e jornais do estado do Pará nos anos de 1950.

Esse foi um período no qual nota-se a ascensão dos meios de comunicação no âmbito social brasileiro, em especial o rádio, instrumento de informação e entretenimento, associado à indústria cultural brasileira², sendo, também, o responsável pelas inovações de estilos (fama

¹ FERREIRA, Jerusa Pires. A FESTA – APRESENTAÇÃO. **Projeto História**, São Paulo, (28), p. 361-362, jun. 2004.

² Constata-se também que aos poucos a televisão passou a ser introduzida nos lares dos cidadãos brasileiros. Nesse período, era comum encontrar tais meios de comunicação nas diversas moradas do Brasil, do meio urbano ao meio rural. Esses (os rádios) eram considerados peças obrigatórias em todos os lares, dos mais ricos aos mais

e ascensão social) e práticas cotidianas no âmbito urbano. Além disso, nesse contexto, os impressos são importantes por circularem corriqueiramente entre a população belenense e, assim, apontar, nas páginas desses periódicos, o que era tido como importante para aqueles que nelas escreviam, acabando por interferir nas decisões e nos direcionamentos dados aos modelos festivos da região.

O que me orientou a escolher o período aqui estudado foi a necessidade de entender a efervescência festiva da sociedade belenense a partir do ponto de vista daqueles que trabalhavam na imprensa local nos anos de 1950, tendo em vista que esses, em conjunto com empresários, comerciantes, políticos, entre outros, estabeleciam estratégias diante de parcerias e alianças para a promoção desses festejos ao longo da cidade.

Nesse sentido, percebe-se que as celebrações festivas desempenham importantes papéis nas relações entre o espaço e o homem, refletindo os modos em que diversos grupos sociais constroem, percebem, pensam e concebem seus ambientes, atribuindo diferentes valores a certos lugares³. Além disso, elas são capazes de “gerar produtos tanto materiais quanto simbólicos, representando desse modo, uma das formas de produção de identidade”. É importante enfatizar que tal produção “não esgota outras apropriações e funções que ela [a festa] congrega”⁴.

Segundo Jerusa Pires Ferreira, as festas permitem perceber “o amor, a força do corpo e dos gestos, a construção das visões feéricas e o jogo permanente que nos leva a ter na esperança (de comida, de vida, de fartura, de alegria, de contemplação, de criação) o apoio para nossas fabulações e alegorias”⁵. Elas são capazes de aglomerar sujeitos de diversos grupos sociais em um mesmo espaço, estabelecendo pontes entre tais grupos e suas realidades, permitindo, quase sempre, com que haja intensas trocas culturais entre eles.

Como sugere Antônio Evaldo Almeida Barros, as festas são “momentos significativos para se notar formas pelas quais os diferentes sujeitos e setores sociais olham uns para os outros, comentam, justificam, aceitam ou reproduzem as múltiplas diferenças e desigualdades”⁶, revelando, a cada realização festiva, um pouco da sociedade para qual está

pobres, embora estes últimos tivessem acesso mais comum aos equipamentos dos vizinhos um pouco mais abastados. Sobre isto ver CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

³ BEZERRA, Amélia Cristina Alves. Festa e Cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e Cultura**. UERJ, RJ, nº 23, p. 7-18, jan-jun. 2008.

⁴ BEZERRA, Amélia Cristina Alves. **Pelas margens da cidade e no meio da festa: a (re) invenção das festas e da identidade no espaço urbano de Mossoró – RN**. Tese (Doutorado em Geografia). UFF. Instituto de Geociências. 2006. p. 26.

⁵ FERREIRA, Jerusa Pires, op. cit., p. 361.

⁶ BARROS, Antônio Evaldo Almeida. Usos e abusos do encontro festivo: identidades, diferenças e desigualdades no Maranhão dos Bumbás (c. 1900-50). **Revista Outros Tempos**. v. 6, n. 8, dez. 2009, pp. 3.

sendo promovida, pois podem ser observadas, também, como “ocasiões particulares para pensar a dinâmica e processos de mudanças sociais”⁷ em um determinado espaço e tempo.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior observa que “por muito tempo, os pesquisadores que buscavam desenvolver estudos, nos quais as festas tinham lugar de destaque, se preocupavam em focar seus interesses apenas nas comemorações cívicas ou em datas consideradas de grande importância para a história positivista, os quais, muitas vezes, eram “escalados para fazer o discurso de panegírico ou de legitimação da data que ali se comemorava”. Ao longo do tempo, esses estudos sobre a temática das festas foram despertando interesses de outros pesquisadores, como, por exemplo, folcloristas e etnógrafos que “nelas viam expressões dos costumes e do espírito nacional”, dando atenção àquelas que estavam atreladas as “tradições culturais nacionais, regionais ou locais [qu]e seriam aquelas praticadas pelas camadas populares, que expressariam o verdadeiro caráter nacional”⁸.

Segundo Michel Vovelle “é a partir dos anos 1960 que uma geração de pesquisadores interessados na história das mentalidades busca ampliar pesquisas acerca das festas, fazendo renascer o interesse desses pela temática das celebrações festivas. Segundo o autor, esses pesquisadores passaram a considerar a temática da festa importantíssima, pois nos eventos festivos podem ser percebidos os momentos em que um grupo ou indivíduo projeta simbolicamente sua representação de mundo”⁹.

Na Amazônia, os estudos acerca das festas têm ganhado, cada vez mais, espaços entre as pesquisas desenvolvidas por estudiosos das ciências humanas da região, principalmente historiadores. No Brasil, desde a segunda metade do século XX, historiadores, antropólogos, sociólogos, entre outros¹⁰, buscam, diante de diversos enfoques, perceber a importância social e cultural das festas nos mais variados espaços do território nacional¹¹, colocando em evidências, muitas vezes, as peculiaridades dos modelos festivos de cada região.

⁷ Ibidem. pp. 4.

⁸ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festa para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória**. UNESP, v. 7, n. 1, jun. 2011. pp.134-135.

⁹ VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987. pp. 247.

¹⁰ Segue algumas referências sobre as pesquisas desenvolvidas, desde então, por estudiosos das ciências humanas: DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.; DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.; MAGNANI, José Guilher. **Festa no Pedaco**. São Paulo: Brasiliense, 1984.; ABREU, Martha. **O Império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900). Tese (Doutorado em História). Niterói: UFF, 1995.; CUNHA, Maria Clementina Pereira da. **Ecos da Folia**: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.; REIS, João José. **A morte é uma festa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.; entre outros.

¹¹ SILVA, Maria Manuela Ramos de Souza. A historiografia descobre a “festa”. **Revista Hélide**. 1 (1), 2000. pp. 38-52.

O estudo acerca dos festejos juninos em Belém do Pará nos anos de 1950 começou a ser pensado quando minha graduação em História ainda estava em andamento. A oportunidade em participar como bolsista de iniciação científica, entre os anos de 2010 e 2012, no projeto de pesquisa “Expressões da Cultura de Massa e da Cultura Popular em Belém na segunda metade do século XX”¹², coordenado pelo professor doutor Maurício Costa, foi importantíssima no amadurecimento das ideias sobre a temática. Nesse sentido, surgiram os seguintes questionamentos: Qual o alcance social das representações produzidas na imprensa paraense por escritores/cronistas acerca dos festejos juninos na cidade de Belém do Pará nos anos de 1950? De que forma esta produção discursiva se relaciona com as transformações socioculturais em Belém no recorte temporal proposto?

Além disso, a vida cotidiana, desde menininho, também influenciou na escolha do tema. Lembro, claramente, de minha paixão pelos festejos juninos desde meus sete ou oito anos de idade, quando eufórico ensaiava e dançava a famosa quadrilha nas ruas do bairro do Guamá, onde até os dias de hoje resido. Não meço esforço em dizer que sou perdidamente apaixonado pelas festas juninas em suas mais variadas dimensões, incluindo também a histórica. Hoje não mais participo com grande intensidade desse momento festivo, mas, sempre que posso, transito entre um espaço e outro acompanhando espetáculos relacionados à quadra junina, como, por exemplo, os concursos de quadrilha, apresentações de boi bumbá, cordões de pássaros e de grupos parafolclóricos, nos quais, no início de minha juventude, tive o prazer de participar.

Tendo em vista o desenvolvimento de pesquisa acadêmica, debruzei-me sobre trabalhos produzidos que traziam em voga a temática dos festejos populares, dando grande atenção àqueles referentes aos festejos juninos, como, por exemplo, artigos, monografias, dissertações e teses produzidas por discentes e docentes da Universidade Federal do Pará (UFPA) e de outras universidades da região e do Brasil. Por meio dessas produções, pude perceber que as festas juninas eram, algumas vezes, citadas nos estudos sobre a temática dos festejos populares da região, principalmente em Belém, carecendo de abordagens mais densas sobre o assunto em questão.

¹² A pesquisa buscou levantar elementos para a compreensão da relação entre a cultura de massa radiofônica e bailes dançantes populares em Belém a partir da década de 1950, contexto em que desempenham papel principal os sonoros, as casas de festa representadas por sedes profissionais, gafieiras e cabarés e onde têm preponderância ritmos musicais como bolero e merengue, dentre outros, cantados e tocados tanto por artistas brasileiros quanto por estrangeiros, difundidos por rádios locais. A emergência deste tipo de festa popular levou à consolidação de um modelo festivo recorrente nas décadas seguintes, cuja atmosfera histórica buscou-se delinear na pesquisa em questão.

Nesse sentido, esta dissertação busca contribuir de forma significativa para os estudos sobre festas populares em Belém do Pará. Utilizo aqui o conceito de representação proposto pelo historiador francês Roger Chartier. Para este autor, não existe um discurso neutro, já que eles produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade e até mesmo legitimar escolhas. Nesse sentido, as representações “marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe”. Para Chartier essas narrativas são tidas de formas importantes e “produtivas analiticamente não tanto pela descrição de uma dada realidade, e sim pela construção dialógica num jogo que incluía continuamente interesses, embates e negociações”¹³.

Sendo assim, o presente trabalho busca investigar esses festejos através dos periódicos que circulavam na cidade, principalmente os jornais *O Liberal*, *Folha do Norte*, *A Província do Pará*, *O Estado do Pará*, *A Vanguarda* e *Revista Amazônia*, publicados na década de 1950, assim como romances memorialísticos que falam sobre as festas juninas no período em questão, tendo em vista que “esses meios trazem à tona os eventos [e] igualmente os significados que estes tiveram na vida da população”¹⁴ local, levando em consideração que as matérias veiculadas pela imprensa não são aqui apropriadas como fotografia do passado, mas como instrumentos e pistas que nos auxiliam na interpretação desse. A imprensa é entendida aqui como meio de divulgação de pontos de vista de literatos e jornalistas e que, portanto, reflete seus interesses particulares e seus vínculos sociais.

Este estudo percorre a produção de representações intelectuais sobre a história dos festejos juninos na Europa e no Brasil, tendo em vista perceber as mudanças e permanências nas práticas sociais que englobam elementos desse momento festivo. Discuto também a presença e as formas de animação dessas festas nos diversos espaços de Belém, apresentadas nas páginas de jornais e revistas da cidade. Nelas, ficção e realidade misturavam-se nas descrições presentes nas fontes consultadas sobre as festas juninas, que permitiam aos leitores encontrar, ao longo dos textos, os interesses de quem o produz e para quem se produz. Busco, com isso, analisá-las não como um retrato fiel da realidade e sim como um documento complexo, resultado de interesses e escolhas por parte de quem a promove e da influência do contexto político, econômico e social no qual a festa está inserida.

¹³ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 5, 1991. p. 181.

¹⁴ LACERDA, Franciane Gama. *Imprensa e Poesia de Cordel no Pará nas primeiras décadas do século XX*. ANPUH/SP-USP. São Paulo, set. de 2008. Cd-Rom, p. 11.

Além disso, a cidade de Belém do Pará é apresentada a partir de sua espacialização festiva, considerando-se as mudanças urbanas e suas relações com as festas no subúrbio e no centro da cidade. Por tanto, foram colocadas em foco as múltiplas manifestações populares desenvolvidas nas ruas e nos espaços dançantes espalhados ao longo da urbe, tais como praças, bosques, escolas e clubes desportivos, entendidos como “espaço[s] intermediário[s] entre o público e o privado, entre o[s] espaço[s] vivido[s] e imaginado[s], (...) onde se sobrepõem saberes e práticas rurais e urbanas”¹⁵.

Diante de uma vastidão de tipos de fontes históricas, está presente também a literatura, vista, desde a segunda metade do século XX, como documento importante para a compreensão da sociedade do passado. Nesse sentido, as contendas acerca das representações literárias sobre os festejos juninos de Belém do Pará, no período em questão, também ganharam as páginas dessa dissertação. Por isso, desenvolvo aqui uma breve discussão sobre os estudos de folclore no século XX e o reflexo dessa área do conhecimento nos escritos de intelectuais. Além disso, textos sobre os festejos juninos, de literatos que escreviam nas páginas das gazetas que circulavam em Belém, também foram analisados, tendo em vista perceber a relação do discurso desses sujeitos com o modo de festejar praticado na capital do estado do Pará nos anos de 1950.

“Chegou junho barulhento, cheio de novidades e foguetinhos”¹⁶, aproveite-o!

¹⁵ RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do bairro do Jurunas**: sociabilidade e construção de identidades em espaços urbanos. Belém: Editora do NAEA, 2008. p. 19.

¹⁶ Mês das fogueiras. Jornal **A Província do Pará**, 02 de junho de 1951.

CAPÍTULO I
A FESTA EM QUESTÃO

A FESTA EM QUESTÃO

1.1. DE FESTEJO EUROPEU À FESTIVIDADE BRASILEIRA¹⁷.

No Brasil, o momento festivo conhecido como quadra junina tem como pontos altos três grandes dias: 13, 24 e 29 de junho. Dias esses em que se comemora Santo Antônio, São João e São Pedro, respectivamente. Em diversas localidades do país, essa festa ganha espaço durante quase todo o mês de junho e é vivida a base de intensa música, bebida e comidas típicas da época, muitas das quais são derivadas do milho e da mandioca. Para Luciana Chianca, essa festividade é, de maneira geral, vista como “três partes de um mesmo ciclo”, que se encaixa dentro de um sistema de “fecundação, produção e reprodução humana”, tidos como um conjunto de significados simbólicos que decorre do período em questão: o da colheita¹⁸.

Essas festas, tendo raiz na cultura europeia, embalsamaram-se dentro da periodicidade da produção agrícola, a qual induziu o homem a celebrar e congregar com seus iguais as épocas de semeaduras e da colheita. Elas (as festas juninas) nasceram dos cultos voltados, geralmente, a uma divindade protetora das plantações, sendo resignificadas com o advento do cristianismo¹⁹.

Derivadas, no Brasil, dos costumes e tradições portuguesas, as festas juninas têm origem na França, no século XII, onde buscavam celebrar o solístico de verão (dia mais longo do ano, entre os dias 22 e 23 de junho), tido como véspera das colheitas. De acordo com Rita de Cássia do Amaral “assim como outras festas de origens pagãs, essa celebração do solístico

¹⁷ Neste tópico, não pretendo me debruçar acerca da **busca das origens** dos festejos juninos para explicar o objeto em questão, o que, talvez, para o historiador, seja um dos principais erros, pois, como observa Peter Burke, tal atitude parece deixar de fora períodos históricos significativos para a compreensão desse festejo. Sobre isso, o historiador francês Marc Bloch, em seu livro *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*, indica que o perigo da pesquisa histórica se encontra justamente nessa “obsessão das origens”, onde tudo se inclina para a imensa importância dada às origens dos fatos. Diante disso, pretende-se nesse tópico, recuando um pouco aos tempos antigos, compreender as mudanças e permanências culturais ligadas aos festejos populares, nesse caso, aos festejos juninos, processados, reinventados e re-significados ao decorrer dos tempos, tendo em vista que “o conhecimento de seus primórdios não basta para explicá-los”. Sobre isso, consultar BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010; BLOCH, Marc. O Ídolo das Origens. In: BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

¹⁸ Consultar: CHIANKA, Luciana. **Para onde vai a festa? Festa Junina em Natal/RN. Vivência**. UFRN/CCHLA, Natal, v.13.1999.

¹⁹ DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000. p. 13.

ou das colheitas, como também ficou conhecida, foi ainda integrada às comemorações cristãs, sendo apresentado ao novo mundo através de um caráter de devoção religiosa”²⁰.

Ao integrar, após o surgimento do cristianismo, tais comemorações ao calendário cristão, a Igreja Católica buscou, na Europa, dar novos significados às práticas pagãs, as quais, muitas, estavam ligadas ao fogo, que em um primeiro momento para a igreja, representava a destruição e perdição de grandiosas obras divinas, “sem falar que as festas do fogo eram consideradas excessivamente licenciosas, inclusive no sentido da liberação sexual”. No entanto, em um segundo momento, com a ressignificação dos símbolos pagãos, pela igreja, os fogos, representados até os dias de hoje pela fogueira, durante os festejos juninos, “passaram a ser admitidos como ‘fogos eclesiásticos’”, tornando a fogueira sinônimo de purificação, o que mais tarde terá uma intensa ligação com as questões inquisitoriais²¹, pois “o fogo que arde também purifica”²².

Os fogos eram perseguidos localmente por monges e bispos obstinados em acabar com todos os ritos pré-cristãos. Somente no Concílio de Trento (1545-1563) a Igreja encontrou uma solução: as fogueiras de solstício passaram a ser admitidas como “fogos eclesiásticos”. Para isso, foram banidos todos os sentidos que a Igreja Católica chamava de “supertições”. A fogueira, agora, era sinônimo de purificação – qualidade que a transformou em símbolo das execuções da Inquisição²³.

No texto publicado no jornal *A Província do Pará*, Maria Brígido aponta que, desde tempos imemoriais, o culto ao fogo e ao sol era realizado pelos homens, aos quais esses praticavam com grande reverência e tinham desmedido respeito a esses elementos. Essa autora indica ainda que dentro das festas juninas, o dia 24 de junho ganha destaque por ser visto, em algumas localidades do Brasil, como a “data cultural do fogo, adaptada ao culto cristão daquele santo” [São João] e, por esse motivo, “festejada à sociedade pela ingênua e

²⁰ AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à Brasileira**: significado de festejar, no país que “não é sério”. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. p. 159.

²¹ CHIANCA, Luciana. Chama que não se apaga. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 4, n. 45, jun. 2009. p. 20-21.

²² CHIANCA, Luciana. São João: a mais brasileira das festas. In: COLÓQUIO FESTAS E SOCIABILIDADES, 2., 2008, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2008. Disponível em: <https://anaiscolquiofestas2.files.wordpress.com/2011/08/ii-colc3b3quio-festas-e-sociabilidades-anais-completo_lt.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2014. p. 142.

²³ CHIANCA, Luciana. CHIANCA, Luciana. **Chama que não se apaga**, op. cit., p. 20.

espontânea piedade do povo”, pelo qual “são reconhecidas as fórmulas mágicas e pagãs” utilizadas desde antigamente²⁴.

Peter Burke observa, sobre a presença e a força da Igreja Católica na Europa que essa, há muito tempo, tinha o poder de converter a cultura europeia num conjunto unitário – onde as mesmas festas eram vividas por toda aquela região, assim como os mesmos santos tinham de ser venerados em todos os cantos do continente²⁵ -, “disciplinando” e controlando a população, de modo a reforçar os laços de obediência dos indivíduos para com a Igreja.

Chegando ao país por meio dos portugueses, imbricados aos costumes franceses, as festas juninas mantinham uma relação, a princípio, muita próxima com a Igreja Católica. No entanto, aos poucos, esses festejos distanciaram-se da religião tida como oficial na época, “dando novo vigor às celebrações urbanas” brasileiras, como bem aponta Chianca, “de origem europeia, a festa junina recuperou no Brasil a sua expressão de festa laica e popular, mesmo com a influência da Igreja Católica desde sua colonização no século XVI”²⁶.

Sobre esses festejos, Lorenzo Aldé assim o apresenta:

é divertido ver como a festa popular subverte e reinventa seus símbolos religiosos. Nada mais justo do que essa constante volta às origens, uma vez que foi a Igreja, na Idade Média, o que inventou de se apropriar de ritos pré-cristãos, moldando-os de acordo com seus dogmas. Por mais que tenha santo até no nome e inúmeras referências religiosas – capelinha, compadrio, casamento, padre, bandeira –, não tem jeito: o São João é do povo²⁷.

Os festejos juninos são, talvez, as manifestações culturais que mais tenham se transfigurado ao longo do tempo e ganhado formas diferentes em localidades diversas, chegando a ser considerados, pelo pesquisador e antropólogo Roger Bastide, como “a mais brasileira das festas”²⁸.

Para Hobsbawm, “a invenção das tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição”, na qual se buscou conservar os costumes do que aconteceu tempos atrás a partir de uma nova condição ou “usar velhos modelos para novos fins”. Nesse sentido,

²⁴ FOLCLORE – Da Comissão Paraense de Folclore. O culto do fogo – das festas solsticiais à de S. João. **A Província do Pará**. 28 e 29 de junho de 1992.

²⁵ BURKE, Peter, op. cit., p. 89.

²⁶ CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **Revista Antropológicas**, ano 11, v. 18, n. 2, p. 49-74, 2007. p. 49.

²⁷ ALDÉ, Lorenzo. Isto é São João? Banho de rio, dança indígena, culto a Xangô. A festa se reinventa na diversidade brasileira. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 4, n. 45, jun. 2009. p. 30.

²⁸ Sobre isso, ver: CHIANCA, Luciana. **Chama que não se apaga**, op. cit., p. 18-23.

as práticas antigas, sejam quais foram, tiveram, mesmo que minimamente, alterações, procurando atender aos propósitos individuais ou coletivos²⁹.

Portanto, aproximar as festas religiosas ao cotidiano dos indivíduos reforça a diminuição do aspecto religioso nela inserida e passa a dar ênfase ao lúdico, a diversão, ao exagero; “aumentando a expectativa, aumentando também a frustração; daí o risco de tornar-se manifestação folclórica sem um sentido religioso propriamente dito”³⁰. Nelas, os brincantes apresentam diversos aspectos de um universo cultural a partir das suas práticas, dos símbolos presentes no meio social em que vivem e dos ritos vividos por eles em seus espaços sociais, muitas vezes criticando as hierarquias dominantes, bem como as cerimônias oficiais organizadas pela Igreja e pelo Estado³¹.

Diante disso, Mary Del Priore observa que os esforços em atrair a população para os momentos festivos, no século XVIII, não eram poupados. Toda organização era preparada dentro dos dois planos – religioso e profano – talvez, tentando demarcar seus espaços no âmbito social no qual a festa estava sendo realizada³².

Com a vinda da família real para o Brasil, em 1808, vários hábitos festivos atrelaram e desenvolveram-se em terras brasileiras, contribuindo ainda mais com as celebrações urbanas, fossem elas de caráter religioso ou profano. A presença das músicas e danças desenvolvidas nos salões reais de Portugal foram adaptadas e apresentadas nos espaços de diversão da, até então, colônia portuguesa, como, por exemplo, a quadrilha, que de origem nobre foi reinventada e popularizada, marcando as festas juninas de diversas localidades do país, presente até os dias atuais e, também, vista por muitos como o símbolo principal desse momento festivo³³.

Percebe-se que as festas, fossem elas juninas ou não, traziam normalmente, em seu seio, uma mistura de ritmos e ritos populares e religiosos, havendo ainda “misturas de estilos, sons e partituras [além das misturas dos] corpos”³⁴. Logo, essas festas, como observa Del Priore, sustentavam a farsa, a fantasia e o divertimento de muitos, havendo uma intensa troca

²⁹ Consultar HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.), **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

³⁰ LOPES JÚNIOR, Orivaldo Pimentel. Festa e religiosidade. **Vivência**. UFRN/CCHLA, Natal, v.13. 1999. p. 38.

³¹ Ver: PETRUSKI, Maria Regina. **Julho Chegou... E a Festa Também**: Sant’Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

³² DEL PRIORE, Mary, op. cit., p. 31.

³³ Sobre isso, Cf., CHIANCA, Luciana. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Revista Sociedade e Cultura**. UFG, Goiás, v. 10. Jan/Jun, 2007. p. 45-59.

³⁴ DEL PRIORE, Mary, op. cit., p. 18.

cultural entre a elite e o povo, desencadeando o que Mikhail Bakhtin aponta como “circularidade cultural”³⁵.

Portanto, a festa servia como espaços comuns de trocas³⁶, momentos especiais, os quais podiam fugir do cotidiano e celebrar intensamente a alegria. Ou seja, tais rituais festivos podem ser entendidos como “uma válvula de escape para as tensões e conflitos existentes em todas as sociedades, o que não significa exatamente que eles funcionem como fórmulas de subversão social.”³⁷.

De acordo com Rossini Tavares de Lima³⁸, assim como observa Luciana Chianca, as festas juninas são vistas também como uma festa familiar, não no sentido dado às comemorações natalinas, restritas a parentes, mas sim uma festa que, de uma forma ou de outra, se estende aos amigos e vizinhos.

Dentro dessa tradição, o São João, entre nós, é particularmente a festa do lar, da casa, da família. É a ocasião propícia para a reunião dos parentes e amigos mais chegados e nesse aspecto possui uma função sexual bem definida. Como na Europa, constitui momento favorável para as moças casadoras realizarem seus objetivos. Nêle se observam indisfarçáveis traços da ação conjunta dos mais velhos para sugerir namoros, o encontro dos dois sexos com finalidades matrimoniais. O chefe da casa quer preservar a família, promovendo casamentos no círculo de amizades, com o fim de garantir a coesão e o *status* social.³⁹

As festas, desde o período colonial, passaram a ser momentos em que, por de trás, estavam às múltiplas trocas de olhares, às funções políticas, sociais e religiosas; transformando-se no que Del Priore apresenta como uma verdadeira “ponte simbólica entre o

³⁵ Cf., BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

³⁶ Cf., DEL PRIORE, Mary, op. cit., p. 12-13.

³⁷ SILVA, Maria Manuela Ramos de Souza, op. cit., p.40.

³⁸ Folclorista renomeado entre os demais da época, Rossini Tavares de Lima, também historiador, foi fundador e diretor da revista do Folclore, na qual apresentou pesquisa acerca das manifestações culturais paulistas e nacional. Nesse sentido, incentivou e divulgou as artes populares e de origem em diversos espaços midiáticos (livros, revistas e jornais), principalmente a partir da segunda metade do século XX, participando também, no final da primeira metade do século passado, da criação do Centro de Pesquisa Folclórica Mário de Andrade. No Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, foi professor de Folclore Nacional e História da Música, tendo, nessa última cadeira, ganhado significativo destaque. Sobre isso, consultar: REIS, Cláudia Vendramini. **Pavilhão das culturas brasileiras**: o usos social do acervo Rossini Tavares de Lima. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. CELACC/ECA – USP.; **Enciclopédia da Música Brasileira** - Art Editora e Publifolha - 2a. Edição – 1998. Disponível em: <http://jlnogueira.no.comunidades.net/rossini-tavares-de-lima>. Consultado em 31 de agosto de 2015.

³⁹ LIMA, Rossini Tavares de. Alguns Complexos Culturais das Festas Joaninas. **Revista Brasileira de Folclore**. Nº. 1 (9). Set/Dez, 1961. p. 18.

mundo profano e o mundo sagrado”, confirmando a ideia de que os territórios de ambos não estavam totalmente estabelecidos⁴⁰.

Debruçando-se, por muito tempo, nos estudos a cerca do ritual e das festas, o pesquisador e sociólogo Émile Durkheim em seu livro, considerado clássico por muitos pesquisadores das humanidades, “As formas elementares da vida religiosa”, aponta, segundo Rita de Cássia do Amaral, que “os limites que separam os ritos representativos das recreações coletivas são “flutuantes” e ainda afirma que uma característica de toda religião é exatamente o “elemento recreativo e estético”⁴¹, “é que, além dos santos, há a solidariedade social, garantia do contrato que nos liga uns aos outros”⁴² e os ritos, qualquer que sejam eles, “traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, seja individual, seja social.”⁴³.

Portanto, os festejos populares e os rituais, como acentua o pesquisador Antonio Maurício Costa, são “períodos e eventos que suscitam a aproximação entre os indivíduos e que colocam as relações sociais em estado de efervescência”⁴⁴, ultrapassando a vida social estabelecida, “purificando” e “renovando” a sociedade na qual a festa está inserida.

É importante esclarecer que o que está sendo apontado no tópico em questão são representações intelectuais sobre os festejos juninos europeus e sua resignificação em terras brasileiras, sendo esses apontamentos tomados, por outros intelectuais, brincantes e festeiros, como legitimidade social e cultural das festas juninas em diversos espaços do país.

Essas narrativas são tomadas, neste caso, como construção discursiva, já que os intelectuais, além de serem críticos, eram também participantes ativos das festas juninas, contribuindo para o processo de desenvolvimento e consolidação da festividade. Além disso, tais discursos podem também, como aponta Chartier⁴⁵, serem vistos como estratégias e práticas com tendências a legitimar escolhas, o que pode ser observado também ao longo do texto.

⁴⁰ Cf., DEL PRIORE, Mary, op. cit., p. 27.

⁴¹ DURKHEIM, Émile. Les formes elementaires de la vie religieuse. 1968 *apud* AMARAL, Rita de Cássia, op. cit., p. 25.

⁴² MÉRIOT, Christian. Festas, máscaras e sociedades. **Vivência**. UFRN/CCHLA, Natal, v.13.1999. p. 7.

⁴³ DURKHEIME, ÉMILE. Sociologia. In: RODRIGUES, José Albertino (Org.). **Coleção Grandes Cientistas Sociais**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1984, p. 148.

⁴⁴ COSTA, Antonio Maurício. **Festa na cidade**: o circuito bregueiro de Belém do Pará. Belém: EDUEPA, 2009. p. 70-71.

⁴⁵ CHARTIER, Roger, op. cit., p. 173-191.

1.2 FESTA JUNINA E IMPRENSA EM BELÉM DO PARÁ NO SÉCULO XX.

Dois de junho de 1951. O jornal *A Província do Pará* traz estampada na coluna “VIDA SOCIAL”, na página 5, a seguinte manchete: “Mês das fogueiras”. O artigo ali apresentado era um alerta à sociedade que o “junho barulhento, cheio de novidades e foguetinhos” havia chegado. Iniciava-se, mais uma vez, os festejos da “ruidosa quadra joanina” alimentando a alegria dos brincantes e “dando vida e encanto” aos bairros do subúrbio e centrais da capital paraense.

Nas noites dos santos festejados em junho⁴⁶, em diversas localidades de Belém do Pará, os dizeres “Santo Antônio disse... São João confirmou... Que Jesus Cristo mandou... Que você será minha noiva”, ecoavam diversas vezes por sobre as fogueiras construídas, quase sempre, de “tabuas velhas, galhos de mangueiras e até pedaços de estacas, furtadas certamente dos quintais vizinhos pela garotada levada da bréca...”⁴⁷.

Isso também pode ser observado no livro “Histórias do meu suburbio: chronicas humorísticas” de Lindolpho Mesquita, também conhecido como Zé Vicente. Nesse livro, o autor busca, de forma cômica, apresentar ao leitor um pouco das histórias vivenciadas ou ouvidas pelo mesmo nos subúrbios da capital paraense, no final da primeira década do século XX.

Sobre as práticas populares, no entorno da fogueira, durante a quadra junina, Zé Vicente narra um dos principais momentos vividos, principalmente, pelos jovens do subúrbio belenense: o pular da fogueira. Com o título de “Passando Fogueira”, o autor descreve, quiçá, o início de um relacionamento entre um casal de jovens de um bairro pobre de Belém, relacionamento esse que, aparentemente, não seria bem visto pela mãe da moça e que, provavelmente, terminaria no matrimônio dos enamorados no cartório e na igreja.

Quando a fogueira estava mais baixa, a Nonóca convidou:

- Vamo agora passá de primo?

O Belmiro deixou o chapéo na cadeira, repuxou mais os cós das calças, apertou o cinturão noutro buraco, e saíu para o meio da rua.

⁴⁶ São muitos os santos festejados durante o mês de junho, no Brasil. No entanto, entre eles, destacam-se, diante do prestígio que desfrutam entre os brasileiros e da grandiosa veneração desses indivíduos para com esses santos que constitui uma bela tradição da nossa gente, três: Santo Antonio, São João e São Pedro.

⁴⁷ Fogueiras e Balões. *A Província do Pará*. 13 de junho de 1957, p.6.

A meninada corria de um lado para o outro, atirando brazas para cima, numa gritaria ensurdecedora.

Ahi o Belmiro virou-se para o lado da Nonóca, a vêr se a mãe desta estava observando, e declarou:

- Eu num quero passá de primo.

- De qui é, então, qui tu qués?

- Eu quero passá de marido.

A Nonóca ficou vermelha e observou:

- Mas eu nunca vi se passá fogueira de marido e muié. Eu tenho visto de primo, cumpadre e de mano...

- Isso era antigamente. Agora a gente já tem mais liberdade.

A pequena passou para o outro lado, a mão presa na do Belmiro:

- São João disse e São Pedro confirmou que nós haverá...

Ficou com vergonha de dizer o resto, mas o Belmiro completou;

- Que nós haverá de se casado, que Santo Antônio mandou.

Ao terminar, elle beijou a mão da Nonóca e murmurou:

- Boa noite, minha esposa...

E ella respondeu:

- Boa noite, meu marido.

O Belmiro ficou radiante com aquillo, o coração palpitante mesmo, tanto que não resistiu e puxou a Nonóca, dando-lhe um beijo nos olhos ardentes de fumaça.

Foi nesse momento exacto que a mãe da pequena surgiu na porta, dando de cara com aquelle lindo postal joannino.

A Nonóca não poudé se justificar sem confessar:

- Nós... nós... passemos fogueira de marido com muié, mamãe.

A velha agarrou o Belmiro pelo braço e ameaçou:

- Pois, então àgora você vae vê que qualidade de sogra foi arranjà.

E concluiu:

- Esta noite você casou na fogueira, mas amanhã tem que casá no civir e no catholico, praquê eu num quero vê adispois os meus netos prijudicado por falta dos papeos que a lei inzige⁴⁸.

Dentro das representações e construções estabelecidas a partir dos parâmetros intelectuais presentes na imprensa, esse era o encanto do mês que invadia as páginas dos jornais, livros e revistas que circulavam na cidade, bem como, diversos espaços dançantes de Belém, que afloravam os desejos das moças e rapazes que praticavam, com veemência, as superstições⁴⁹ e credices em busca de sorte, quase sempre, no amor. Mês dos banhos

⁴⁸ MESQUITA, Lindolfo (Zé Vicente). Passando fogueira. In: MESQUITA, Lindolfo (Zé Vicente). **Historias do meu suburbio**: chronicas humoristicas. Ofs. graf. da Revista da Veterinária. Belém – Pará. 1941. p. 27-28.

⁴⁹ Encontrada em todos os segmentos da sociedade (pobres, ricos, moços, velhos, homens e mulheres), é tudo aquilo que o ser humano, sem fundamentos científicos, acredita apenas por medo. Segundo Renato Almeida, as supertições têm origem no irracionalismo mágico, onde “é curioso verificar que a maioria das pessoas é absolutamente escravas de seus temores, de coisas ou seres que lhe podem dar sorte ou azar, que lhe fazem bem ou mal”. Esse autor define as supertições em três grupos/ordens: palavras, pensamentos e atos. Sobre isso, ver: ALMEIDA, Renato. Manual e Coleta Folclórica. Rio de Janeiro. 1965. *apud* GRINBERG, Isaac. **Folclore de Mogi das Cruzes**. LIS – Gráfica e Editora LTDA. São Paulo. 1981. p. 65.

cheirosos feitos das cascas e raízes encontradas no âmago da Amazônia, dos trajes caipiras⁵⁰, dos “casamentos na roça”, dos bailes embalados pelos jazzes orquestras, pelos conjuntos de Pau e Corda e pelos sonoros; dos bumbás que embelezavam as praças, bosques, terreiros⁵¹ e clubes em busca do título de melhor do ano, o “mês da felicidade”, cheio de utopias, de sons, sabores, danças e cores.

Esses festejos ganhavam as páginas dos jornais e das revistas da cidade⁵² nos últimos dias do mês de maio, quando se verificava espaço para as propagandas de vendas de tecidos característicos de trajes juninos, de bebidas, de discos com músicas “próprias” para o momento festivo e de fogos de artifício, o que era intensificado durante todo o mês de junho.

Desde pelo menos as primeiras décadas do século XX, os jornais e revistas que circulavam em Belém do Pará preocupavam-se em trazer em suas páginas “cenas” do dia a dia da capital paraense. Entre um número significativo de jornais e revistas locais, *A Revista Belém Nova*, dirigida pelo poeta paraense Bruno de Menezes e que teve diversas contribuições da intelectualidade local e nacional e, talvez, a mais popular que circulou na cidade durante os anos de 1923 a 1929, que em sua configuração parecia romper com o que até então já havia sido visto no campo das artes paraenses, pois revelava através da fotografia, das propagandas, da crônica, do cinema, da pintura, do teatro e da poesia, os acontecimentos do cotidiano brasileiro⁵³.

Sobre o que foi apontado, Maria de Lourdes Eleutério observa que:

Nesse período de transformação, a imprensa conheceu múltiplos processos de inovação tecnológica que permitiram o uso de ilustração diversificada – charge, caricatura, fotografia –, assim como aumento das tiragens, melhor qualidade de impressão, menor custo do impresso, propiciando o ensaio da comunicação de massa. (...) Foram tempos de expansão da grande imprensa,

⁵⁰ Vestimentas inspiradas nos trajes de homens e mulheres que vivem no campo, os quais são confeccionados, principalmente, com tecidos de chitas, cujos preços são inferiores aos demais tecidos.

⁵¹ Os terreiros juninos eram arraiais organizados principalmente em espaços públicos como ruas e avenidas ou em terrenos abandonados encontrados ao longo da cidade, geralmente em trechos do subúrbio da capital paraense. Segundo Antonio Maurício Dias da Costa, o termo terreiro aparentemente estava relacionado aos espaços de apresentação de grupos juninos chamados de boi bumbá, o que muito se assemelhava aqueles conhecidos como cordões de pássaros e de bichos, os quais passaram a se apresentar em “currais” (espaços fixos e cercados) que poderiam se encontrados em diversos bairros de Belém, após a proibição de circulação desses grupos pela cidade a partir de 1922. Sobre isso, consultar: COSTA, Antonio Maurício Dias da. *Espacialização Festiva em Disputa: estado, imprensa e festeiros em torno dos terreiros juninos de Belém nos anos de 1970. Interseções (UERJ)*, v. 14, p. 304-333, 2011.

⁵² Os periódicos da década de 1950 consultados para a pesquisa em questão foram: **O Liberal**, **A Província do Pará**, **A Folha do Norte**, **O Estado do Pará**, **A Folha vespertina** e a **Revista Amazônia**.

⁵³ Sobre isso, ver: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos Modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929)**. 2001. Tese de doutorado. São Paulo: UNICAMP. 2001.

com impressos de vários matizes políticos, muitos de expressão reivindicatória, periodicidade variada, segmentação enriquecida e pluralidade temática, sobre tudo nos cenários urbanos que se modernizavam⁵⁴.

Ao longo dos anos, os magazines e os jornais comercializados em Belém do Pará, intensificaram-se, mudando, consideravelmente, sua forma. De acordo com Leonardo Affonso Pereira, desde o final do século XIX, o jornalismo, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, passa a ser “um poderoso e eficaz meio de comunicação de certa parcela da sociedade” e quase sempre era composto por jornalistas, políticos e literatos, que ao escreverem nas páginas dos periódicos, deveriam obedecer aos códigos particulares a eles impostos, por exemplo, apresentar “um texto leve e um texto acessível: era preciso ainda trazer, nas folhas, aqueles temas de interesse do maior número de seus possíveis compradores”, tendo em vista tratar de assuntos que eram de importância dos consumidores e “fora do mundo das letras”, como as festas da Penha, os jogos e o carnaval, convertidos em grandes temas jornalísticos e literários⁵⁵.

Segundo Valéria Guimarães, esses fatos diversos, tratados pela imprensa nacional no século XX, eram comuns nas páginas de jornais e revistas que circulavam, desde pelo menos meados do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos. Para ela, uma das principais características da imprensa brasileira, principalmente aquela situada no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, ao tratar dos acontecimentos do dia a dia, em forma de crônicas, era “o recurso da ficção para tornar a notícia a um só tempo mais interessante ao leitor”⁵⁶.

Se na primeira metade do século XIX a imprensa nacional “permanecia com um formato preferencial de uma imprensa significativamente voltada para as causas políticas e em menor escala para as manifestações literárias”⁵⁷, no final desse mesmo século e início do século XX anuncia-se outra tendência na escrita dos periódicos, ou seja, há uma diversificação de temas em que “a política mantinha seu espaço, mas o crescimento urbano propiciava o ímpeto de se reportar novos focos de notícias”⁵⁸, notícias essas que ganharam

⁵⁴ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 83.

⁵⁵ PEREIRA, Leonardo. Sobre confetes, chuteiras e cadáveres: a massificação cultural no Rio de Janeiro de Lima Barreto. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, p. 231-241, fev. 1997.

⁵⁶ GUIMARÃES, Valéria. Os dramas da cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX. **Rev. Bras. Hist.** vol.27. n. 53. São Paulo. Jan./Jun, 2007.

⁵⁷ MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 45.

⁵⁸ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 83.

espaços e continuaram até, pelo menos, a segunda década do século XX satisfazendo, ou não, os leitores.

Em Belém do Pará, nos anos de 1950, a prática apresentada acima, por Leonardo Pereira e Valéria Guimarães, intensificou-se. Os jornais e revistas produzidos na capital como, por exemplo, a *Revista Amazônia* e os jornais *O Liberal*, *Folha do Norte*, *A Província do Pará*, *Folha Vespertina* e *O Estado do Pará*, entre outros, traziam em suas páginas a “fórmula” do texto “claro e acessível”, bastante difundida no Brasil na virada do século XIX para o XX.

Nesse período, em âmbito nacional, percebe-se um redimensionamento na imprensa, isto porque contava com a consolidação do rádio nos lares brasileiros e com a introdução da televisão como novo meio de comunicação, fatores estes que, de maneira relevante, surtiram efeitos particulares na forma como os jornais e revistas se estruturavam⁵⁹. Novos elementos foram incorporados ao corpo noticiário trazidos no dia a dia ao povo paraense como, por exemplo, anúncios de vendas de rádios portáteis nacionais e estrangeiros, programação dos eventos realizados por emissoras de rádios, propagandas de vendas de discos, colunas diárias religiosas, notícias de outras partes do Brasil e do mundo, além, claro, da intensificação dos anúncios de bailes dançantes realizados nos clubes recreativos situados na capital paraense⁶⁰, o que “assinala a importância atribuída pela opinião pública aos lazeres públicos e de massa”⁶¹.

Os periódicos que circulavam em Belém, nesse período, diferenciavam-se significativamente daqueles do início do século XX. Bem distantes, estes não buscavam somente abordar temas políticos, literários e noticiosos, que ocupavam, na maioria dos casos, números de páginas menores do que estamos acostumados ver. Abordavam também cenas do cotidiano da cidade como, por exemplo, as festas, os jogos esportivos, atividades escolares e religiosas. Sobre esse processo de mudança na imprensa, Antonio Maurício Costa observa que:

⁵⁹ Sobre a questão, Cf., CALABRE, Lia, op. cit., e MARTINS, Ana L.; LUCA, Tania R., (org.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

⁶⁰ Deixo claro que essas publicações relacionadas a eventos culturais realizados na cidade faziam parte, desde pelo menos o início do século XX, das páginas dos periódicos do estado, no entanto, a partir do final da primeira metade desse século essas propagandas se intensificaram, ganhando um espaço maior dentro da imprensa local.

⁶¹ COSTA, Antonio Maurício; GOMES, Elielton. A “quadra joanina” na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém nos anos de 1950: “tradição interiorana” e espaço urbano. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v.24, n.1, p. 195-214, jan./jun. 2011. p. 197.

O período entre 1945 e o final da década de 1950 é conhecido nos estudos de história dos meios de comunicação no Brasil como a “Era do Rádio”. Em linhas gerais, esse rótulo se aplica a uma época de grande popularidade das emissões radiofônicas, do crescimento vertiginoso do público ouvinte, do sucesso das radionovelas, do lançamento de produtos inovadores de consumo e do grande sucesso de cantores populares tornados ídolos de massa. Tudo isso situado, aproximadamente, em um período entre duas ditaduras, a do Estado Novo, encerrada em 1945, e a do Regime Militar, iniciada em 1964⁶².

Em meados do século XX, a imprensa local parece buscar alternativas para sobreviver diante dos novos aparelhos de comunicação que surgiam no âmbito social brasileiro, alternativas essas que pairam, em quase todos os casos, nas propagandas dos mais variados produtos nacionais e estrangeiros, tendo a nova mídia – rádio e televisão – obtida espaços significativos nas páginas dos jornais e revistas que circulavam na cidade. Nesse período, os periódicos locais, – revistas e jornais de variedades – produziram registros significantes a cerca do alcance e da repercussão da programação festiva de Belém, sendo tais registros grandiosas pistas para a construção de conhecimento da festa junina do período.

Alguns jornais daquela época anunciavam, em suas páginas, os diversos festejos populares realizados em Belém, principalmente aqueles que giravam em torno do carnaval, festejos juninos e do Círio de Nazaré, apresentando ao leitor um pouco do cotidiano festivo da cidade. No entanto, “muitos são os cuidados a serem adotados por historiadores que lidam com fontes jornalísticas. Elas podem reportar uma versão dominante dos fatos do cotidiano”⁶³. Ou seja, como assinala Chartier, podem ser entremeados por discursos políticos e por influências socioculturais, em que tais discursos tendem a impor uma autoridade e até mesmo legitimar escolhas, pois segundo esse autor, as representações, nesse caso as jornalísticas, “marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe”⁶⁴.

Os festejos juninos realizados na cidade de Belém, através dos periódicos que circulavam na capital paraense nos anos 50, buscavam trazer “à tona os eventos [e] igualmente os significados que estes tiveram na vida da população”⁶⁵ local, levando em consideração que as matérias veiculadas pela imprensa não são aqui apropriadas como fotografia do passado, mas como instrumentos que nos auxiliam na interpretação desse.

⁶² COSTA, Antonio Maurício Dias da. “A cor local”: rádio e artistas da música popular em Belém nas décadas de 1940 e 1950. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 14, n. 25, jul.-dez. 2012. p. 152.

⁶³ COSTA, Antonio Maurício; GOMES, Elielton, op. cit., p. 197.

⁶⁴ CHARTIER, Roger, op. cit., p. 173-191.

⁶⁵ LACERDA, Franciane Gama. **Imprensa e Poesia de Cordel no Pará nas primeiras décadas do século XX**, op. cit., p. 11.

Assim, vale lembrar que a imprensa é entendida aqui como meio de divulgação de pontos de vista de literatos e jornalistas e que, portanto, refletem interesses particulares.

Desde muito tempo, o hábito de se festejar os chamados santos juninos ganhou espaços significativos, principalmente, nas cidades. Em Belém do Pará, nos anos de 1950, esses festejos, por um longo período, estavam atrelados tanto às questões religiosas – “catolicismo oficial” e “catolicismo popular” – como as práticas festivas profanas, ligadas aos divertimentos e, ao mesmo tempo, dialogando com as formas tradicionais e canônicas da religiosidade cristã.

Nesse contexto de festa, geralmente, três santos são ovacionados e festejados ao longo do mês de junho, no Brasil: Santo Antônio, no dia 13, São João, no dia 24, e São Pedro, no dia 29. No entanto, em algumas localidades do país, em especial em Belém do Pará, outro santo se junta aos citados anteriormente e completa, encerrando, as homenagens dessa quadra festiva; falo de São Marçal⁶⁶, celebrado no dia 30 de junho.

Sobre os festejos de santos realizados na capital paraense e em outras localidades do estado do Pará, Carmem Izabel Rodrigues aponta que:

Herdeiras de *tradições* seculares que consagraram esses santos protetores na capital e nas cidades do interior próximas a Belém, as festas atuais mantêm, por um lado, diversos elementos das festas mais antigas, ao mesmo tempo em que também se transformaram em outras festas, adaptadas à diversidade própria da modernidade urbana presente na cidade de Belém.⁶⁷

Nesse sentido, percebe-se que as festas juninas, em sua dimensão histórica e social, são uma prática que apesar de trazer, nos anos de 1950, um contexto quase que totalmente profanizado, dialoga, mesmo que de modo superficial, com o religioso, trazendo à tona a “experiência cultural mutante, ligada às diversas esferas da vida social, cuja reprodução está condicionada à multiplicidade de interesses de agentes internos e externos ao evento”.⁶⁸

⁶⁶ Também conhecido como São Marcial de Limoges, foi apóstolo de Aquitânia no século III e esteve entre os setenta e dois discípulos de Cristo, assistiu ao milagre da multiplicação dos pães, a ressurreição de Lázaro e foi quem segurou a toalha de Jesus, enquanto este lavava os pés, diante disso, e por numerosos milagres atribuídos a ele, São Marçal ganhou notória popularidade, sendo imediatamente canonizado por Vox Populi no século VI. Tendo como celebração o último dia do mês de junho (30), em Belém do Pará, era apresentado pela imprensa dos anos 50, como aquele responsável por encerrar a quadra festiva do mês em questão, no qual eram construídas fogueiras de paneiros e palhas em louvor ao santo homenageado. Disponível em: <http://evangelhoquotidiano.org/main.php?language=PT&module=saintfeast&id=12206&fd=0> . Acesso em: 14 out. 2015.

⁶⁷ RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do bairro do Jurunas**: sociabilidade e construção de identidades em espaços urbanos, op. cit., p. 224.

⁶⁸ COSTA, Antonio Maurício. **Festa na cidade**: o circuito bregueiro de Belém do Pará, op. cit., p. 76.

Portanto, as festas juninas, sejam na Amazônia, ou em outras localidades do Brasil e, até mesmo, fora dele, estavam sujeitas às modificações ou reinvenções, pois, como aponta Peter Burke, a cultura popular não era e nem é estática, muito menos, homogênea. Essa tinha e ainda tem como principal característica a heterogeneidade, que é uma consequência direta das relações sociais entre o campo e a cidade, o popular e o erudito⁶⁹. Ou seja, “o povo não é uma unidade culturalmente homogênea, mas está culturalmente estratificado de maneira complexa”⁷⁰, pois é impossível apontar onde começa uma esfera e onde termina outra.

Sobre os festejos populares realizados na Europa do século XVI, Peter Burke aponta a participação dos principais indivíduos daquela região, tanto como brincantes ou como organizadores das festas:

Não era apenas a nobreza que participava da cultura popular; o clero também, particularmente no século XVI. [...] Não era absolutamente incomum ver os padres a cantar, dançar ou usar máscaras nas igrejas em ocasiões festivas, e eram os noviços que organizavam a festa dos Loucos, grande festejo de algumas regiões da Europa.⁷¹

O que foi assinalado por Peter Burke, anteriormente, pode ser confirmado por Mikhail Bakhtin⁷², quando esse se debruça na análise do processo de *circularidade cultural* no contexto da obra do escritor Rabelais. Segundo esse autor, as múltiplas manifestações culturais, as quais ele dividiu em três – ritos e espetáculos, cômicas verbais e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro – estão estreitamente interligadas e combinadas de diferentes maneiras.

Em outras palavras, Bakhtin assinala que há uma espécie de enfraquecimento dos muros que até então existiam entre a cultura vista como “não oficial” – cultura cômica – e aquela ligada à literatura – cultura erudita – que representava o que Peter Burke chamou de “cultura letrada”. Percebe-se que esses autores, ao tratar do processo circular da cultura, referem-se às influências recíprocas estabelecidas entre a cultura do segmento dominante e aquela do segmento subalterno, apontando a clara apropriação do popular pela cultura erudita e vice e versa.

Portanto, pensar a cultura como algo homogêneo é esquecer e passar por cima de elementos comuns aos grupos que dela desfrutam; elementos esses derivados do processo de

⁶⁹ Sobre isso, ver: BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**, op. cit.

⁷⁰ *Ibidem*. pp. 57.

⁷¹ *Ibidem*. pp. 54.

⁷² Cf., BAKHTIN, Mikhail, op. cit.

hibridização, traduções, trocas e reconstruções culturais, tornando todas as culturas envolvidas entre si, pois “nenhuma delas é única e pura, todas são híbridas, heterogêneas”.⁷³

Nesse sentido, Carmem Izabel Rodrigues aponta que os festejos populares realizados na capital paraense, desde pelo menos o século XVII, são resultado do processo de *mestiçagem cultural* entre os diversos grupos que formaram a sociedade brasileira. Segundo essa autora, no Brasil, em especial na região amazônica, “o contexto colonial facilitou a fusão de mitos e tradições europeias seculares ao universo cultural ameríndios e africanos, produzindo seres e credos híbridos”.⁷⁴

No entanto, não devemos analisar esse processo de hibridização como algo que se deu de forma pacífica, pois “enquanto o sincretismo religioso se intensificava na razão direta do processo de colonização, a população mestiça era alvo de perseguições, acusada de práticas profanas e demoníacas”⁷⁵, práticas essas muitas vezes associadas aos momentos festivos e de lazer desses grupos.

Na capital paraense, as festas juninas, assim como outros eventos festivos, eram realizadas em diversos ambientes de sociabilidade, que iam desde praças públicas a instituições educacionais espalhadas ao longo da cidade, ocupando diferentes espaços, “embora as ruas e as calçadas fossem também o lócus da sociabilidade festiva”⁷⁶. Para compor esse momento de diversão, eram contratados grupos musicais (os jazzes orquestras e grupos de pau e corda), aparelhos sonoros de grande fama na cidade e eram, também, realizados amostras de boi bumbá e cordões de pássaros e bichos durante todo o mês de junho, alcançando a alegria dos moradores da cidade, como veremos a seguir.

1.3. A ANIMAÇÃO DOS DIAS FESTIVOS

1.3.1 ENTRE CURRAIS, PRAÇAS, TEATRO, RUAS E CLUBES.

Os dois combinaram ir assistir ao ensaio do “Boi Farofeiro”, cujo arraial estava fervilhante.

Mamãe, a sinhora deixa eu ir cum o Lixandre vê a cumedia do “boio”?

⁷³ BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003. p. 53.

⁷⁴ RODRIGUES, Carmem Izabel. Festividades Mestiças na Amazônia. **História Revista**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 235-259, jan.-jun. 2009. p. 236.

⁷⁵ *Ibidem*. p. 236-237.

⁷⁶ CHIANCA, Luciana. **A Festa do Interior**: são João, migração e nostalgia em Natal no século XX. Natal, RN: EDUFRN, 2006. p. 17.

Era só o qui fartava... Eu num te quero mettida pulos curráo desses bichos, não.

- Mas mamãe, lá é tudo direito e tem orde, ninguém se mistura cum gente ordinara.

- Eu posso deixá tu i, mas eu tombem vou.

-Mas pru favo a sinhora, condo dé nove hora, não se ponha cum o aperreio de vamo imhora, vamo imhora...

- Tá bão, já chega! Pulo que vejo tú já qué me gunverná, mas quem me mandava já morreu!

A' noite o Alexandre sahiu com a Enedina e mais a mãe desta para o arraial do <Boi Farofeiro>. ⁷⁷

Uma das expressões populares mais significativas em Belém do Pará, durante os festejos juninos, desde pelo menos as primeiras décadas do século passado, é o boi-bumbá e os cordões de pássaros e bichos. Essa manifestação popular reúne, em torno de si, valores culturais distintos, “revestida de representações peculiares na expressão e no enredo, que se moldam à realidade de cada região onde acontece”⁷⁸.

Sobre o teatro popular conhecido como Boi bumbá, no estado do Pará, esse busca encenar a história cômica da morte do boi, para satisfazer os desejos de Mãe Catirina de comer algumas partes do animal, durante sua gravidez. Pai Francisco (Nêgo Chico), esposo de Mãe Catirina, buscando satisfazer o desejo de sua mulher, mata o boi, sendo, em seguida, descoberto pelo dono do mesmo. Uma busca a Pai Francisco se dá freneticamente pelos homens do fazendeiro e por alguns indígenas que conheciam a região, os quais rapidamente encontram Nêgo Chico e logo o levam para a fazenda onde o assassino do boi sofre terríveis castigos físicos.

A partir de então, desenrola-se a tarefa árdua da ressurreição do boi, onde, em um primeiro momento, Pai Francisco busca auxílio aos doutores da região, não encontrando nenhum êxito. Desesperado, Nêgo Chico apela ajuda a um pajé, que, com muito sacrifício, consegue ressuscitar o boi. O momento da ressurreição do animal é comemorado com intensa alegria, muita música e dança, em torno do animalesco, por todos que ali se encontravam, principalmente por Pai Francisco que nesse momento se encontrava livre de suas punições⁷⁹.

⁷⁷MESQUITA, Lindolfo (Zé Vicente), op. cit., p. 91.

⁷⁸ DIAS JR, José do Espírito Santo. **Cultura Popular no Guamá**: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009. p. 87.

⁷⁹ Sobre isso, consultar: CARNEIRO, Edison. **A conquista da Amazônia**. [Rio de Janeiro]: Ministério da Viação e Obras Públicas, Serviço de Documentação. 1956. (Coleção Mauá).; MENEZES, Bruno de. Boi Bumbá. Auto Popular (1972). In: MENEZES, Bruno de. **Obras Completas de Bruno de Menezes**. Belém: Secult/Conselho Estadual de Cultura, 1993.; DIAS JR, José do Espírito Santo. **Cultura Popular no Guamá**: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém, op. cit.; CARVALHO, Luciana Gonçalves de. **A graça de contar**: um Pai Francisco no bumba meu boi do Maranhão. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2011.

Já os Cordões de Pássaros e Bichos (de onças, peixes, camarão, caranguejos, etc.) são também de origem rural e tiveram suas primeiras menções na imprensa local datadas de meados do século XIX. É um espetáculo de alegoria popular, no qual, segundo Edison Carneiro⁸⁰, busca-se a defesa da flora e fauna da região norte⁸¹. Bem próximo do enredo mostrado nas apresentações de boi bumbá, os cordões de pássaros e bichos, sempre representados por uma ave ou um bicho, desenrola seus cortejos em torno da caçada, morte e ressurreição do animal. Organizados, principalmente, em semicírculos, o grupo canta e dança ao som de tambores e outros instrumentos musicais.

Edison Carneiro ao classificar os espetáculos apresentados por esses grupos de “teatro dramático-burlesco popular”, observa que essas apresentações são constituídas a partir de um aspecto singular, na qual é possível identificar “uma estranha mistura de novela de rádio, burlesca e teatro de revista, a qual não falta cor local”, onde é possível encontrar “fidalgos vestidos à moda do século XVI ou XVII”, entrelaçados aos costumes jocosos dos matutos. Os “atores”, em busca de arrancar aplausos ou risos da plateia, adulteram a língua portuguesa dentro das representações teatrais do gênero⁸².

Essas manifestações culturais, segundo Sidney Piñon, são elementos integrantes da cultura amazônica, onde, de acordo com seus “proprietários e brincantes”, não existe em nenhuma localidade fora do estado do Pará. Esse autor observa que, na cidade de Belém do Pará, esses grupos são distribuídos por seus respectivos bairros e distritos, “realizando

⁸⁰⁸⁰ Segundo Luiz Gustavo Freitas Rossi, antropólogo que se debruçou nos estudos sobre o historiador, escritor, etnógrafo, jornalista e folclorista Edison Carneiro, esse intelectual desenvolveu pesquisas acerca das manifestações culturais populares vinculadas aos “menores” da sociedade brasileira, sendo, por isso, também apontado por outros intelectuais da época como “escritor de subúrbio”. Seus trabalhos estavam, em sua maioria, relacionados à cultura e religiosidade afro brasileira, tornando-se uma das maiores autoridades nacionais sobre os cultos afro brasileiro, talvez por conta da grande influência que Nina Rodrigues teve na carreira intelectual de Carneiro. Além do destaque recebido ao desenvolver pesquisa sobre a cultura negra do Brasil, principalmente referente a religiosidade desses, Edison Carneiro também ganhou notoriedade nos estudos sobre o folclore e a cultura popular brasileira. Em Belém, na segunda metade do século XX, esse intelectual desenvolveu pesquisa sobre os folguedos populares vividos na cidade, o que, mais tarde, deu origem ao livro intitulado de “A Conquista da Amazônia”. Sobre esse intelectual, ver: ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **O intelectual “feiticeiro”:** Edison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil. Tese (doutorado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas, IFCH, Campinas/SP. 2011.; GASPAR, Lúcia. **Edison Carneiro.** Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=759:edison-carneiro&catid=40:letra-e&Itemid=184> Acessado em: 02 de set. 2015.; **A Poesia de Edison Carneiro descoberta por Gilfrancisco.** Disponível em: <<http://www.arquivors.com/cidseixas1.htm>>. Acesso em; 02 de set. 2015.

⁸¹ CARNEIRO, Edison. **A conquista da Amazônia**, op. cit., p. 99.

⁸² CARNEIRO, Edison. **Folguedos Tradicionais**. 2. Ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF, 1982. p. 155-158.

concretamente as ‘brincadeiras’”, tendo elas um sentido social importantíssimo para os integrantes dos grupos⁸³.

Na capital paraense, por exemplo, durante os anos de 1950, os grupos juninos conhecidos como boi bumbá e cordões de pássaros e bichos apresentavam-se em diversos espaços da cidade como as praças, clubes dançantes, terreiros de ruas, bosques e escolas, buscando alcançar grande êxito em cada apresentação, “fazendo do espetáculo uma representação pomposa, cheio de luxo e requinte com intuito de mostrar o valor do “brinquedo” aos concorrentes e aos espectadores”⁸⁴.

A imprensa paraense desse período apresentava aos leitores belenenses as diversas exposições dos “grupos joaninos”, ao longo da “encantadora quadra joanina”, em diversos espaços da cidade. Essas apresentações, quase sempre estavam associadas aos projetos culturais e políticos desenvolvidos pela Comissão Paraense de Folclore⁸⁵, com o intuito de promover a expansão desses espetáculos, que, a princípio, eram vividos no subúrbio – espaços nos quais se encontravam as chamadas “vacarias”, apresentadas por Antonio Rocha Penteado como uma espécie de “estábulo anti-higiênicos de fundo de quintal localizado junto à residência, ou então pequenas granjas”, cheios de trechos alagados e bem distantes de toda infraestrutura urbana⁸⁶ –, para o centro da capital paraense, como foi apresentado pela imprensa local na década de 1950.

No mês das fogueiras, dos fogos e dos balões; de Antônio, João, Pedro e Marçal, existe também os “grupos” que nos palcos exibem com graça e

⁸³ PIÑON, Sidney. O desencanto de uma Mira-Puraquête... Dominantes/dominados: a luta entre o “bem” e o “mal”?. **Caderno do Centro de Filosofia e Ciências Humanas**. Belém: Pará, n.16. 1980. p. 1-22.

⁸⁴ DIAS JR. José do Espírito Santo. Boi Bumbá em Belém, uma expressão urbana e popular. **Revista Estudos Amazônicos**. vol. V, nº 2 (2010), pp. 83.

⁸⁵ Fundada em 25 de outubro de 1950, a Comissão Paraense de Folclore, trazendo as mesmas propostas das outras 15 comissões estaduais brasileiras, de organizar o que era apontado pelos pesquisadores como folclore, dentro dos respectivos limites territoriais, seguindo as diretrizes sugeridas pela Comissão Nacional de Folclore, de debate acerca do conceito de folclore e a busca da aplicação desse conceito nas pesquisas desenvolvidas em cada região, tendo em vista preservar a cultura local, bem como suas raízes peculiares diante do processo de industrialização e modernização pelos quais cada região passava. Nesse sentido, pesquisar, catalogar e sistematizar as informações dentro do âmbito cultural e folclórico da região amazônica se fazia necessário, interligando esses elementos as questões diplomáticas, políticas, científicas e sociais do estado do Pará. Dentre os primeiros membros da Comissão Paraense de Folclore, encontravam-se: Armando Bordalo da Silva, Augusto Meira Filho, Santana Marques, Levi Hall de Moura, Bruno de Menezes, De Campos Ribeiro, Ernesto Cruz, Francisco de Paulo Mendes, entre outros. É importante informar que esses membros da Comissão Paraense de Folclore estavam ligados a diversas categorias profissionais como, por exemplo, prefeitos, antropólogos, historiadores, biólogos, empresários, literatos, etc.. Sobre isso, ver: ALVES, Larissa Mendonça. **Comissão Paraense de Folclore em Nove anos: origens e discursos de 1949 a 1958**. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de História). Universidade Federal do Pará. Belém: Pará, 2006.

⁸⁶ Consultar PENTEADO, Antonio Rocha. **Belém – Estudo de Geografia Urbana**. Belém: Edufpa. 1968. Esse geógrafo e pesquisador desenvolveu seu estudo sobre a cidade de Belém do Pará apresentando como tese para o curso de Livre-Docência na cadeira de Geografia da Universidade de São Paulo em 1966.

encantamento a sua peça, a qual é desempenhada com grande entusiasmo e realidade por parte de todos os que a executam⁸⁷.

EXIBIÇÕES DE GRUPOS NAS PRAÇAS PÚBLICAS

Como foi divulgado, êste ano os grupos joaninos visitarão nossas praças públicas, exibindo-se gratuitamente ao povo. Deve-se essa inovação à Comissão de Folclore organizada pelo sr. Lopo Alvares de Castro, prefeito municipal de Belém, que decidiu organizar festejos nas praças atendendo ao apêlo de numerosas famílias que se viam impedidas de comparecer ao teatrinho dos bumbás, por motivos diversos. Assim, diversos grupos e cordões de bumbá visitarão as praças Batista Campos, Justo Chermont, República e Brasil, exibindo-se ao público⁸⁸.

Exibição de grupos juninos no Variedades

O programa – Quatro “passaros” serão apresentados.

Prossegue despertando grande interesse no público de Belém, as demonstrações que serão levadas a efeito pelos conjuntos juninos, no Teatro Variedades. Diversos grupos se apresentarão naquele local, destacando-se as exibições que serão feitas pelos grupos Rouxinol, no dia 22, Tem-Tem no dia 24, Quati, no dia 26 e novamente Tem-Tem no dia 28, que encerrará as demonstrações oficiais da quadra⁸⁹.

Continua despertando interesse o grande concurso de grupos juninos, que a exemplo dos anos anteriores, promoverá nesse ano a Comuna Belemense na orientação do seu Departamento de Divulgação, Turusmo e Certames, no dia 28 e 29 do corrente, no Bosque Rodrigues Alves, às 8,30 horas, com a finalidade de incentivar os conjuntos juninos que se exibem em nossa capital⁹⁰.

Diante do que é apresentado, percebe-se que as festas juninas em Belém ganharam um caráter “oficial”, vinculado ao discurso político vigente, tendo em vista a garantia de retorno político ante sua produção. Assumia-se um discurso de preservação da cultura regional e da importância dela para a população local, havendo um forte entrelaçamento da política com as questões culturais. Além disso, as “antigas tradições” transformaram-se e foram substituídas por novos padrões socioculturais, de modo que funcionam como alavancas para uma intensa relação de interesses políticos.

Edison Carneiro, em sua estadia em Belém do Pará, na década de 50, por ocasião da quadra junina, acompanhou de forma intensa alguns grupos juninos bem populares na cidade como, por exemplo, Quati, Tem-tem, Periquito e Rouxinou, em vários concursos organizados pela Comissão Paraense de Folclore e patrocinados pela prefeitura de Belém. Nesse sentido, o

⁸⁷ Jornal **O Liberal**. 28/06/1952. p. 2.

⁸⁸ Coluna **QUADRA JOANINA**. Título da matéria **Começou hoje com os festejos em louvor de Sto. Antonio as comemorações do dia**. Jornal **A Província do Pará**. 12/06/1951. p. 8.

⁸⁹ Matéria intitulada de **Exibição de grupos juninos no Variedades**. Jornal **A Província do Pará**. 12/06/1955. p. 3.

⁹⁰ Artigo jornalístico intitulado de **Cetames De Grupos Juninos Sob O Patrocínio Da Comuna**. Jornal **O Estado do Pará**. 11/06/1959. p. 4.

pesquisador observou que os locais de apresentações desses grupos eram os mais diversos (cinemas, teatros, circos, parques cedidos pela prefeitura, ruas e clubes) e estavam espalhados por vários bairros da capital paraense.

Diante disso, como observa Carlos Eugênio de Moura após a análise do texto *A farsa do prêmio* do antropólogo Sidney Piñon, é possível inferir que esses concursos realizados sobre o patrocínio da prefeitura, acirravam ainda mais o controle político sobre os grupos juninos concorrentes, onde se difundiria um discurso político de valorização, preservação e conscientização para toda sociedade belenense. Com isso, por tanto, ocorre uma intensa manipulação dos grupos, “desarticulando-os na medida em que se institucionalizam, por meio de concursos, as rivalidades que os opõem”⁹¹.

Esses grupos, segundo o historiador e folclorista Vicente Salles, eram considerados como o “teatro menos compreendido, mais criticado, em todas as épocas, sob todos os ângulos”, talvez pelo fato desses autos populares terem sido, em um primeiro momento, compostos pela “*ralé*”⁹² da sociedade belenense do início do século passado⁹³.

Desde o início do século XX, os autos populares ligados, principalmente, aos bois-bumbás e aos cordões de pássaros e bichos, foram reinventados e passaram a ganhar outros espaços no meio urbano belenense, sendo o ambiente erudito um deles. Sobre essas reinvenções, Salles observa que:

Aconteceu em Belém essa coisa inaudita: a eruditização do folgado popular. Escritores e artistas desempregados e sem poder aplicar seus conhecimentos acadêmicos, muitas vezes adquiridos nos estabelecimentos europeus, passaram a atuar indiferentemente num e noutro nível. Com o povo e com as chamadas *elites*. A exigência do trabalho que era da própria sobrevivência, diversificou ou multiplicou o emergente *teatro de época*. As épocas mais propícias, inicialmente, eram o Natal e o São João dividindo a temporada em duas partes iguais de tempo. Depois, no primeiro semestre, encontraram esses trabalhadores as épocas do Carnaval e da Quaresma; e no segundo semestre, a época mais propícia de todas, a mais quente e de maior repercussão, a festa do Círio de N. S^a de Nazaré, em outubro, onde se gerou o chamado *teatro nazareno*^{94 95}.

⁹¹ MOURA, Carlos Eugênio. **O Teatro que o Povo Cria**: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará. Da dramaturgia ao espetáculo. Belém: Secult, 1997, p. 44.

⁹² Termo utilizado por Vicente Salles na obra “Épocas do teatro no Grão-Pará ou Apresentação do teatro da época”, referente aos moradores do subúrbio da cidade de Belém na primeira metade do século passado.

⁹³ Sobre isso, consultar: SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará ou Apresentação do teatro de época**. Belém: UFPA, 1994. v. 2. p. 301.

⁹⁴ De acordo com Suzane Pereira, o “teatro nazareno” estava associado a um dos mais significativos eventos festivos da capital paraense: o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, no mês de outubro. Esse, segundo a autora, era composto pelos conjuntos de barracas de comidas regionais, jogos, diversões e teatros, que encontravam-se espalhados ao longo do largo de Nazaré. Durante o período de festividade da padroeira da cidade, Belém do Pará ficava em festa. “Havia bandas de músicas nos coretos, balões com fogos de artifícios, teatrinhos, jogos,

Esses autos, ligados aos festejos populares de Belém do Pará, segundo Salles, passaram a despertar interesses de grande parte dos grupos sociais que formavam a sociedade belenense. Os da “*ralé*”, diante da conquista de espaços na cidade, conseguiram garantir a sobrevivência de seus espetáculos, aceitando, alguns a princípio resistindo, toda sua renovação e atualização. Nesse sentido, percebe-se a “ascensão dos folguedos populares aos palcos da cidade”, ligadas aos momentos de lazer das elites e dos moradores do subúrbio, atuando nas encenações autores e atores que acabavam seduzindo e encantando os de mais “finos espíritos”.

O jornal *A Província do Pará* de 16 de junho de 1957, anuncia, na página de número 2, o artigo denominado “BUMBA-MEU-BOI”, escrito pelo colaborador da gazeta Theo Brandão⁹⁶, o qual apresenta, minuciosamente, o projeto de pesquisa desenvolvido pelo pesquisador francês Michel Simon, no Brasil, financiado pelo Centro Nacional de Pesquisa Científica da França, sobre o Teatro Popular, tendo o espetáculo do Boi ganhado significativo destaque. Nesse sentido, o auto popular do Bumba-meu-Boi, considerado de grande importância para o Folclore Brasileiro, é um auto, que sobrevivendo aos costumes milenares, ganhou fama e prestígio nos diversos grupos da sociedade, tendo, nesse sentido, o pesquisador francês o igualado a “Comédia dell’Arte”.

Diante disso, Theo Brandão assim o apresenta:

diversões populares e comédias feitas por artistas locais, valorizando a cena amazônica”. Sobre isso, consultar: PEREIRA, Suzane Cláudia Gomes. **Você pensa que aqui é a casa da viúva Costa?**: o teatro de revista paraense na cena de Antônio Tavernard. Tese (doutorado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação, 2013. pp. 57-58.

⁹⁵ SALLES, Vicente, op. cit., p. 301.

⁹⁶ Médico de formação, Theotônio Vilela Brandão, conhecido como Théo Brandão, destacou-se no meio acadêmico por meio de suas pesquisas folclóricas desenvolvidas no Brasil no século passado. De acordo com José Marque de Melo, pesquisadores não hesitam em classificar esse intelectual, tanto no campo da Saúde (medicina), como no campo das ciências sociais (antropologia, etnologia, etnografia e folclore). A relação desse intelectual com Arthur Ramos ajudou no desejo de Théo Brandão em enveredar pelo caminho do folclore. Além disso, o vínculo desse pesquisador, em sua infância, com os festejos populares realizados em seu Estado natal (Alagoas), foi de grande importância em sua carreira como pesquisador popular. Suas pesquisas eram realizadas, quase sempre, em suas horas de folga do trabalho, quando Brandão saía em busca de sujeitos simples, muitos moradores do interior de Alagoas, que, em sua concepção, poderiam contribuir significativamente como o desenvolvimento da mesma. Além disso, buscava outros tipos de fontes (jornais e revistas), pretendendo comparar os mesmos e, assim, contribuir de forma significativa com as pesquisas populares no Brasil. Sobre esse autor, consultar: MELO, José Marques de. Théo Brandão: Precursos da Folkcomunicação. **Revista Internacional de Folkcomunicação**. UEPG. 2007.; ERNESTO, Luiz. **Téo Brandão, um moisés (do Nordeste) agita o folclore das Alagoas**. Disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br/temas/abril2011/te14604g.asp>. Acessado em: 02 de set. de 2015.; GASPAR, Lúcia. **Théo Brandão**. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=180:theo-brandao&catid=54:letra-t&Itemid=1. Acessado em: 02 de set. de 2015.

Obra popular de aglutinação e convergência das tradições européias e de costumes e usanças da África e da terra, tão mestiços, por tanto, quanto os homens do povo que, ano após ano, em todo o Brasil quase, da Amazônia ao Rio Grande do Sul o ensaiam, representam e assistem sob os nomes diversos de Bois, Bumbás, Reisados, Folias de Reis, Bois Kalenba, Reis de Boi, Boisinhos, Bois de Reis, Bois Bumbás, Bois de Mamão, etc...

Segundo esse autor, o auto popular conhecido como Bumba-Meu-Boi, no Nordeste, ou Boi Bumbá, na região Amazônica, um espetáculo que se encontra presente tanto no meio urbano como no rural, que gera um conjunto de práticas lúdicas e simbólicas para quem os vivem, traz explícito uma cultura pública e popular, onde os elementos sociais nela representado são parodiados a partir da vida cotidiana dos brincantes, no qual “a ironia dá o tom da mensagem passada ao público como forma de zombaria e vingança do povo oprimido, que no caso específico do boi, estaria relacionado aos negros utilizados como cativos durante a história da escravidão”⁹⁷.

O folclorista paraense Bruno de Menezes, em um estudo clássico produzido na segunda metade do século XX, publicado no ano de 1972⁹⁸, apresenta o Boi Bumbá paraense como variante do bumba-meu-boi nordestino, o qual passou a fazer parte dos festejos juninos da região. Orientado e encaixado em um espetáculo de teatro popular, suas matrizes dramáticas estariam associadas ao patriarcalismo colonial, tendo uma intensa ligação com o rural, em grande medida relacionada ao universo da escravidão, que representava, para o autor, uma grande sátira do trabalho no campo.

Outro ponto de vista importantíssimo sobre esses “grupos juninos” na capital paraense é o do pesquisador e folclorista Edison Carneiro. Esse intelectual, durante sua vinda a Belém do Pará em junho de 1954, considerou o espetáculo dos cordões de pássaros e bichos e dos bumbás como os mais bem representativos da região amazônica, na qual essas encenações populares buscavam desempenhar papéis importantíssimos voltados, principalmente, na manutenção e preservação desse espaço, “os primeiros na defesa da flora e da fauna, os últimos na conservação de uma atitude favorável à instalação e ao desenvolvimento da pecuária”⁹⁹.

De origem rural, o boi bumbá ganha espaço na cidade, principalmente no subúrbio da capital paraense, e lá se desenvolve junto à difusão da prática da capoeiragem, que esteve

⁹⁷ DIAS JUNIOR, José do Espírito Santo. A prática cultural do Boi Bumbá na cidade de Belém: uma representação suburbana. *Anais*. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009. pp. 2. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0771.pdf>. Acessado em: 28 jun. 2014.

⁹⁸ MENEZES, Bruno de. *Obras Completas de Bruno de Menezes*, op. cit., p. 51-61.

⁹⁹ CARNEIRO, Edison. A SABEDORIA POPULAR. In: CARNEIRO, Edison. *A conquista da Amazônia*, op. cit., p. 98.

ligada, por muito tempo, à vadiagem¹⁰⁰. Com o tempo, intensificou-se a vigilância policial nesses espaços afastados do centro da cidade, onde a prática da capoeira, em junção ao espetáculo do boi bumbá, era intensa.

Os grupos caprichavam nas apresentações em luxo, música, entrecho dramático e representação, em busca do favoritismo do público. Quando dois deles se cruzavam nas ruas, seguidos por seus admiradores, que atendiam pela pitoresca designação de *embirricicas* (grifo do autor), lançavam mutuamente desafios inamistosos, que terminavam em engalfinhamentos, luta, pancadaria e algumas vezes ocasionavam mortes. Em Belém ficaram famosas as brigas entre os bumbás Pai do Campo, Estrela d’Alva, Dois de Ouro, Treme-Terra e Boi Canário, ataçadas pelos embirricicas. O Treme-Treme era temido entre os demais pela agressividade de seus brincantes, cujo máximo prazer era “*furar*” (grifo do autor) o boi na barriga, isto é, esfaquear o pobre *tripa* (grifo do autor) que dançava sob a armação de lona e veludo. A polícia foi obrigada a intervir e a princípio proibiu o porte de armas, passando os brincantes em revistas. A medida não surtiu efeito, pois na hora do entrevero os brincantes pegavam as armas que estavam escondidas com as mulheres acompanhantes do cortejo¹⁰¹.

Luiz Augusto Leal observa que, até pelo menos o ano de 1905, era inevitável a presença de capoeiras na formação dos grupos de bumbás da capital paraense. Os capoeiras, segundo esse autor, ganhavam espaços significativos nos grupos juninos conhecidos como bumbás da cidade, pois eram tidos como “seguranças” dos restantes dos brincantes, tomando, na maioria das vezes, a frente do cortejo do boi, protegendo os menos ágeis/valentes “frente ao “ritual” de confronto entre bois rivais”¹⁰².

Para esse autor, além da significativa presença dos capoeiras nas “capangagens políticas” paraenses, os mesmos eram indispensáveis nas brincadeiras do bumbá, pois nos encontros dos bois, “os menos valentes e menos hábeis se davam mal. Por isso, o conhecimento da capoeiragem era imprescindível”¹⁰³.

Quando a apresentação era realizada fora do curral, todos os integrantes do boi seguiam, devidamente fantasiados, pelas ruas da cidade. Até aqui tudo bem. Acontece que quando dois grupos de bumbás se encontravam

¹⁰⁰ Sobre isso, consultar: RIBEIRO, José Sampaio de Campos. **Gostosa Belém de Outrora**. Belém, Editora Universitária, 1965.; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. Capoeira, Boi bumbá e Política no Pará Republicano (1889-1906). **Afro-Ásia**. Nº32, 2005, p. 241-269.; SALLES, Vicente. A Folga do Negro In: - -, **O Negro na Formação da Sociedade Paraense**. Textos reunidos. Belém: Paka-Tatu, 2004.; LEAL, Luiz Augusto. **A Política da Capoeiragem: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906)**. Salvador: EDUFBA, 2008.

¹⁰¹ MOURA, Carlos Eugênio, op. cit., p. 63.

¹⁰² LEAL, Luiz Augusto Pinheiro, op. cit., p. 152.

¹⁰³ LEAL, Luiz Augusto Pinheiro, op. cit., p. 179.

(geralmente oriundos de bairros diferentes) era inevitável a demonstração de força entre eles. Havia, inclusive, um breve ritual em que o boi “invasor” pedia licença para passar. Era praxe a negação da permissão e o desafio ao rival. Após os cantos de desafio pertinentes a cada lado, um conflito físico intenso ocorria entre os respectivos integrantes de cada boi. Era comum, após um destes encontros, que ficassem espalhados pela rua os paramentos das fantasias danificadas¹⁰⁴.

Os conflitos ocorridos durante os cortejos dos bois na cidade possuem forte relação com o estereótipo atrelado ao capoeira como aquele que era “vagabundo que “bebia cachaça pelos botequins” e “distribuía o tempo entre o ócio lúcido e o ócio embriagado”¹⁰⁵.

O controle policial se deu de forma rigorosa, logo, os bumbás, como afirma José Dias Junior, passaram a se apresentar, sobre forte controle da policia, em *currais*, construídos, quase sempre, em áreas associadas aos donos dos bois e que muitas vezes serviam de sedes para o folguedo. Nesse sentido, os *currais* “adquiriram o *status* de palco das apresentações, um verdadeiro “teatro popular” que atraía os “inflamados torcedores” das agremiações”¹⁰⁶. A partir da segunda metade do século XX, esses grupos passaram a ganhar mais destaques nos festejos juninos organizados no centro da capital paraense.

A presença desses grupos juninos tornaram-se frequentes também em algumas agremiações esportivas, associações profissionais e/ou beneficentes da cidade de Belém do Pará, principalmente naqueles localizados no subúrbio, como no Imperial Clube (também conhecido como o “Leão do Jurunas”), onde se exibiriam vários cordões num “palco armado na sede social” entre os dias 26 e 30 de junho de 1951, tendo, neste anúncio, uma ênfase na teatralidade do evento, organizado em espetáculos noturnos e matinais.

GRUPOS JOANINOS NO IMPERIAL

O Imperial continua brindando os seus numerosos freqüentadores com as exibições dos melhores grupos da tradicional quadra joanina, em seu palco armado na sede social. Dêsse modo, está organizado o seguinte programa de representações. Hoje, às 20 horas, “Periquito” e nos dias 27, 28, 29 e 30, às mesmas horas, “Caboclonino”, “Rouxinol”, “Periquito”, e “Papagaio Real”, respectivamente, e às 22 horas do mesmo dia o grupo do “Coati”, Dia 1. em *matinée*, voltará à se exibir o “Caboclonino”¹⁰⁷.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 178-179.

¹⁰⁵ PALHANO, Lauro, pseud. de Inocêncio Campos. O Gororoba – Cenas da vida proletária. Rio de Janeiro, Pongetti, 1943 *apud* LEAL, Luiz Augusto Pinheiro, op. cit., p. 183.

¹⁰⁶ DIAS JR, José do Espírito Santo. **Cultura Popular no Guamá**: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém, op. cit., p. 99.

¹⁰⁷ Jornal **O Liberal**. 26/06/1951. p. 4.

Ao lado dos concursos e apresentações teatrais de bois, pássaros e bichos em eventos organizados por particulares ou pela prefeitura, proliferavam nos anos 1950 festas juninas de terreiros de rua, organizadas nas vias públicas. O resumo da programação junina de Belém, apresentado na edição de “A Província do Pará” de 24/06/1956, destacava a ocorrência de cinco terreiros em ruas de diferentes bairros da cidade. Os terreiros foram apresentados no jornal com os seguintes títulos: “Terreiro do Zé Honório”, “Terreiro do Mané”, “Noite do Aluá” e “São João na Roça”.

Uma das principais festas juninas realizadas em terreiros de ruas na capital paraense, que se repetiu durante todos os anos da década de 50, e que ganhava destaque nas páginas dos periódicos da cidade era a “Festa do Pai Xandico”, organizada pelos administradores do Sete de Setembro Esporte Clube. Essa festa, ocorrida algumas vezes em clubes alugados ou cedidos aos organizadores ou em rua, avenidas ou terrenos amplos e sem coberta, eram anunciadas pela imprensa como a “elegantíssima festa”, a qual era composta de “uma ornamentação toda especial para essa noitada de encantamentos”, onde “uma grande fogueira simbólica será armada no terreiro”, dando um aspecto rural ao local no qual estava sendo realizado.

Além disso, o anúncio da “Festa do Pai Xandico” também propõe um modelo do linguajar do homem interiorano amazônico e de suas manifestações culturais – o falar interiorano, o compadrio de fogueira e as comidas típicas –, bem como a presença de instrumentos musicais característicos da região nordestina, como a sanfona, a busca de uma aproximação com as festas juninas do interior.

FESTA DO PAI XANDICO

Atenção pessoá

o que São João diz

é o que São Pedro vai aconfirmá

que no dia 16 tudu mundo vai

no arraiá do PAI XANDICO dançá

Convidamos a muçarada dessa bua terra, pra dia 16 do mês que nois tamos às 9 hora da nuiti istá firmi no arraiá do PAI XANDICO pra si diverti inté a madrugada chigá praquê o cumpadri MAÇANETA vai tucá sua sanfuna pra nois tudu dançá. A fuguêra no meu prus cumpadri passá intá pruta pra muito amô ajudá. Tambeim a cumadri FINOCA vai pra lá servi mungusá e o bom tacacá¹⁰⁸.

¹⁰⁸ Sete de Setembro Esporte Clube: FESTA DO PAI XANDICO. Jornal **A Província do Pará**. 12/06/1951. p. 8.

Os estudos realizados pela antropóloga Luciana Chianca apontam que o homem interiorano, com seus adereços, assumiu um lugar central na festa junina, a qual passou a ser estereotipada pelo olhar do homem da cidade, “seguindo uma tradição que vem desde o Jeca Tatu de Monteiro Lobato, esboçado no livro *Urupês* (1918) e consolidada na propaganda do Biotônico Fontoura”¹⁰⁹. Segundo a autora, outro personagem que veio para reforçar ainda mais a imagem do matuto como destaque nos festejos juninos, percorrendo junto com a figura do Jeca Tatu, foi Chico Bento, criado em 1961 por Mauricio de Souza.

Diante disso, o estereótipo do homem interiorano passou a ser destaque nas festas realizadas nas cidades pelo fato de ele ser “considerado ‘mais puro’ que o [homem] da capital”, pois representa “a nostalgia e a idealização do passado dos imigrantes que hoje vivem nas cidades”. Outra obra que buscou estudar o caipira como tipo social foi *Os Parceiros do Rio Bonito*, de Antônio Candido¹¹⁰. Em sua tese, de cunho sociológico, o autor busca fazer uma apresentação do caipira paulista, que não segue uma representação da cultura camponesa, nem tampouco a de uma cultura cabocla, mas sim de uma cultura particular ligada às comunidades tradicionais paulistas.

O folclorista brasileiro Edison Carneiro¹¹¹, aponta, assim como as fontes consultadas nos jornais *A Província do Pará*, *O Liberal*, *Folha do Norte*, *O Estado do Pará* e *Folha Vespertina* e, também, na revista *Amazônia* da década de 1950, o estereótipo do indivíduo do campo como algo corriqueiro no período de festa, sendo esse abandonado logo após a quadra festiva, quando tudo voltava à “normalidade”.

Percebe-se, diante dos discursos presentes na imprensa local, que os brincantes das festas juninas buscavam viver, mesmo que por pouco tempo, o modo de vida idealizado do matuto. Esses indivíduos, muitas vezes influenciados pelos migrantes nordestinos que para a região amazônica vieram, procuravam, na cidade, reelaborar as identidades do matuto do sertão e, com isso, refletir a cerca dos tempos em que moravam no interior.

Segundo o Antropólogo e Folclorista paraense Vicente Salles, que escreveu a apresentação do cordel *A Festa de São João no Pará e Inimigos do Corpo*, de autoria de Apolinário de Souza¹¹², essas características do homem interiorano nas festas juninas paraense estão mais próximas da realidade do homem do sertão nordestino do que do amazônico. Talvez isso se explique pelo contato dos intelectuais paraenses com as obras de

¹⁰⁹ CHIANCA, Luciana. **Chama que não se apaga**, op. cit., p. 23.

¹¹⁰ Cf., CÂNDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Trinta e Quatro, 1997.

¹¹¹ Cf., CARNEIRO, Edison. **Folgedos Tradicionais**, op. cit.

¹¹² SOUZA, Apolinário. **Festa de São João e Inimigos do Corpo**. Belém: UFPA, 1997.

escritores nordestinos, reconhecidas pela produção em grande quantidade de livretos de cordéis que passaram a circular nas cidades do Pará, assim como pelo contato com os próprios migrantes nordestinos, os quais, em virtude da seca que assolava o sertão, vieram para a região Norte, em busca de melhoria de vida. Esse, quem sabe, seja um dos motivos para haver uma forte presença dos símbolos rurais nos festejos juninos belenenses, encontrados em grande parte nas festas juninas nordestinas.

Vicente Salles, no livro “Repente & Cordel: literatura popular em versos na Amazônia” observa que desde pelo menos o final do século XX, com a presença dos nordestinos na Amazônia, principalmente os cearenses, tornou-se abundante a circulação da “poesia sertaneja” e dos “folhetos de cordéis” nessa região. Nesse primeiro momento, como indica Salles, os cordéis estavam atrelados ainda a vida e a cultura do povo do Nordeste brasileiro, no entanto, em um segundo momento, mais precisamente na primeira década do século passado, com a publicação do livro “Cancioneiro do Norte”, de Rodrigues de Carvalho, a Amazônia ganhou espaço entre os escritos desses nordestinos. De acordo com Vicente Salles :

É necessário porém chamar a atenção para o fato de a extraordinária difusão da literatura popular em verso, oriunda do Nordeste, haver adquirido na Amazônia não só uma mercado consumidor em potencial, mas haver possibilitado o surgimento de poetas locais, que cultivaram o gênero como relativa facilidade e tiveram oportunidade de difundir-se como o desenvolvimento, também na Amazônia, de editoras especializadas¹¹³.

Uma das editoras especializadas na produção de livretos de cordéis na região, no século XX, localizava-se no estado do Pará: a Guajarina. Essa editora, instalada na capital paraense e fundada pelo pernambucano Francisco Rodrigues Lopes, segundo Salles desenvolveu, nesse estado, significativa atividade editorial, atraindo para o Pará numerosos poetas nordestinos.

Em suas oficinas, manipulava tipos e caixotins o operário gráfico Thadeu de Serpa Martins, natural do Ceará, que se revelaria, em Belém, excelente cordelista. Seria, mais tarde, o representante da Guajarina em Fortaleza. A editora paraense publicou-lhe mais de uma dezena de folhetos. O fluxo de cordelistas e cantadores nordestinos para a Amazônia tornou significativa a presença do Nordeste no Folclore Regional. Resultou, como não podia

¹¹³ SALLES, Vicente. **Repente & Cordel: literatura popular em versos na Amazônia**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985. pp. 20.

deixar de acontecer, na incorporação dos estilos e tendências da poesia sertaneja ao folclore amazônico¹¹⁴.

Nesse sentido, o contato entre a cultura nordestina e a amazônica resultou, como pode ser observada nas citações acima, em produções híbridas, tendo, em grande medida, a produção dos nordestinos sido incorporada a do homem amazônico.

O anúncio do arraial do “Pai Xandico” parece uma breve apresentação interessante à alusão nordestinas e amazônicas associadas ao que era visto como caracteristicamente junino. A fala do caboclo interiorano é usada para mostrar a especificidade do arraial junino, que contaria com a presença de uma importante Jazz-Orquestra da cidade. O destaque para a “sanfuna do cumpadri Maçaneta” revela a associação da festa com ritmos nordestinos como o baião, o xote e o nascente forró. Este último, de acordo com Chianca¹¹⁵ assumiu o papel de “música-tipo” (com seu “instrumento-tipo”: a sanfona) das festas juninas nordestinas desde fins dos anos 1940, especialmente no meio urbano.

1.3.2 AS *SOIRÉES* JUNINAS EMBALADAS AOS SONS DE CONJUNTOS MÚSICAIS E DAS “PICARPES”.

Dada apresentação a cerca dos grupos juninos conhecidos como Boi bumbás e cordões de pássaros e bichos como uma das formas de animação dos festejos juninos na capital paraense durante os anos de 1950, cabe agora observar outros meios importantes para o desenvolvimento desse momento festivo: a presença marcante dos conjuntos musicais e dos sonoros.

A segunda metade do século XX foi marcada por diversas transformações no âmbito social belenense como: grande fluxo de migração do campo para a cidade, a divulgação em larga escala de diferentes ritmos musicais de apelo popular, sendo esses transmitidos via rádio (samba, ritmos nordestinos e latinos) e, principalmente, o período de grande expansão do meio de comunicação de massa, em especial a radiofônica.

Nesse período, em Belém, era comum a intensa difusão, por meio das rádios e também pelos grupos musicais e pelos sonoros, de ritmos como boleros, salsas, congos, merengues,

¹¹⁴ SALLES, Vicente. **Sociedades de Euterpes**: as bandas de música no Grão-Pará, op. cit., p. 102-103.

¹¹⁵ CHIANCA, Luciana. **A Festa do Interior**: são João, migração e nostalgia em Natal no século XX, op. cit., p. 67.

mambos e cúmbias, sendo apreciados como elementos peculiares nos bailes promovidos nos espaços dançantes da capital. No entanto, foi desde pelo menos as primeiras décadas do século passado que esses ritmos latinos, ao lado do samba, começaram a fazer parte do dia a dia do povo paraense, pois os programas das estações estrangeiras estavam fortemente associados aos programas de rádio local do período. Isto acontece exatamente na época em que, após o processo de redemocratização resultante da derrubada do Estado Novo, assiste-se a uma promoção dos meios de comunicação de massa no país e, principalmente, à forte presença do rádio como um meio informativo e de entretenimento, associado à indústria cultural nacional.

Tocava-se nas festas outros ritmos de procedência diversa como rancheiras, quadrilhas, mazurcas e *schottiches* (o abasileirado “xote”), boleros, além dos ritmos caribenhos (cúmbias, salsas, mambos, merengues, etc.), muito presentes nas festas juninas da cidade. Em meados do século XX, a recepção local de emissoras de rádio de Cuba, das Guianas e da Nicarágua se somava à divulgação deste repertório musical nos programas de rádios paraenses. Isso explica sua presença nas festas dos clubes suburbanos e aristocráticos¹¹⁶.

Em seu livro intitulado *A Era do Rádio*¹¹⁷, Lia Calabre observa que tal instrumento de comunicação e entretenimento é responsável pelas inovações e adaptação nas formas de artes que existiam antes de seu surgimento. Além disso, assinala que o rádio era um excelente meio de informação e de divulgação de diversas manifestações culturais e artísticas no país. Segundo a autora, nesse momento havia uma necessidade, por parte dos governantes, de o país passar uma imagem de próspero, desenvolvido e, acima de tudo, moderno.

Os anos de 1950 foi o período em que houve o crescimento do número e diversificação dos meios de comunicação no Brasil, dando destaque para o rádio, sendo o responsável pelas inovações de estilos – fama e ascensão social – e práticas cotidianas no âmbito urbano. Nesse sentido, Antonio Mauricio Costa & Edimara Bianca Vieira apontam que o processo de expansão do modo de vida urbano, presentes nas grandes cidades do país, em meados do século passado, esteve associada e conectada, em grande medida, às emissões radialísticas, através dos programas jornalísticos, esportivos, rádionovelas, humorísticos, bem como nos repertórios musicais transmitidos por esse meio de comunicação, onde “este último

¹¹⁶ COSTA, Antonio Maurício D.; Gomes, Eielton B. Castro, op. cit., p. 201.

¹¹⁷ Cf., CALABRE, Lia, op. cit.

ocupava a função, naquele contexto, tanto de pano de fundo geral como de atração principal das programações”¹¹⁸.

Nesse sentido, Tony Leão da Costa¹¹⁹ assinala que tanto os programas radiofônicos como a difusão dos discos em Belém tiveram grande influência na construção dos gostos musicais da população local. Para esse autor, os artistas paraenses, associados quase sempre às orquestras jazzistas, em vários momentos, “imitavam” os estilos musicais provenientes da região Sudeste e até mesmo aqueles de fora do país.

Os grupos musicais conhecidos como Jazz Orquestras eram conjuntos que embalavam as noites dançantes, principalmente dos clubes que se encontravam espalhados ao longo da cidade de Belém do Pará. Esses grupos correspondiam mais a uma formação de músicos não eruditos que tocavam os mais variados ritmos musicais, sendo eles estrangeiros e brasileiros como, por exemplo, tangos, marchas, choros e sambas. Apesar de proporcionar a ideia de uma formação e especialização musical de origem norte-americana, esses conjuntos estavam mais próximos do contexto musical da região amazônica¹²⁰.

Para Vicente Salles¹²¹, os anos de 1920 foi o momento em que ocorreu a difusão de instrumentos musicais como cavaquinho, a flauta e o banjo entre as formações dos pequenos conjuntos musicais em Belém. Esses grupos foram responsáveis pelo desenvolvimento da música urbana na cidade, pois reproduziam os ritmos que ficaram popularizados nas rádios nacionais e internacionais, além daqueles que tiveram grande notoriedade nos cinemas americanos.

No entanto, é somente a partir dos do final dos anos de 1930 que esses grupos musicais conhecidos como “Jazzísticos” ou “conjuntos de boate”, como eram apresentados na imprensa da segunda metade do século XX, terão uma intensa popularização. Nos anos de 1950, percebe-se, através dos documentos consultados, a presença constante desses grupos musicais nos espaços dançantes da cidade, estando eles situados no subúrbio ou no centro da mesma.

¹¹⁸ COSTA, Antonio Maurício Dias da; VIEIRA, Edimara Bianca Corrêa. Na Periferia do Sucesso: rádio e música popular de massa em Belém nas décadas de 1940 e 1950, **Projeto História**, nº 43. 2011. p. 112.

¹¹⁹ COSTA, Tony Leão da. “**Música de subúrbio**”: cultura popular e música popular na “hipermargem” de Belém do Pará. 2013. Tese (Doutorado) em História. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História. Niterói: Rio de Janeiro. 2013. p. 178.

¹²⁰ Ver: COSTA, Antonio Maurício Dias da. Festa e espaço urbano: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos 1950. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 32, nº 63. 2012.

¹²¹ Consultar: SALLES, Vicente. **Sociedades de Euterpes**: as bandas de música no Grão-Pará, op. cit.

As Jazz Orquestras, como observa Antonio Maurício Costa¹²², dependendo dos espaços festivos, obtinham “uma fama acentuada pelo sucesso das apresentações”, principalmente nos ambientes “aristocráticos” da cidade, tendo espaços reservados nos principais eventos organizados pelos diretores e administradores dos recintos. A maioria dessas orquestras se fazia presente nos festejos juninos de clubes aristocráticos, embora se apresentassem num ou noutro clube suburbano no período junino, como foi apresentado no anúncio intitulado de *São João nos clubes* no jornal *O Liberal* de 18/06/1953.

São João nos Clubes

Os clubes desportivos e recreativos da cidade estão se movimentando na presente e festiva quadra junina para recepcionarem seus associados com alegres noitadas típicas.

As festas programadas são as seguintes:

RECREATIVA BANCREVEA

Festa da roça véspera de S. Pedro

Nos salões amplos do Pálace Teatre, vão os bancreveanos recepcionar seus associados e famílias com alegre noitada na véspera de São Pedro. A música será a orquestra de Maçaneta, dirigida pelo maestro Guiães de Barros que apresentará ainda um conjunto regional.

A reserva de mesas pode ser feita à diretoria bancreveana.

TUNA LUSO COMERCIAL

São João na Roça

Os cruzmaltinos estarão em festa no próximo sábado à noite quando realizarão sua tradicional noitada caipira em seus amplos salões. A música estará a cargo de Mário Rocha, sendo o traje exigido o de passeio.

ICOARACI R. CLUBE

Festa do Balão

Também no próximo sábado o Icoarací Recreativo Clube simpatizada agremiação desportiva da Vila de Icoarací, vai promover sua festa caipira a qual denominou de a Festa do Balão, a qual será abrilhantada pelo “choro” do professor Antonio Rocha .

DELTA CLUBE

São João no Sítio

O Delta vai sábado próximo realizar em sua sede social à av. Nazaré, transformando em autêntico terreiro do interior, uma alegre noitada caipira

¹²² COSTA, Antonio Maurício Dias da. **Festa e espaço urbano**: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos de 1950, op. cit., p. 387.

que está despertando desusado interêsse entre os deltanos. A música será do professor Candoca.

Como garantia de comodidade aos sócios de clubes cujas sedes ficavam mais distantes do centro, havia inclusive o oferecimento de ônibus especiais saindo do Olímpia – principal cinema da cidade, localizado na região central, de grande importância nos momentos de lazer dos moradores de Belém – nas primeiras horas da noite, como noticiou *A Província do Pará* em 28/06/1955.

Entre os conjuntos mais divulgados nos jornais de Belém do início dos anos 1950 estavam: Grupo de Jazz Orquestra *Batutas do Ritmo*, que tinha no seu comando a pessoa de Sarito; Grupo de Jazz Orquestra *Martelo de Ouro*, liderado por Vinícios; *Jazz Internacional*, coordenado pelo Professor Candoca, também conhecido como o “Mago da Viola”; *Jazz Vitória*, liderado por Raul Silva; *Jazz Orquestra Maçaneta*, comandada por Guiães de Barros; e *Jazz Marajoara*, tendo à frente o maestro Oliveira da Paz.

Como foi afirmado anteriormente, as festas juninas em Belém do Pará, nos anos de 1950, também eram animadas por aparelhos sonoros apresentados pela imprensa como “picarpes” (do inglês “pick-up”). Esses sonoros, assim como os grupos de Jazz Orquestras, também tinham fama em alguns espaços dançantes da cidade.

Diferente dos conjuntos musicais que tinham destaques nas festas realizadas nos clubes “chiques” da capital, as “picarpes” tinham presenças acentuadas, tanto nos festejos juninos como em outros festejos populares, em clubes suburbanos ou em terreiros juninos localizados em áreas afastadas do centro. É importante deixar claro que a presença desses aparelhos sonoros, durante as festas juninas, não se limitavam apenas aos espaços localizados no subúrbio de Belém, embora sua presença fosse constante nesses ambientes, como foi anunciado no jornal *O Liberal* de junho de 1953.

“SANTO ANTONIO NA ROÇA”

Realiza-se hoje à noite, uma festa dançante na séde do Clube Atlético Relampago, “Santo Antonio na Roça”, à travessa Caldeira Castelo Branco, nº. 1122, canto com a rua Silva Castro (bairro do Guamã), ao som do afamado “Sonoro Barnabé”, de propriedade de D. Corrêa e irmão¹²³.

Outros sonoros também se fizeram presentes em um terreiro juninos organizado pelos moradores da Avenida Alcindo Cacela, entre Boaventura da Silva e Antonio Barreto, no

¹²³ Jornal *O Liberal*. 12/06/1953. p. 4.

bairro do Umarizal em junho de 1951. De acordo com a notícia do jornal *Folha Vespertina*¹²⁴, a festa estava sendo minuciosamente organizada por uma comissão organizadora que buscava agradar a todos os brincantes, tendo a festa o serviço de dois alto-falantes que tocariam “músicas de danças, para gáudio da mocidade”, além de distribuição gratuita de comidas e bebidas próprias da época, como o aluá e o munguzá.

Essas “picarpes” e sonoros, sinônimos do sistema de som capaz de se deslocar para diversos espaços de festas, desde os finais dos anos 1940, vinham se tornando marcas registradas nas festas dançantes do subúrbio de Belém¹²⁵. Esse sistema de som era montado de forma artesanal por pessoas com conhecimento de eletrônica, no qual encontrava-se um amplificador de metal e válvula, uma caixa de som pequena, projetor sonoro, conhecido como “boca – de – ferro” e um toca disco de 78 rotações (a *pick – up*).

Esses aparelhos de som, de proprietários oriundos principalmente do subúrbio da cidade, em um primeiro momento, estiveram associados principalmente a eventos de aniversário, casamentos ou festas de vizinhança. A partir da sua popularização, ampliou-se as contratações para outros eventos festivos, em especial os bailes dançantes realizados nos clubes da cidade, principalmente naqueles situados na periferia da mesma.

Talvez, o fato dos donos dos sonoros serem provenientes do subúrbio, assim como os locutores titulares desses aparelhos, explique a forte presença deles nos clubes e nos espaços dançantes localizados em bairros afastados do centro da capital paraense. Como observa Antonio Maurício Costa esses sonoros tiveram uma importância grandiosa entre a ocorrência das festas em Belém, tendo em vista “não assumir uma posição complementar ao rádio, mas sim ocupar um espaço particular como meio de comunicação ligado a ocorrência de eventos festivos”¹²⁶.

Nesse sentido, percebe-se, diante do que foi apontado no capítulo em questão, que as festas juninas, no Brasil, são resultados de um processo constante de diversidade cultural, onde o contato entre a cultura europeia, indígena e africana, se somou e se difundiu ao longo do território brasileiro; trocas essas que se revelaram importantes até, pelo menos, a segunda década do século XX.

Dentre as principais características das representações difundidas em notas de jornais e revistas que circulavam em Belém nos anos de 1950, bem como em textos de folcloristas paraenses, encontravam-se a busca de uma festa ruralizada em um ambiente que se

¹²⁴ Santo Antonio na Roça. Jornal **Folha Vespertina**. 05/06/1951. p. 2.

¹²⁵ Sobre isso, consultar: COSTA, Antonio Maurício D.; Gomes, Elielton B. Castro, op. cit.

¹²⁶ COSTA, Antonio Maurício Dias da. **Festa e espaço urbano**: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos de 1950, op. cit., p. 386.

urbanizava e modernizava de forma intensa. Nessas notícias, como foi apontado anteriormente, pode ser consultada a presença dos grupos juninos (boi bumbá e cordões de pássaros e bichos) em diversos espaços da cidade, do subúrbio ao centro da capital paraense.

A presença dos sonoros, mais precisamente nas áreas afastadas do centro de Belém, também se fazia constante nessa dinâmica festiva da cidade. Enquanto esses se encontravam animando as festas do subúrbio de Belém, conjuntos musicais conhecidos como “jazzes orquestras” embalavam as noites festivas dos “clubes aristocráticos” localizados nos bairros centrais da urbe.

É importante salientar que a década de 1950 “gerou um conjunto de representação simbólico de Brasil e de povo brasileiro que até hoje atua em nossas consciências”. Além disso, nesse período aconteceram mudanças significativas no âmbito da cultura popular nacional, onde “o velho Brasil rural, de comunidades camponesas e semi-rurais, passou a coexistir com um Brasil cada vez mais urbanizado e industrializado”¹²⁷, cruzando elementos ditos tradicionais com aqueles que compõem o lazer das cidades.

Conclui-se, por tanto, que falar de festas juninas em Belém, Pará, é trazer à tona um conjunto de práticas culturais hibridizadas, que contêm em sua forma elementos dos meios urbano e rural. É trazer também à tona uma série de referências jornalísticas e eruditas sobre os festejos populares da cidade. É falar de eventos que aproximam os indivíduos da urbe, conferindo às relações de sociabilidade um estado de efervescência e, que muitas vezes, ultrapassa a vida social estabelecida. É, em outras palavras, “a descoberta dos sujeitos participantes da possibilidade de ‘liberarem-se de si mesmos’ e de enfrentarem o mundo das regras de conduta e procedimento com a instauração de um tempo ‘sem leis, nem forma’”¹²⁸.

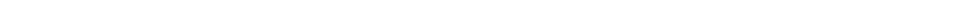
A imprensa, durante os anos de 1950, teve um papel fundamental para as divulgações das festas juninas que aconteciam na cidade, feitas por meio de anúncios, crônicas e relatos memorialísticos presentes nesses periódicos, onde tais festejos eram matizados por representações voltadas a uma lógica “tradicional” e “moderna”, sendo que em alguns momentos tais vertentes cruzavam-se, dando origem a uma festa hibridizada.

Essas festas serviam para construir, e ao mesmo tempo, solidificar os laços entre os indivíduos das camadas sociais de Belém, tornando-se uma manifestação da vida de cada sujeito, nas quais as pessoas celebravam suas próprias festas e, ao mesmo tempo, suas identidades culturais em uma só festividade, que poderia ser “tradicional” ou “moderna”,

¹²⁷ NAPOLITANO, Marcos. Introdução. In: NAPOLITANO, Marcos. **Cultura brasileira: utopia e massificação** (1950-1980). 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 8.

¹²⁸ COSTA, Antonio Maurício. **Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará**, op. cit., p. 71.

satisfazendo as vontades dos brincantes, nos mais diversos espaços espalhados ao longo da capital paraense, como podem ser observadas no capítulo a seguir.



CAPÍTULO II
ESPACIALIZAÇÃO FESTIVA

ESPACIALIZAÇÃO FESTIVA

2.1. ESPACIALIZAÇÃO FESTIVA DA CIDADE

*Nomes paraenses que nem sei mesmo se hoje são os mesmos, nossa rua como um poderoso rio ia tomando afluentes cujas denominações esqueci ou – creio – nunca soube direito*¹²⁹.

*Belém, sobranceira e olímpica, não pôde ser desbancada como capital da Amazônia. (...) Uma cidade peculiar, testemunho vivo da riqueza da Amazônia*¹³⁰.

*A cidade construída pelo discurso possibilita visões diversas, leituras e interpretações que dependem do leitor*¹³¹.

Na manhã do dia 08 de janeiro de 1951, o jornal *O Liberal* circulava com grande intensidade entre um número significativo de leitores da capital paraense. Além das diversas notícias de cunho político, econômico e social, os festejos populares¹³² ocupavam, significativamente, algumas páginas daquela gazeta, distribuindo-se do início ao fim do periódico, sendo encontrado na primeira página da edição, o seguinte texto: “Belém já nestes dias se acha entregue aos folguedos [...] dando expansão a sua alegria e esquecendo por alguns dias os trabalhos e vicissitudes oriundos da luta pela vida”¹³³.

O escrito encontrado ao longo dessa primeira página demonstra a importância grandiosa dos festejos populares para sociedade belenense, durante os anos de 1950, tanto aos moradores do subúrbio da cidade como aos que viveram nas áreas centrais da mesma. *Matinais, vespertinas e soirées* dançantes eram realizadas, corriqueiramente, entre os espaços de lazer e sociabilidade espalhados ao longo de Belém do Pará, buscando sempre alcançar grande êxito em cada realização. Os jornais *O Liberal*, *Folha do Norte*, *A Província do Pará*,

¹²⁹ MORAES, Eneida. **Aruanda e banho de cheiro**. Belém: CEJUP/SECULT, 1997. p. 50.

¹³⁰ CARNEIRO, Edison. **A conquista da Amazônia**. op. cit., p. 7-36.

¹³¹ GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 24.

¹³² Entende-se como festas populares aquelas que estão configuradas dentro de um sistema mobilizado pelas comunidades humanas, no qual encontra-se presente as dimensões culturais – política, religiosa e comercial – relacionando-se tanto com o modo produtivo, ligado ao trabalho, como ao lazer dos indivíduos. Sobre o sentido do termo “Festas Populares”, consultar: MELO, José Marques de. **As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário, no limiar do século XXI. Vivência**. UFRN/CCHLA. Natal: RN, v. 13. p. 173-186.; FERRETI, Sérgio. **Estudos sobre festas religiosas populares**. In: MIRANDA, Nadja & RUBIM, Linda (Orgs.). **Estudos da festa**. Salvador: Edufba 2012. p. 17-32.

¹³³ Publicado em matéria intitulada O Rei Momo da Coligação. **O Liberal**, 08 de janeiro de 1951. p. 1.

Folha Vespertina e *O Estado do Pará*, que circulavam na capital paraense, nesse período, através dos anúncios das festas, nos permitem chegar a tal conclusão.

Era comum, nas páginas desses periódicos, encontrar as expectativas dos bailes, os resumos do que acontecera durante as realizações festivas e os convites, anunciando o dia, a hora, o local e as atrações das festas realizadas em Belém, como pode ser observado no anúncio abaixo.

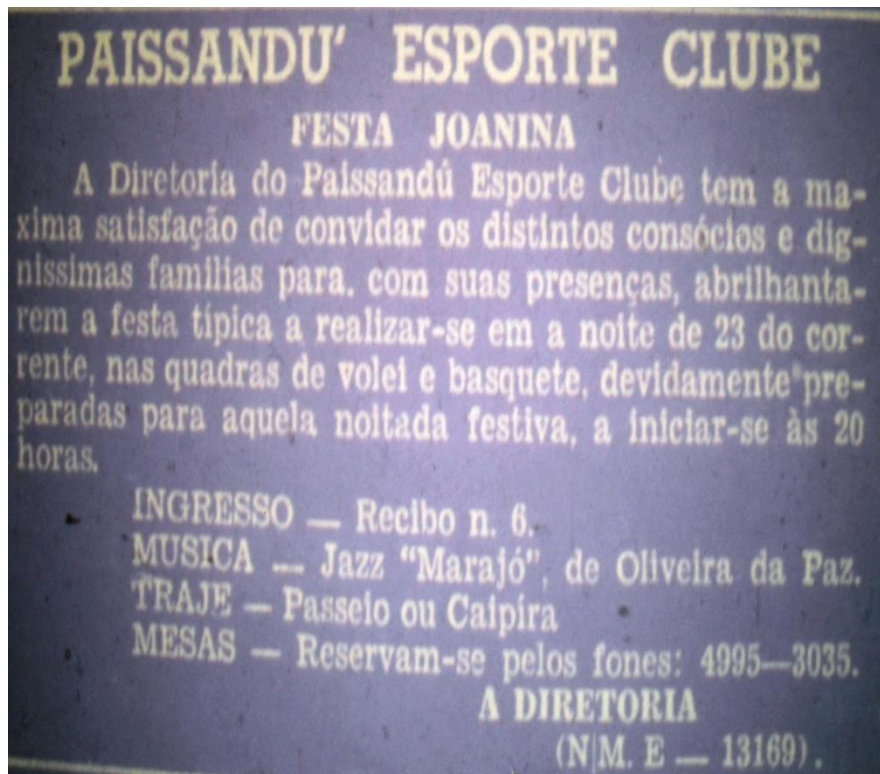


Imagem 1. Jornal *Folha do Norte*, 22 de junho de 1951, p. 3.

Desde pelo menos as primeiras décadas do século passado, em Belém do Pará, encontrava-se diversificado o universo cultural em vários ambientes de lazer e sociabilidade (ruas, praças, feiras, bosques, escolas, clubes dançantes e desportivos); locais esses onde as relações sociais eram intensas; um verdadeiro “fato cultural, um caldeirão de impressões, de sentimentos, de desejos e de frustrações.”¹³⁴, acentuando a ideia de que a cidade era construída, também, a partir de uma teia de relações culturais.

¹³⁴RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História:** ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 195.

A segunda metade do século XX é considerada, por alguns pesquisadores das humanidades¹³⁵, como o período de profundas transformações na região amazônica, principalmente nas cidades de Belém do Pará e Manaus, ocasionadas pelo processo de modernização – urbanística e econômica – que estava atrelado aos projetos capitalistas voltados para o desenvolvimento dessas regiões.

O processo de urbanização da capital paraense, principalmente da área suburbana, era refletido, também, nos espaços dançantes da cidade. Como aponta a escritora Lindanor Celina, em uma de suas crônicas publicada na *Revista Amazônia* de junho de 1955, que os festejos populares realizados na *urbe* passaram a destoar o romantismo de antigamente, substituindo-o pela “ultra-civilização”, por uma suposta “urbanização” e pelo “sintético”, fazendo com que os brincantes se esforçassem ao máximo para reviver o que entendiam como “pitoresco”, como “tradicional”. Logo, como é observado na crônica, o “primitivo” abre caminho para a “civilização”, sendo essa, também, responsável pela transformação da dinâmica socioespacial de Belém.

Nesse período, a capital paraense também passava por agudas alterações socioculturais, pois se intensificava com o processo migratório, campo-cidade, a ocupação e urbanização de terras que compõem, em sua maioria, os atuais bairros periféricos de Belém.

Segundo Carmem Izabel Rodrigues, essas áreas periféricas que, nos finais dos anos de 1940 e durante os anos de 1950, passaram por intenso processo de urbanização, tornaram-se, desde o início, “espaços de estabelecimento e circulação de moradores das áreas ribeirinhas situadas próximas a Belém, especialmente das cidades e localidades estabelecidas no rio Guamá e Tocantins e seus afluentes”¹³⁶. Rodrigues sugere ainda que esses indivíduos contribuíram significativamente no processo de construção e desenvolvimento dos bairros que compõe até hoje a configuração urbana de Belém.

Esse contingente de migrantes, oriundos tanto das localidades próximas à cidade de Belém como também de regiões afastadas (Guajarina, Bragantina, Salgado, Baixo Tocantins,

¹³⁵ Segue algumas das pesquisas desenvolvidas sobre o processo de urbanização e modernização da cidade de Belém do Pará e Manaus na segunda metade do século XX, mais precisamente entre os anos de 1950 e 1970. RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaços urbanos.** op. cit.; PENTEADO, Antonio Rocha. . **Belém – Estudo de Geografia Urbana.** op. cit.; RODRIGUES, Carmem Izabel. À beira do Guamá... um bairro em movimento. In: VIEIRA JUNIOR, Antônio Otaviano; BELTRÃO, Jane Felipe (Orgs.). **Conheça Belém, co-memore o Pará.** op. cit.; TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair. **Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém.** Belém: NAEA/UFPA, 1997; PETIT, Pere. **Chão de promessas: elites políticas e transformação econômica no Estado do Pará pós-1964.** Belém: Paka-Tatu, 2003.

¹³⁶ RODRIGUES, Carmem Izabel. op. cit. 2008. p. 77.

Baixo Amazonas e Arquipélago do Marajó)¹³⁷, fixaram-se em áreas próximas ao comércio da cidade, mas, ao mesmo tempo, de difícil acesso, pois, nos anos de 1950, Belém do Pará ainda não era detentora de significativos veículos de transportes que circulassem intensamente pelo subúrbio da cidade. No entanto, esses migrantes colaboraram expressivamente na disseminação de gostos, hábitos e crenças, imbricando tais costumes com os já existentes em Belém. Diante disso, observa que como todas as cidades do país, Belém do Pará traz expresso, em seu modo de vida, um conjunto de padrões culturais, onde seus agentes – nativos ou migrantes – atuam de forma significativa.

De acordo com Carmem Izabel Rodrigues¹³⁸, as ruas, nas quais muitos migrantes se fixaram, traduziam o grau de pobreza de seus moradores. Suas habitações, desde pelo menos as primeiras décadas do século passado, revelam as dificuldades dos indivíduos que lá viviam. Elas, quase sempre, eram estruturadas por palhas, madeiras, barros e enchimento, tendo seus moradores encontrados, ao longo do tempo, dificuldade em viver e circular nesses espaços, por conta do “acumulo de lama, capim e valas, o que se agravava no inverno pelo volume das chuvas, alagando as casas e as ruas, dificultando assim o acesso dos transportes coletivos a essas paragens.”¹³⁹.

O número populacional de Belém do Pará, nos anos de 1950, cresceu consideravelmente. Nesse período, os bairros mais populosos da cidade eram o Marco, Umarizal e Telégrafo Sem Fio. Porém, os que apresentaram maior variação populacional durante esse tempo foram os bairros do Jurunas, Condor e Guamá:

O Jurunas apresentou um índice de crescimento de 101,08%, o bairro da Condor apresentou um índice de 500,90% (o maior índice) e o bairro do Guamá foi de 68,52%. O bairro da Sacramento foi de 270,60%, o do Souza de 204,22%, a Marambaia de 112,04%. Já os bairros do Comércio e do

¹³⁷ Essa mobilização demográfica oriunda, principalmente, das regiões citadas não possui um registro oficial. No entanto, tal mobilização pode ser confirmada na verificação da composição populacional de atuais bairros que compõem a espacialização belenense como, por exemplo: Jurunas, Guamá, Cremação, São Braz, Canudos, Pedreira, Marco, Telegrafo, Sacramento, Marambaia, entre outros. Sobre isso, consultar: COSTA, Antonio Maurício; GOMES, Elielton B. Castro. op. cit. pp. 207.

¹³⁸ Para compor o *corpus* da cartografia da Belém antiga, realizou-se entrevistas com interlocutores/intérpretes que narraram suas experiências pessoais e suas memórias coletivas sobre a cidade, reportando-se, principalmente, aos anos de 1940, 1950 e 1960. No entanto, vale deixar claro, é perceptível a ultrapassagem dos limites definidos pelos pesquisadores, pois se sabe que a memória não é datada e que cenas do cotidiano podem de uma forma ou de outra, influenciar nos discursos de cada interlocutor. Os intérpretes que colaboraram para o desenvolvimento do trabalho que deu origem ao livro “Memória da Belém de Antigamente” eram provenientes das mais diversas esferas sociais, ou seja, havia uma diversidade social imensa, que ia dos mais humildes aos mais requintados, tendo, cada um, papéis importantíssimos na construção da história e da memória de Belém. Para saber um pouco mais sobre a cartografia cultural da Belém do século passado, consultar: FARES, Josebel Akel (Org.). **Memórias da Belém de antigamente**. Belém: EDUEPA, 2010.

¹³⁹ RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. Cidade narrada: memórias, história e representações. In: FARES, Josebel Akel (Org.). 2010. p. 67.

Reduto apresentam uma diminuição na população de 15,57% e 23,21% respectivamente. A Cidade Velha cresceu 23,25%, o bairro de Nazaré 90,27%, o de São Bráz 4,15% e Canudos 30,98%¹⁴⁰.

Talvez, o fato de os bairros do Jurunas, Guamá e Condor estarem localizados nas proximidades do rio, locais onde a circulação de moradores das áreas ribeirinhas era constante, tenha proporcionado, com o intenso processo migratório do campo para a capital, durante os anos de 1950, esse aumento populacional¹⁴¹. Além disso, esse processo pode também ser considerado como o principal motivo de ressignificação da paisagem urbana, cultural e social de Belém durante a década de 50, pois também se intensificava o entrelaçamento cultural entre os dois mundos – urbano e rural – “numa miríade de costumes capazes de responder pela nova lógica urbana a partir de então.”¹⁴², pois “uma multiplicidade de práticas [vem] ganhando corpo no transcurso temporal das diferentes situações em que se envolviam as pessoas que ali estavam”¹⁴³, pessoas essas que traziam, junto com suas bagagens, “um conjunto de histórias particulares que aí se encontra[vam], por aí se cruza[vam] e daí [eram] difundidas”¹⁴⁴.

A baixada¹⁴⁵, segundo Tony Leão da Costa, era o local onde as tradições eram vividas de forma “escondida”, pois o distanciamento entre o centro da cidade e o subúrbio era claro, tanto na questão de infraestrutura como na que envolvia os aspectos culturais da capital paraense. Sobre isso, esse autor ressalta que:

A cultura suburbana parecia se refugiar em áreas marginais, frente ao avanço do “progresso” e das mudanças de hábitos da cidade. O primitivo cedia lugar

¹⁴⁰ FONTES, Edilza. **O pão nosso de cada dia**: trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista (Belém 1940-1954). Belém: Paka-Tatu, 2002. p. 205.

¹⁴¹ Como muitas outras cidades localizadas na região amazônica, a de Belém do Pará, surgida entre as águas dos rios Guajará e Guamá traz, em sua estrutura, um número significativo de portos, empresas e empresas-portos, sendo esses dirigidos pelo Estado ou por instituições privadas e que tiveram uma importância crucial na dinâmica econômico-espacial da cidade e na vida de seus moradores, principalmente dos migrantes que foram se fixando próximo a essas áreas durante o processo de urbanização da cidade no século passado. Sobre isso, consultar: RODRIGUES, Carmem Izabel. À beira do Guamá... um bairro em movimento. In: VIEIRA JUNIOR, Antônio Otaviano; BELTRÃO, Jane Felipe (Orgs.). op. cit.

¹⁴² DIAS JUNIOR, José. **Entre cabarés e gafeiras**: um estudo das representações boêmias na periferia de Belém do Pará, 1960-1980. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011, p. 4.

¹⁴³ SILVA, Marcos Alexandre Pimentel da. **A cidade vista através do porto**: múltiplas identidades urbanas e imagem da cidade na orla fluvial de Belém (PA). 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2006. p. 40.

¹⁴⁴ SILVA, Marcos Alexandre Pimentel da. 2006. p. 44.

¹⁴⁵ Utilizo, aqui, o termo *baixada*, apresentado por Saint-Clair Trindade Jr., para designar as “áreas inundadas ou sujeitas às inundações – decorrentes, em especial, dos efeitos das marés – e ficaram conhecidas, principalmente a partir da década de 60, por serem espaços de moradia das camadas sociais de baixo poder aquisitivo.”. Ver: TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair. op. cit.

ao civilizado, pela força das transformações da cidade e de seus costumes. As mudanças na forma urbana, o avanço proporcionado pelo asfalto, a “civilização”, por exemplo, mudavam as configurações da cultura, davam características para as manifestações populares, desalojando-as, muitas vezes, de determinadas áreas onde ocorriam.¹⁴⁶

Essa área suburbana de Belém era local de moradia dos mais diversos tipos sociais como, por exemplo, lavadeiras, capoeiras, sacerdotes afro-religiosos, frequentadores das religiões de matriz africana, do catolicismo, que tinha uma intensa relação com as demais religiosidades local, brincantes ligados aos grupos de bumbás, vendedores ambulantes, entre outros, que tornaram essas áreas um verdadeiro mundo mesclado, derivado do cruzamento de vários segmentos sociais¹⁴⁷.

É interessante mostrar que o subúrbio belenense, diante dos problemas de infraestrutura e saneamento, atraía, para suas festas, um número significativo de curiosos que viviam nas áreas centrais da cidade. Essa curiosidade estava atrelada as questões culturais dos indivíduos¹⁴⁸ que moravam nas áreas afastadas do centro de Belém, como foi relatado por Salomão Larêdo, em seu livro de memória sobre o bairro da Condor e o Palácio dos Bares.

Comecei a frequentar o bairro da Condor após terminar a Faculdade de Direito, por volta de 1938. Mas só me tornaria um frequentador mais assíduo, já na década de 1940. [...] Lembro que antes do famoso bar do João de Barros, aquela área funcionava como uma espécie de portos para embarcações, sobretudo, canoas. Depois passou a ser um local de pouso dos hidroviários da empresa aérea alemã Condor. Também havia o Bar Soberano, de Hilário Ferreira. Porém, o bairro só se transformaria em reduto da boemia de Belém com o João de Barros. Ele ampliou o espaço do Bar Soberano, criando, inclusive, uma palafita que se projetava sobre o rio Guamá. Naquele tempo, as companhias teatrais que faziam temporada no Theatro da Paz, como a Cia. Jaime Costa, costumavam jantar na Condor. Quando terminavam os espetáculos, todo o elenco ia fazer as refeições no Bar da Condor. Os boêmios da cidade também iam para lá, depois que acabavam as tradicionais festas da Assembléia Paraense, Pará Clube, Aliados, dentre outros. Isso acontecia por volta das duas da madrugada. O ambiente era muito cordial e saudável, frequentado por médicos, advogados, oficiais das Forças Armadas e políticos¹⁴⁹.

¹⁴⁶ COSTA, Tony Leão da. **“Música de subúrbio”**: cultura popular e música popular na “hipermargem” de Belém do Pará. 2013. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História. Niterói: Rio de Janeiro. 2013. p. 57.

¹⁴⁷ Ver: COSTA, Tony Leão da. op. cit.

¹⁴⁸ Festas realizadas em bares e boates localizadas ao longo dos bairros periféricos de Belém como, por exemplo, o famoso Bar da Condor, conhecido também como Palácio dos Bares, que tinha como o proprietário a figura de João de Barros.

¹⁴⁹ LARÊDO, Salomão. **Palácio dos Bares – Buete Condor – recanto encantado da cidade morena às margens do lendário rio Guamá. – Bar da Condor – poemas salientes, memória social/emocional, depoimentos**. Salomão Larêdo Editora, Belém, 2003. p. 335-336.

Da mesma forma, os bairros nobres atraíam grande número de homens e mulheres do subúrbio que buscavam, mesmo que raramente, viver as alegrias propagandeadas com muito requinte pela imprensa local como, por exemplo, os concursos de bois organizados em praças centrais da cidade e, principalmente, aqueles realizados no Bosque Rodrigues Alves.

Sobre isso, José Ronaldo Trindade acentua que, desde o início do século passado, nesses espaços “não eram apenas os membros das famílias de elite que podiam ser encontrados passeando em agradáveis fins de tarde, desfrutando da bela paisagem fornecida ou da frescura proporcionada à sombra de frondosas árvores”. Os moradores do subúrbio também davam o ar de sua graça naqueles espaços, “insinuando a pobreza [desordens e imoralidades] por entre as belas árvores que embelezavam as praças como o Largo da Pólvora”¹⁵⁰.

¹⁵⁰ TRINDADE, José Ronaldo. **Errantes da Campina**: Belém, 1880-1990. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. p. 32.

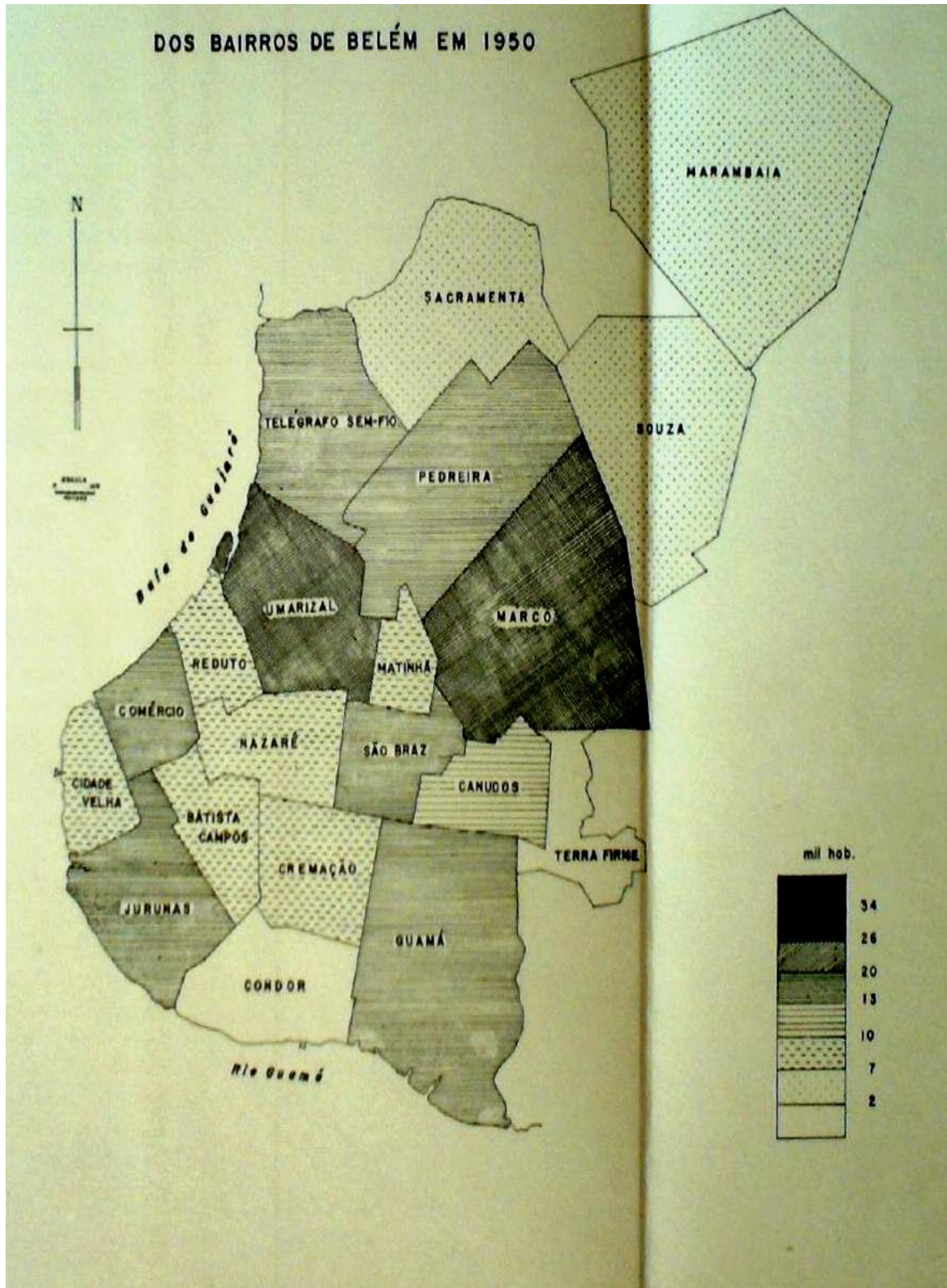


Imagem 2. Mapa representando os bairros de Belém que compunham a cidade nos anos de 1950. Fonte: PENTEADO, Antonio Rocha. **Belém:** estudo de geografia urbana, Belém: UFPA, 1968. v. 2.

Ao observar a disposição dos bairros no mapa de Penteado¹⁵¹, assim como a disposição de habitantes por área, vemos que o maior número populacional está distribuído, principalmente, nas áreas periféricas em torno do centro de Belém (Nazaré, Batista Campos, Comércio, Cidade Velha, São Braz e Reduto) em direção à periferia mais afastada, onde havia uma série de problemas a resolver, ligados, inclusive, a questão do arruamento desses espaços.

É importante observar no mapa em questão que os bairros mais habitados são Umarizal e Marco, seguidos por Comércio, Jurunas, Guamá, São Bráz, Pedreira e Telégrafo Sem Fio, espaços esses que se encontravam afastados do centro da capital paraense.

Para Saint-Clair Trindade Jr morar nessas áreas, que ele chama de baixadas, tem, há muito tempo, “servido para expressar a condição social de um indivíduo, independente da localização (próximo/distante) e do sítio (alagado ou não) em que esteja sua moradia”. Isso se dá pelo fato desses lugares estarem associados, quase sempre, “ao processo e a condição de favelização de parcelas da população no espaço urbano de Belém.”¹⁵².

Sobre isso, Marta Grostein observa que a intensa centralização da pobreza no meio urbano brasileiro tem como expressão um espaço dual, ou seja, “de um lado, a *cidade formal*, que concentra os investimentos públicos e, de outro, o seu contraponto absoluto, a *cidade informal* afastada dos benefícios equivalentes e que cresce exponencialmente”. Percebe-se que tais espaços definem o crescimento abusivo das cidades, sem qualquer tipo de controle, o que, a autora aponta ser “próprio da cidade industrial metropolitana”¹⁵³. Diante disso, observa-se claramente uma hierarquia de espaços por onde se dividiam pessoas e habitações.

Grostein aponta ainda que essa dualidade é revelada a partir do reconhecimento da cidade “formal” que é assumida pelos poderes públicos, dos quais surgem os investimentos urbanos de todos os tipos, assim como de outra cidade, a “informal”, a qual se associa o fenômeno da ampliação urbana ilegal ao da exclusão social. Para essa pesquisadora, em tal fenômeno, está implícita a suposição de que “o acesso a cidade se dá de modo diferenciado e que é sempre socialmente determinado, compreendendo o conjunto das formas assumidas pelos assentamentos ilegais” (loteamentos clandestinos, favelas e cortiços). Essa é uma realidade de longa data nas cidades do país, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro,

¹⁵¹ As informações apresentadas por Antonio Rocha Penteado, no mapa apresentado nessa dissertação, foram coletadas durante a construção de sua tese de doutoramento, principalmente, nos arquivos do IBGE do Estado do Pará. Tal informação pode ser confirmada em seu livro “Belém: estudo de geografia urbana, volume II”, publicado pela Editora da Universidade Federal do Pará.

¹⁵² TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair. op. cit., p. 31.

¹⁵³ GROSTEIN, Marta Dora. Metrôpole e Expansão Urbana: a persistência de processos “insustentáveis”. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 1, p. 13-19, 2001. p. 14.

metrópoles que tiveram seu crescimento acelerado a partir dos anos de 1940 e início da segunda metade do século passado pelo processo de industrialização.¹⁵⁴

Nesse sentido, os ambientes socialmente construídos, como acentua Antonio Arantes, não estão facilmente aproximados, “como se formasse um gigantesco e harmonioso mosaico”. Segundo esse autor, tais ambientes “se superpõem e, entrecruzando-se de modo complexo, forma[ndo] zonas simbólicas de transição”.¹⁵⁵

O etnógrafo e folclorista baiano Edison Carneiro observa, através dos estudos realizados na e sobre a Região Amazônica, durante os anos de 1950, mais precisamente os de 1954 e 1955, financiados primeiramente pela Companhia de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e, as outras, pela Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPEVEA) e do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC), que nesse período o número populacional da região amazônica era aproximadamente 1.844.655 habitantes, dos quais mais de três quintos (1.123.273 [61%]) viviam no estado do Pará e que aproximadamente 23% (254.949) dessa população paraense morava em Belém¹⁵⁶.

Segundo esse autor, “um estilo de vida especial desenvolveu-se na cidade”. Ou seja, diferente de algumas localidades da região amazônica que se “escravizaram” ao rio, a população belenense distribuiu-se por “ruas com indicação do distrito e da quadra”. Sobre isso, Carneiro ressalta que:

Os bairros, Sacramento, Pedreira, Telégrafo sem Fio, Cremação, Condor, com sua sistematização de ruas: no dos Jurunas, tribos indígenas, Tupinambás, Timbiras, Parecis, Mundurucus; no do Marco (da Léguas), as vitórias brasileiras na guerra do Paraguai, Lomas Valentinas, Humaytá, Peribebuí, Chaco; no de Nazaré, figuras da República, Deodoro, Ruy Barbosa, Quintino Bocayuva, Benjamin Constant... A Praça Batista Campos, em que a prefeitura transformou o antigo parque; a “vila” da Barca, pescadores e marítimos vivendo sobre a água em casa de madeira arrancada a navios encalhados; a miniatura da floresta amazônica no Bosque Rodrigues Alves... A arborização de mangueiras... Travessas, alamedas, passagens, como a da Volta do Tripa...¹⁵⁷

Para Edison Carneiro, se apropriando do que disse Euclides da Cunha de que “O homem, em vez de senhorear a terra, escravizava-se ao rio”, nesse período, na Região

¹⁵⁴ GROSTEIN, Marta Dora. op. cit., p. 15.

¹⁵⁵ ARANTES, Antonio A. A guerra dos lugares: mapeando zonas de turbulência. In: ARANTES, Antonio A. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. São Paulo/Campinas; Editora da Unicamp/Imprensa Oficial. 2000. p. 106.

¹⁵⁶ CARNEIRO, Edison. **A Conquista da Amazônia**. op. cit.

¹⁵⁷ CARNEIRO, Edison. ibdem. p. 41.

Amazônica, “a ocupação não vai além das terras banhadas pelo grande rio e pelos seus inúmeros afluentes e confluente.”. Ou seja, “O homens movimentam-se ao longo dos rios, ocupando-lhes as margens imediatas, sem capacidade nem recursos para tentar, em caráter efetivo e permanente, a penetração e a ocupação do interior.”. Logo, “os estabelecimentos humanos – arraiais, vilas e cidades – situam-se à beira-rio, de preferência na foz, mas sempre nos barrancos.”. Nesse sentido, “pode-se dizer que, com exceção da área de Belém e de algumas zonas de colonização intensa, como a servida pela Estrada de Ferro de Bragança, toda a população amazônica – população ribeirinha – vive *do* e *no* rio, submissa e dócil aos seus caprichos”¹⁵⁸.

Por essas áreas dinamizadas – de lazer, diversões, atividades culturais, negócios, serviços e comércio – transitavam trabalhadores da área portuária, moradores da região, intelectuais, funcionários públicos, artistas e estudantes, ao mesmo tempo em que se podia notar um número significativo de mulheres transitando pelas ruas, indo para o trabalho ou retornando dele, consumidoras, “trabalhadoras de bordéis”, mais conhecidas como mulheres da vida, ou, simplesmente, como prostitutas¹⁵⁹, pois, nesses espaços, encontrava-se “um sistema amplo de relações culturais marcados pela busca de prazeres, distrações, novos e variados ambientes de diversões, alguns mais, outros menos sofisticados”¹⁶⁰. Como afirma José Dias Júnior:

Como a maioria dos bairros periféricos de Belém não dispunha, em meados do século XX, de uma infra-estrutura eficiente, como serviços de saneamento, segurança, transporte, educação e principalmente de lazer, foi comum nesses lugares o surgimento de espaços de diversão variados. Era fácil se encontrar nas periferias campos de futebol, sedes de clubes e associações de rua, currais de boi bumbá, terreiros de religiosidade afro-brasileira e as casas de festas noturnas¹⁶¹.

Maria Izilda de Matos observa, a partir dos estudos desenvolvidos sobre a experiência das mulheres imigrantes portuguesas na cidade de São Paulo, assim como o processo de industrialização da mesma, nas primeiras décadas do século passado, que diversas

¹⁵⁸ Ver: CARNEIRO, Edison. Idem.

¹⁵⁹ Sobre isso, ver: LARÊDO, Salomão. op.cit.

¹⁶⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. Imigrantes Portugueses: cotidiano, trabalho e resistência. São Paulo 1920-1940. In. SARGES, Maria de Nazaré; DE SOUSA, Fernando; MATOS, Maria Izilda; VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano; CANCELA, Cristina Donza (Orgs.). **Entre Mares: o Brasil dos Portugueses**. Belém: Editora Paka-Tatu, 2010, p. 196.

¹⁶¹ DIAS JUNIOR, José. **Entre cabarés e gafeiras: um estudo das representações boemias na periferia de Belém do Pará, 1960-1980**. op. cit. p. 4.

intervenções urbanas derivadas do início do século XX, intervenções essas que atuaram no realinhamento e nivelamento de ruas, assim como na estimulação de reformas e construção de edifícios, objetivando tornar a cidade mais elegante, fez com que o território de lazer expandisse significativamente, principalmente nos anos de 1950, ampliando o caráter metropolitano, tornando a *urbe* um polo de atratividade¹⁶², principalmente cultural.

Diante do processo de urbanização e modernização das cidades, algumas áreas desenvolveram-se expressivamente em relação às outras. A prostituição, principalmente nas áreas de baixada das cidades, em especial no caso de Belém do Pará, intensificou-se. Poderiam ser vistas as prostitutas, mais ou menos refinadas, circulando entre os frequentadores das regiões boemias de Belém, sobretudo no bairro da Condor¹⁶³.

Esse bairro, segundo Tony Leão da Costa desde os anos de 1950 é considerado como uma importante área de atração da boêmia da cidade. No entanto, essa área 57 não era tida, principalmente pela imprensa paraense, como uma das melhores. Ambientes de prostituição e de bailes populares eram encontrados ao longo das ruas e avenidas que cortavam o bairro¹⁶⁴. Segundo esse autor, na Condor poderiam ser encontradas figuras da “malandragem” romântica e seresteira de Belém, indivíduos “craques” na arte da dança, principalmente no merengue. Trajando calças e sapatos brancos, os dançarinos de gafeira divertiam-se nos bares, boates e cabarés da cidade até o surgimento dos primeiros raios de sol.¹⁶⁵

No entorno da Condor, assim como dos bairros vizinhos – Jurunas, Cremação e Guamá – esse sistema de relações culturais ampliou-se, significativamente, a partir do final dos anos 40, intensificando-se nos anos 50, 60 e 70. O famoso *Bar da Condor*, que posteriormente foi chamado de *Palácio dos Bares*, era considerado por muitos moradores e frequentadores da área, dos anos citados acima, como a mais “nova opção para os boêmios da

¹⁶² As décadas de 1940 e 1950 consolidaram o que os sociólogos denominaram de sociedade urbano-industrial no Brasil e o começo de uma *sociedade de massa*. Particularmente após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil se modernizou em diferentes setores, assim como, redefiniu alguns elementos que faziam parte das atividades culturais do país, como o rádio, o cinema e a imprensa. Ver: VIEIRA, Ruth; GONÇALVES, Fátima. **Ligo o rádio pra sonhar**: a história do rádio no Pará. Belém: Prefeitura Municipal, 2003.

¹⁶³ O nome Condor surgiu diante da presença de uma companhia aérea alemã, durante os anos 1920 e 1930, instaladas nessa área litorânea da cidade (rio Guamá), no local que hoje se encontra a praça Princesa Izabel, ao lado do Palácio dos Bares. Sobre isso, consultar: LARÊDO, Salomão, op. cit.; RODRIGUES, Carmem Izabel, **Vem do bairro do Jurunas**: sociabilidade e construção de identidades em espaços urbanos. op. cit.; FARES, Josebel Akel, **Memórias da Belém de antigamente**. op. cit.

¹⁶⁴ DA COSTA, Tony Leão. Arte engajada e boêmia desinteressada. In: **Música do Norte**: intelectuais, artistas populares, tradição e modernidade na formação da “MPB” no Pará (anos 1960 e 1970). Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008, pp. 57.

¹⁶⁵ Ver: ibidem. p. 59.

cidade”, era “povoado por tipos excêntricos, de todos os gêneros, alguns até fellinianos”¹⁶⁶, além de ser considerado por muitos como “o segundo lar para muita gente”, como foi apresentado por Tony Leão da Costa, acima, e por Carlos Queiroz na citação a seguir:

A Condor durante os primeiros anos da década de 1950 constituía um universo à parte em Belém. O Bar de João de Barros era povoado por tipos excêntricos, de todos os gêneros, alguns até fellinianos. Era parada obrigatória para o boêmio que procurava emoções fortes. Naquele tempo não havia crimes (apesar da grande quantidade de bêbados), nem arruaceiros ou qualquer tipo de violência. O máximo que acontecia eram algumas brigas entre homens e mulheres. Geralmente, prostitutas reclamando de algum “calote” do freguês. Entre as prostitutas era possível encontrar de balzaquianas a lolitas. O João de Barros, por sinal, exercia um certo controle sobre essa atividade. Se fosse informado que alguma prostituta praticou furto ou outro delito qualquer, ele baniu a profissional do lugar. Vale registrar que, nas imediações do Bar da Condor, existiam vários quatinhos conhecidos como “rendez vous” ou “suadouros”, nos quais praticava-se o “sexo pago”. Havia ainda as “Pensões Alegres”. Caso da pensão da Dona Esmelinha. Essas pensões também eram chamadas de “escolinhas”, porque muita gente se iniciava lá na “arte do amor”. As moças eram fixas, moravam no lugar, e muitos jornalistas frequentavam as pensões em busca de mulheres e bebidas. Alguns diziam que estavam fazendo “extra” no jornal, enquanto se divertiam nas “escolinhas”¹⁶⁷.

O processo de migração ocorrido do interior do estado do Pará, assim como de outras regiões da Amazônia, para a capital, Belém, pode ser visto como um dos principais fatores dos inúmeros problemas sociais em expansão na cidade a partir da segunda metade do século XX. A capital paraense passou por “uma consequência direta do desenvolvimentismo capitalista sobre a região”¹⁶⁸ pois, “os novos interesses do capitalismo promoveram o surgimento de uma nova concepção de espaço.”¹⁶⁹.

¹⁶⁶ O estilo de vida felliniano, associado aos trabalhos do diretor de cinema Federico Fellini, foi adotado, mesmo que inconsciente, por muito tempo, pelos fãs desse cineasta de grande nome e reconhecimento no mundo das artes. Segundo Carla Giffoni, esse estilo adotado pelo diretor, em suas produções, busca, no surreal, pensar a realidade vivida pela sociedade, rompendo com o estilo de muitos diretores de sua geração, que buscavam reproduzir a vida como ela é, se aproximando ao máximo da realidade. Esse autor se utiliza em suas obras de vários tipos excêntricos como, por exemplo, palhaços, mágicos, pessoas com seios grandes, etc., lançando mão da ironia, melancolia e do caricato para refletir sobre assuntos de ordem social com maior domínio. Sobre isso, consultar: GIFFONI, Carla. **Federico Fellini**: a fusão entre o palhaço e o mágico. In: Recanto das Letras (blog), 7 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/4023674>>. Acesso em: 9 maio 2014.

¹⁶⁷ QUEIROZ, C., paraense, 58 anos, Bacharel em Direito, Escritor, Jornalista e Colunista Social. In: LARÊDO, Salomão, op. cit., p. 245-248. Entrevista concedida em 2011.

¹⁶⁸ DIAS JUNIOR, José. **Entre cabarés e gafieiras**: um estudo das representações boêmias na periferia de Belém. op. cit., p. 4.

¹⁶⁹ RAMINELLI, Ronald. **História Urbana**. op. cit., p. 193.

O processo de expansão urbana, nas grandes cidades, dificultou o acesso às moradias¹⁷⁰. No caso de Belém do Pará, esse procedimento se intensificou a partir do momento em que a região amazônica passou a vivenciar as transformações provenientes de sua integração maior ao Centro-Sul do país, que proporcionou “um crescimento do baixo terciário, a carência de habitação, bem como a favelização acentuada, com insuficiência dos serviços/equipamentos urbanos e comunitários.”¹⁷¹.

Nesse período, as condições da população belenense, principalmente dos moradores da baixada da cidade, eram preocupantes. Bruno de Menezes, no livro *Lua Sonâmbula*, de 1953, observa, durante as viagens de bonde pelo subúrbio da cidade, que nesses espaços era comum a formação de “vários becos que levavam a um labirinto de caminhos sobre estivas”, nos quais esses caminhos eram facilmente confundidos com lamaçais e com vários detritos encontrados na maré. Segundo o poeta, foram nesses espaços que muitos indivíduos sem habitações na cidade, com os restos de madeiras dos barcos encalhados as margens do rio, construíram seus “casebres palafitários”, dando origem à famosa Vila da Barca¹⁷². Os problemas nessa área da capital paraense eram diversos, ou seja, “havia déficit habitacional, ineficiência de transportes coletivos, pressões sociais sobre a infra-estrutura física e equipamentos, principalmente por setores de renda mais baixa”¹⁷³.

Segundo Leila Mourão, o avanço econômico, ocasionado pelo processo de industrialização, mantinha uma gigantesca concentração populacional nas grandes cidades brasileiras, sobretudo nos anos de 1950 e 1960, tendo, nos últimos anos, ocorrido uma enorme preocupação com o direcionamento da economia, assim como da sociedade brasileira, onde houve “consistência diante da necessidade de planejamento e de políticas urbanas propriamente ditas”. Nesse sentido, tal planejamento passa a ser visto “como instrumento de governo para atenuar os problemas existentes e prevenir o surgimento de outros”¹⁷⁴.

Antônio Rocha Penteadó após uma excursão feita por alguns bairros da cidade, para sua pesquisa de doutorado, na segunda metade do século XX, indica que eram predominantes “as “barracas” e raros os prédios de alvenaria com dois ou mais andares”. No entanto, nessas

¹⁷⁰ MATOS, Maria Izilda, *Imigrantes Portugueses: cotidiano, trabalho e resistência. São Paulo 1920-1940*. In. SARGES, Maria de Nazaré; DE SOUSA, Fernando; MATOS, Maria Izilda; VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano; CANCELA, Cristina Donza (Orgs.). 2010, p. 197.

¹⁷¹ TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair. op. cit., p. 51.

¹⁷² MENEZES, Bruno de. *Lua Sonâmbula: poemas*. Belém: Falângola, 1953. Disponível em: <<http://fragmentosdebelem.tumblr.com/post/83909278847>>. Acesso em: 14 maio 2014.

¹⁷³ MOURÃO, Leila. *O conflito fundiário urbano em Belém (1960-1980): a luta pela terra de morar ou de especular*. 1987. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Pará, Belém, 1987. p. 64.

¹⁷⁴ *Ibidem*. p. 64-65.

localidades encontravam-se frequentemente a presença de “clubes, ligados às práticas desportivas ou atividades sociais baseadas nas reuniões dançantes ou manutenção do folclore regional”¹⁷⁵.

O bairro do Jurunas, o qual, diante da diversidade cultural, religiosa e festiva, foi afetuosamente chamado por seus moradores como o “Bairro da Folia”¹⁷⁶, é um dos mais antigos da capital paraense. Como citado anteriormente, esse bairro é, talvez, o que mais se aproxima da realidade do bairro da Condor. Segundo a Lei Municipal 7806/96, a população que compõe, durante as décadas de 1950 e 1960, o bairro da Condor, que surgiu da ocupação de terrenos alagadiços, tinha como grande parte de seus moradores “migrantes oriundos do próprio bairro do Jurunas, que então se expandia até os limites da orla ribeirinha, tanto para baixo (direção sul) quanto para leste”¹⁷⁷.

Sendo um bairro que se desenvolveu as margens do rio Guamá, o Jurunas é, desde o início de sua ocupação, um bairro cercado por “estruturas formidáveis de portos, empresas e empresas portos (...) que tiveram uma importância crucial na dinâmica econômico-espacial da cidade e na vida de muitos moradores”¹⁷⁸, em especial os migrantes que passaram, desde pelo menos o final dos anos 40 e início dos anos 50, a se fixar, como residentes, nas proximidades do rio. Nesse sentido, os rios, igarapés e portos, tiveram um papel significativo na promoção de sociabilidades e trocas socioafetivas importantíssimas na constituição de uma cultura das margens em Belém, sobretudo nas localidades antes apresentadas.

Segundo Flávia de Sousa Araújo, desde o início do século XX a área litorânea da cidade de Belém, principalmente no Jurunas, vista como “terras de cotas mais baixas, alagadas ou passíveis de alagamentos”, passaram a ser ocupadas por “segmentos sociais de menor poder aquisitivo, oriundos principalmente do interior do Estado do Pará”¹⁷⁹.

Sobre isso, Carmem Izabel Rodrigues acentua que é especialmente nessas áreas, próximas do rio, que a concentração de migrantes originários de cidades e localidades ribeirinhas é intensa, enquanto que no centro da cidade, espaço urbanizado e melhor estruturado, com presença de prédios de grande porte, assim como um grande e variado

¹⁷⁵ PENTEADO, Antonio Rocha. op. cit., p. 312-313.

¹⁷⁶ Segundo Carmem Izabel Rodrigues, o termo “Bairro da Folia” serviu, por muito tempo, para definir um dos bairros mais festivos da cidade, o Jurunas. “Marcado por tradições religiosas e políticas, o Jurunas é acima de tudo um festival de cores: amarelo, azul, branco e vermelho, as cores do Rancho Não Posso me Amofiná, paixão e glória de todos os moradores”. Ver: RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do bairro do jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaços urbanos**. op. cit., p. 131.

¹⁷⁷ Ibidem. p. 86.

¹⁷⁸ Ibidem. p. 78.

¹⁷⁹ ARAÚJO, Flávia de Sousa. **Entre portais do espetáculo e portas do cotidiano sobre as águas do Guamá: cartografando processos construtivos de subjetivação no Jurunas, Belém-Pa.** 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. p. 55.

comércio local, “a presença de migrantes interioranos é equivalente à presença de migrantes de outros bairros, nascidos na capital ou em outras cidades da Amazônia ou de outras regiões do país.”¹⁸⁰.

Sendo o bairro do Jurunas espaço de heterogeneidade, onde se reproduzem intensamente as práticas de religião, circulação, consumo e lazer, “é notável [desde] o início do século passado, o contraste entre a falta de estrutura do bairro em termos de urbanização e condições de habitação, e o nível de participação de seus moradores em eventos festivos de todo tipo.”¹⁸¹. Talvez isso explique o quanto os festejos populares desenvolvidos nessa área da cidade de Belém, segundo alguns cronistas e jornalistas da imprensa paraense, em meados do século XX, sejam tidos como os mais bens sucedidos, pois nesses lugares, segundo a imprensa local¹⁸², “a alegria [era] mais extravagante, mais sincera e mais feliz.”.

O século XIX e o início do século XX foram, para a capital paraense, um período de profundas transformações, associadas, quase sempre, a atividade econômica em voga: a extração do látex. Além disso, como aponta Franciane Lacerda o advento da República brasileira também teve papel importantíssimo, com seu ideário de civilização e progresso, na reorganização espacial da cidade, pois “a busca por construir um Estado civilizado, que representasse o desenvolvimento e o progresso que a República pretendia edificar, expressou-se no Pará de diversas formas, como no embelezamento e na urbanização da capital paraense”¹⁸³, sendo tal progresso direcionado, principalmente, para o centro da cidade.

Na medida em que o processo de civilização e progresso tomava conta da capital paraense, a ação migratória para a cidade de Belém do Pará se intensificava. Portugueses, Espanhóis, entre outras nacionalidades, chegavam à cidade e distribuíam-se por regiões próximas e/ou afastadas de Belém¹⁸⁴. No entanto, o número maior de migrantes, direcionados para o Estado do Pará, não era proveniente de regiões estrangeiras e sim do próprio país: os cearenses.

¹⁸⁰ RODRIGUES, Carmem Izabel, **Vem do bairro do jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaços urbanos**. op. cit., p. 81.

¹⁸¹ Ibidem. p. 113.

¹⁸² Jornal **A Vanguarda** de 1953. Fonte constante nos recortes do acervo Vicente Salles, localizado no Museu da Universidade Federal do Pará. O recorte está destacado sem indicação de data específica.

¹⁸³ LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará: facas da sobrevivência (1889-1916)**. Belém: Ed. Açai/Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA)/Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010. p. 17.

¹⁸⁴ Sobre o processo migratório de espanhóis para o Estado do Pará, ver: SARGES, Maria de Nazaré. A “Galícia” paraense: imigração espanhola em Belém (1890-1910). In: ALONSO, José Luis Ruiz-Peinado; CHAMBOULEYRON, Rafael (Orgs.). **T(r)ópicos de História: gentes, espaços e tempo na Amazônia (séculos XVII a XXI)**. Belém: Ed. Açai/Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA)/Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010. p. 201-218. Sobre o processo migratório de portugueses para o Estado do Pará, consultar: SARGES, Maria de Nazaré; SOUSA, Fernando; MATOS, Maria Izilda; VIEIRA JUNIOR, Antônio Otaviano; CANCELA, Cristina Donza (Orgs.). op. cit., 2010.

Franciane Lacerda ressalta que o momento de crise política vivenciada pelos cearenses, no Estado do Ceará, bem como o declínio da produção agrícola e as grandes secas de 1889 e de 1915 foram fatores preponderantes para o trânsito de grande número de cearenses para a Amazônia, principalmente o Pará¹⁸⁵.

Esses indivíduos, bem como migrantes de outras localidades do país e de fora dele, tiveram papéis fundamentais nas formas de festejar na cidade, principalmente nas áreas afastadas do centro de Belém. A forte presença desses migrantes nordestinos na Amazônia fez com que se intensificasse o processo de hibridismo cultural¹⁸⁶, onde a cultura nordestina passou a ser desenvolvida em conjunto com a cultura da região da norte. Logo, as festas juninas, bem como outros momentos festivos, passaram a marcar o cotidiano dos moradores, sendo grande parte deles compostos por migrantes de origens diversas¹⁸⁷.

Festa de carnaval, festa junina e a festa do círio de Nazaré ganhavam destaques, nas páginas dos periódicos da capital paraense, entre os diversos festejos realizados em Belém, em especial no subúrbio da cidade. Era nesses lugares, que desde pelo menos o início dos anos 50, que se dançavam ritmos variados, muitas vezes animados por conjuntos musicais como as Jazz Orquestras ou as “picarpes”, tendo essa última maior presença nos ambientes recreativos do subúrbio belenense.

Durante os anos de 1950, os locais de sociabilidade e de lazer ampliaram-se significativamente em Belém. “Além do teatro, do cinema, do Arraial de Nazaré e das festas populares (carnaval, festas juninas, festas de santos padroeiros, etc.)”¹⁸⁸, clubes recreativos e desportivos juntaram-se aos que já existiam desde pelo menos a segunda década do século XX, expandindo expressivamente a opção de divertimento e recreação da vida cotidiana da população local.

A imprensa paraense desse período apresentava, por meio dos anúncios de festas, a diversidade de clubes recreativos e desportivos localizados no meio urbano belenense, distribuindo-se entre o subúrbio e a área nobre da cidade. Os localizados nas proximidades do rio e os de pontos afastados do centro de Belém eram apresentados pela imprensa como “clubes de subúrbio”, já os encontrados no centro da cidade ou em bairros considerados

¹⁸⁵ Sobre isso, ver: LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**. op. cit.

¹⁸⁶ O processo de hibridização, segundo esse autor, está associado aos resultados de encontros culturais múltiplos; encontro esses onde é possível observar novos elementos adicionados a eles, reforçando, ainda mais, os elementos culturais mais antigos. Sobre isso, consultar: BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. op. cit.

¹⁸⁷ Ver: LACERDA, Franciane Gama. **Imprensa e Poesias de Cordel no Pará nas primeiras décadas do século XX**. op. cit.

¹⁸⁸ Ver: COSTA, Antonio Maurício. **Festa e espaço urbano: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos de 1950**. op. cit.

nobres recebiam a denominação de “clubes sociais”, “clubes aristocráticos” ou “clubes nobres”.

Percebemos aqui a presença marcante de clubes situados na periferia imediata de bairros centrais como Cidade Velha, Campina e Nazaré. Do Jurunas ao Telégrafo sem Fio, da margem do rio Guamá até a baía do Guajará, se espalhavam esses clubes por um conjunto de bairros suburbanos nos anos de 1950 demarcando, num corte longitudinal, o limite territorial da cidade na direção leste.¹⁸⁹

Diante do número significativo de áreas boemias espalhadas por Belém do Pará, durante os anos de 1950, existiam lugares que se destacavam tanto no centro da cidade como nas áreas mais afastadas, apresentadas pela imprensa local como o subúrbio, não havendo uma clara distinção entre os frequentadores de ambos os lugares, pois os ambientes chamados de cabarés, bares e botequins espalharam-se rapidamente pelos bairros da capital paraense atraindo uma diversidade de frequentadores de diferentes grupos sociais.

Dentre os principais bairros festivos de Belém, encontrava-se o Bairro do Guamá. Segundo José Dias Junior, esse bairro deriva de dois momentos: um primeiro momento, início do século XX, desencadeado a partir do bairro de São Braz e um segundo momento, anos de 1950, proveniente do Rio Guamá. Segundo esse autor, esse bairro surgiu a partir de migrantes nordestinos que, primeiramente, se fixaram em São Braz, local de entrada e saída da cidade, e posteriormente penetraram as matas criando estradas e caminhos, fixando-se ao longo desses¹⁹⁰.

Já nos anos de 1950, o bairro do Guamá, assim como os bairros do Jurunas e da Condor, citados anteriormente, expandiu seus espaços através da presença significativa de migrantes oriundos, principalmente, das regiões ribeirinhas localizadas nas proximidades de Belém¹⁹¹. Essa população foi responsável, nesse período, pelo desenvolvimento das ruas e passagens encontradas, ainda hoje, na parte sul do bairro.

Desenvolvida as margens do rio, o bairro do Guamá foi lentamente, desde as primeiras décadas do século XX, expandido entre as matas que tomavam conta daquele espaço, dando, a partir das pressões dos populares que lá se fixaram, dimensão urbana ao território¹⁹².

¹⁸⁹ Ibidem. 2012.

¹⁹⁰ Consultar: DIAS JUNIOR, José. **Cultura popular no Guamá**: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia. op. cit.

¹⁹¹ Sobre isso, ver: Idem; PENTEADO, Antonio Rocha, op. cit.; RODRIGUES, Carmem Izabel, **Vem do bairro do jurunas**: sociabilidade e construção de identidades em espaços urbanos. op. cit.; TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair. op. cit.; RODRIGUES, Carmem Izabel. **À beira do Guamá... um bairro em movimento**. op. cit.

¹⁹² DIAS JUNIOR, José. **Cultura popular no Guamá**: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém. op. cit., p. 39.

Nos anos cinquenta o crescimento populacional em Belém sofreu um aumento significativo devido, principalmente, aos projetos políticos para o desenvolvimento econômico da região, que resultaram no processo de construção da Rodovia Belém-Brasília. Esse advento possibilitou a migração para Belém de muitas pessoas vindas do interior do Estado, pessoas que se estabeleceram, em sua maioria, nos bairros de subúrbio da cidade. Verificasse, nesse momento, o crescimento populacional da cidade, com maior ênfase nos bairros populares próximos ao centro¹⁹³.

Se o bairro da Condor ficou conhecido como o “Bairro da Boêmia” e o bairro do Jurunas como o “Bairro da Folia”, o do Guamá era apresentado, desde pelo menos a segunda metade do século passado, pelos estudiosos que desenvolveram pesquisas sobre o território, como um verdadeiro “Caldeirão Cultural”, onde as manifestações folclóricas, religiosas e carnavalescas eram intensas. Para José Dias Junior, essa diversidade cultural, presente no bairro do Guamá até mesmo nos dias de hoje, foi herdada, principalmente, dos migrantes (nordestinos e interioranos) que habitaram o bairro desde o início do século XX¹⁹⁴.

Eram diversos os locais de lazer e sociabilidade espalhados ao longo do bairro do Guamá. Casas de gafeira, forró¹⁹⁵ e, até mesmo, boates distribuíam-se entre as ruas e avenidas da área guamaense, desde pelo menos a metade do século passado. Entre os ambientes de entretenimento mais conhecidos nesse circuito encontravam-se as sedes do “Onze bandeirinhas”, “Estrela do Norte”, “Grajá”, “Milionário” e “Carroceiros”¹⁹⁶.

Esses ambientes de sociabilidade e de lazer, apresentados acima, além de serem frequentados por moradores do bairro do Guamá, atraíam um número significativo de homens e mulheres de outras localidades da cidade, principalmente de bairros como o da Condor, Jurunas, Cremação e São Braz.

¹⁹³ Ibidem, p. 55-56.

¹⁹⁴ Ibidem, p. 45.

¹⁹⁵ A antropóloga Luciana Chianca indica que esse estilo musical foi consagrado, desde o final da primeira metade do século XX, pelo artista pernambucano Luiz Gonzaga. A pesquisadora aponta que esse artista, recuperando canções tradicionais, tocadas por seu pai, consagrou um estilo que ganhou, suavemente, espaço no meio musical e passou, desde então, a ser associado à festa junina. Para Gonzaga, os anos de 1950 foram muito importantes, pois conseguiu afirmar, em âmbito nacional, uma musicalidade “nordestina”, representada essencialmente por três importantes ritmos: o baião, o xote e o xaxado; ritmos esses que passaram a conceber a musicalidade regional do Nordeste, sintetizando uma verdadeira expressão urbana daquele povo. “A voz de Gonzaga se vinculou inexoravelmente a esses ritmos e aos instrumentos locais tradicionais, como a sanfona, o triângulo, a zabumba e o pandeiro. A musicalidade junina também se apropriou desses ritmos, das temáticas regionais e canções de Gonzaga”. Sobre isso, consultar: CHIANCA, Luciana. **São João, migração e nostalgia em Natal no século XX**. op. cit.; p. 67-74.

¹⁹⁶ Sobre isso, ver: DIAS JUNIOR, José. **Cultura popular no Guamá: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém**. op. cit., p. 63.

Era comum a polícia fazer intervenções nesses lugares, para conter os excessos de alguns frequentadores que, constantemente, eram responsáveis por “brigas e quebra-quebra” nas sedes, devido a esses lugares atraírem pessoas consideradas de má índole, como bandidos, jogadores e prostitutas, considerados os principais causadores das arruaças. A presença desses sujeitos sociais nas casas de festa, certamente, contribuiu para uma representatividade marcada pela “visão negativa” das gafieiras aos olhos da opinião pública belenense, que não media esforços em propagandear de forma pejorativa, denunciando através da imprensa, as “desordens” cometidas por alguns frequentadores. Porém, esses lugares também foram constantemente visitados por pessoas da “alta estirpe social”, fazendo dessas casas de lazer, verdadeiros espaços de circularidade cultural.¹⁹⁷

Segundo Tony Leão da Costa¹⁹⁸, a cidade de Belém, diante do impacto da economia gomífera, no início do século passado, passou por enormes transformações, muitas das quais estavam atreladas ao processo de “embelezamento”, ligado, principalmente, aos bairros centrais. Isso, talvez, tenha proporcionado um aumento significativo dos moradores e visitantes, principalmente moradores do subúrbio belenense, das áreas centrais como: Nazaré, Campina, Batista Campos, São Braz e parte do Reduto. Consequentemente, algumas ruas foram alargadas e pavimentadas. O “passeio público ao modelo francês” passou a compor o lazer da “fina flor da cidade”, houve a criação de bibliotecas, mercados e uma melhor iluminação dessa área central.

Os bairros mais centrais da cidade como, Batista Campos, Nazaré, Campina, São Braz e parte do Reduto, também contribuíram significativamente para a expansão do universo cultural belenense durante meados do século XX.

Nesses bairros era encontrado outro lado da boêmia da cidade: lá eram presentes bares, cafés, boates e outros recintos de lazer glamurizados, quase sempre, pela imprensa paraense de meados do século passado.

Esses bairros ofereciam, aos moradores e visitantes, melhor qualidade de vida, em razão dos processos de embelezamento, urbanização e “civilização”, apresentada anteriormente, e também pela *Bela Época*¹⁹⁹. Segundo Franciane Lacerda e Maria de Nazaré Sarges, “o espaço público que se confunde com o espaço social se transforma na paisagem

¹⁹⁷ Ibidem, p. 67.

¹⁹⁸ COSTA, Tony Leão da. “**Música de Subúrbio**”: cultura popular e música popular na “hipermargem” de Belém do Pará. op. cit., p. 62.

¹⁹⁹ Também conhecida como *Belle Époque*, foi, segundo Maria de Nazaré Sarges, um período no qual a capital paraense tornou-se um verdadeiro “canteiro de obras”, buscando atrelar a cidade aos modelos estéticos dos países europeus, o que “em parte se tornava possível graças ao aquecimento da economia produzido pela exportação do látex”. Durante um período significativo, a cidade de Belém ficou também conhecida como a “Paris na América” ou “Francesinha do Norte”, refletindo uma imagem civilizatória e de progresso. Consultar: SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do “velho” intendente**: Antonio Lemos – 1869-1973. 1998. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP: Campinas, 1998.

que deve ser rigorosamente policiada pelos fiscais detentores de poder de força para a implementação da modernidade civilizatória”.²⁰⁰

Diante da análise proposta por Túlio Chaves a partir dos anos de 1930, esses espaços se consolidaram, principalmente aquele no qual se encontrava uma das principais avenidas da cidade, a 15 de Agosto (atual Avenida Presidente Vargas), como lugares nos quais, “além dos arranha-céus, se localizavam os melhores hotéis, cafés, cinemas e sedes dos principais clubes da cidade, como o aristocrático “*Assembléia Paraense*” e a “*Tuna Luso Comercial*””. Além disso, nessas proximidades, encontravam-se dois importantes símbolos eruditos da capital: o largo da pólvora (atual Praça da República) e o Teatro da Paz. Isso permite concluir que esses espaços “tornavam a rua um local do ponto de vista de um centro econômico e de vida cultural, noturna e moderna, vida esta evidente e necessária para parte considerável da população local”²⁰¹.

Sobre isso, José Ronaldo Trindade indica que nesses espaços – dando destaque ao bairro da Campina – as regras e normas eram presentes e aplicadas com grande intensidade, onde delas advinham “um jogo de exclusão para os “desgarrados” – os quais não segu[iam] a “cartilha” do bairro. Além disso, esse autor aponta que o comportamento dos indivíduos dizia bastante sobre eles, ou seja, podia-se saber, através de seus atos, quem eram as pessoas gentis, quem eram os “ásperos”, quem eram os trabalhadores e quem eram os vagabundos que transitavam naquela região da cidade de Belém, proporcionando aos fiscais uma maior atenção voltada para aqueles que fugiam das normas estabelecidas²⁰². Sobre esses espaços, Antônio Rocha Penteado observa que:

Graças às suas origens, Nazaré e São Braz são os bairros onde mais se notam grandes palacetes, rodeados de jardins, nem sempre muito bem cuidado, mas, de qualquer forma, construídos no centro de amplos lotes; embora tal fato contraste frontalmente com a estrutura e paisagens urbanas dos bairros da Condor e do Guamá, não significa estarem ausentes as habitações modestas, colocadas no alinhamento da rua e, até mesmo, as “barracas”.²⁰³

Nos bairros mais centrais, além de haver uma preocupação com a estética das fachadas dos prédios e palacetes distribuídos ao longo das ruas e avenidas, havendo uma grande

²⁰⁰ LACERDA, Franciane Gama; SARGES, Maria de Nazaré. De Herodes para Pilatos: violência e poder na Belém da virada do século XIX para o XX. **Projeto História**, São Paulo, n. 38, p. 165-182, jun. 2009. p. 166.

²⁰¹ CHAVES, Túlio Augusto Pinheiro de Vasconcelos. **Isto não é para nós? Um estudo sobre a verticalização e modernidade em Belém entre as décadas de 1940 e 1950**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará. Belém: UFPA, 2011. pp. 29.

²⁰² Sobre isso, consultar: TRINDADE, José Ronaldo, op. cit.

²⁰³ PENTEADO, Antonio Rocha. op. cit., p. 319.

diferença entre as moradias que compunham os bairros suburbanos da cidade, percebe-se que os ambientes de divertimentos espalhados ao longo desses bairros, em muito diferem daqueles encontrados no subúrbio de Belém. Um fator importante para percebermos tais diferenças encontra-se disponível nas páginas de jornais e revistas que circulavam na capital paraense durante a década de 1950.

Nesse sentido, a imprensa paraense desse período apresenta, por meio dos anúncios de festas, a diversidade de clubes recreativos e desportivos,²⁰⁴ localizados no meio urbano belenense, distribuindo-se entre o subúrbio e a área nobre da cidade. Segundo Antonio Maurício Costa, essas disposições espaciais estão atreladas aos discursos jornalísticos e memorialísticos sobre a cidade relativos à posição marginal dos chamados ‘bairros de subúrbio’ e ‘bairros nobres’²⁰⁵.

Além desses clubes, outros ambientes de lazer, tidos como refinados por uma parcela significativa da cidade, encontravam-se espalhados ao longo dessas áreas, como, por exemplo, o Museu Goeldi, o Teatro da Paz, a Praça da República e da Batista Campos e o Grande Hotel, onde, segundo Edison Carneiro, localizava-se a “boite Buraco Frio” onde parcela significativa de Belém embalava-se ao som de grupos musicais de destaques da região. Ou seja, ambientes que traziam à tona uma “lembrança imperecível do grande prefeito de Belém, “o velho Lemos”...”²⁰⁶, responsável, no início do século passado, pela urbanização e modernização das áreas centrais da capital, Belém do Pará²⁰⁷.

Portanto, os anos de 1950 demarcam, na cidade de Belém do Pará, um vestígio de grandes transformações sociais, espaciais e culturais, a qual são refletidas também no modo de festejar dos moradores da capital paraense, tanto daqueles que habitavam o subúrbio, como daqueles que moravam no centro da *urbe*.

²⁰⁴ Denominação dada aos clubes que se dedicavam às aptidões físicas, visando competições entre os praticantes, proporcionando também entretenimento a eles.

²⁰⁵ COSTA, Antonio Maurício. **Festa e espaço urbano**: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos de 1950. op. cit.

²⁰⁶ CARNEIRO, Edison. **A Conquista da Amazônia**. op. cit., p. 43.

²⁰⁷ Para Venize Nazaré Ramos Rodrigues, a política desenvolvida por Antônio Lemos, no início do século XX, de embelezamento do espaço urbano de Belém, segregou a população pobre das áreas centrais da cidade, “derivando daí a formação de bairros periféricos ainda, hoje, em sua maioria, destinado às populações de baixa renda”. Ver: RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos, op. cit., p. 67.

2.2. CLUBES SUBURBANOS E CLUBES “ARISTOCRÁTICOS”: ESPAÇOS DE LAZER E SOCIABILIDADE NAS FESTAS JUNINAS DA CAPITAL PARAENSE NOS ANOS DE 1950.

Os anos de 1950 foram importantíssimos no processo de proliferação dos ambientes recreativos da cidade, sendo os clubes sociais um deles. Desde o início do século XX, diversos clubes sociais e desportivos passaram a fazer parte da opção de lazer dos moradores de Belém do Pará, no entanto, foi a partir do início da segunda metade do século passado que a opção de divertimento dos cidadãos cresceu expressivamente, pois novas associações desportivas surgiram no meio urbano. Sobre isso, Antonio Maurício Costa indica que:

As opções de lazer ligadas à ‘vida boêmia’ ampliaram-se na cidade ao longo da década de 1950. Além do cinema, do teatro do Arraial de Nazaré e das festas tradicionais (carnaval, festas juninas, festas de santos padroeiros etc.), os bares, clubes de elite e clubes suburbanos ocuparam um papel destacado no cotidiano de lazer dos moradores da cidade. (...) Temos, portanto, uma dinâmica festiva muito viva e presente nos clubes ‘sociais’ e ‘suburbanos’ de Belém em meados do século XX, por onde circulavam organizadores de festas, músicos e cantores de conjuntos musicais, profissionais de sonoros, dançarinos e o público cativo frequentador de bailes em cada bairro²⁰⁸.

Vale pontuar aqui algumas questões que giram em torno dos clubes recreativos, os quais, segundo Peter Burke, compõem os ambientes sociais desde pelo menos o final do século XVIII. De acordo com Peter Burke, até mesmo nos dias atuais, a palavra “club” produz uma ideia de ambiente aristocrático, ligado às exclusividades e posses. Não devemos, no entanto, cair no equívoco de considerar que tais espaços tinham apenas esse caráter nobre e excludente, pois trouxeram “uma importante contribuição para a democracia, assim como a modernização”. Logo, esses ambientes “têm ao mesmo tempo um aspecto democrático e aristocrático”, onde transitavam pessoas com um nível social mais ou menos abastado, pois eram estabelecimentos que tinham “o direito de rejeitar, assim como de admitir, novos sócios”²⁰⁹.

²⁰⁸ COSTA, Antonio Maurício Dias da. **Festa e espaço urbano**: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos de 1950. op. cit., p. 390-393.

²⁰⁹ BURKE, Peter. A história social dos clubes. **Folha de São Paulo**, São Paulo, fev. 2002. Seção Mais Autores. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2402200203.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

Segundo Uassyr Siqueira²¹⁰, no finalzinho do século XIX e principalmente nos primeiros anos do século XX, com o processo de metropolização de algumas cidades do país, novos valores e estilos culturais emergiram, sendo a intensificação de clubes sociais e recreativos, nas cidades, um deles, possibilitando que os indivíduos gastassem seu tempo livre com atividades ligadas ao lazer, principalmente com a prática da dança.

Diante do processo de modernização e urbanização de algumas regiões do Brasil, os clubes sociais e recreativos, principalmente aqueles localizados nos subúrbios, traziam “uma maneira de integrar os recém-chegados à cidade e fazê-los sentir-se mais em casa”. Segundo Burke, “a existência desses clubes, em muitos dos quais membros de diferentes classes sociais se encontravam regularmente face a face, ajudou a criar uma cultura mais democrática do que até então existente”²¹¹.

Em conjunto com os anúncios sobre as festas juninas, em Belém, organizadas nos terreiros de rua, praças e bosques, encontrava-se aqueles referentes às festas realizadas nos clubes dançantes da cidade, relacionando-as com as transformações urbanas e festivas nos anos de 1950, as quais ganhavam destaques nas páginas dos periódicos. É importante acentuar que os anúncios priorizavam os clubes localizados em bairros centrais da cidade, como pode ser observado a seguir.

Entre os diversos clubes existentes no meio urbano belenense, os que mais se destacavam nos anúncios das festas juninas na década de 1950 eram: São Domingos (Jurunas), Imperial Esporte Clube (Jurunas), Esporte Clube Norte Brasileiro (Cremação), Leblon Esporte Clube (São Braz), Assembleia Paraense (Campina), Delta Clube (Nazaré), Automóvel Clube (Campina), Azas Esporte Clube (Nazaré), Palace Teatro (Campina), Cedro Esporte Clube (Campina), Tropical Clube (Campina), Parque Atlético Clube (Marco), Clube do Remo (Nazaré), Amazônia Clube (Campina) e Paissandu Esporte Clube (Nazaré).

Antonio Maurício Costa²¹² ressalta que foi a partir dos anos de 1950 que a proliferação desses espaços dançantes passou a se intensificar na cidade. Esse autor observou que era comum a presença de “olheiros” entre um clube e outro, principalmente nos mais “bem afamados”, tendo em vista, talvez, copiar os estilos, tanto ornamental como musical desses espaços. É importante deixar claro que durante as festas noturnas, realizadas nesses ambientes “sociais”, não era permitida entrada de menores de idade, bem como de mulheres que

²¹⁰ SIQUEIRA, Uassyr. **CLUBES E SOCIEDADES DOS TRABALHADORES DO BOM RETIRO: organização, lutas e lazer em um bairro paulistano (1915-1924)**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002. p. 75.

²¹¹ BURKE, Peter. **A história social dos clubes**. op. cit.

²¹² Ver: COSTA, Antonio Maurício Dias da. **Festa e espaço urbano: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos de 1950**. op. cit.

buscavam ganhar a vida se prostituindo, aspectos esses que poderiam afastar os “elegantes” frequentadores do recinto.

Nesse sentido, esses espaços dançantes, principalmente aqueles localizados nos bairros nobres, transmitiam a sensação, aos seus frequentadores, de “estar em casa”, de “se sentir a vontade”. A ideia de casa, presente nos anúncios jornalístico, está associada, principalmente, as relações familiares presentes nesses ambientes de diversão, pois, como aponta Sonia Giacomini “o clube é permanentemente referido como lugar da família, lugar de encontro das famílias, lugar de constituição de famílias e de alianças entre as famílias”²¹³, famílias essas constituídas, quase sempre, por indivíduos que tiveram sucesso em suas carreiras profissionais, que esbanjavam seu sucesso econômico, bem como sua distinção educacional, entre si.

A presença dos grupos jazzísticos e dos sonoros eram marcantes nesses espaços de sociabilidade e de lazer, bem como a presença de uma ornamentação, quase sempre, artificial, trajes típicos e comidas da época. Exemplo disso são os “clubes aristocráticos”, com sua decoração bem cuidada, a orientação aos participantes para o uso de “trajes típicos” e as orquestras com seu repertório musical diversificado permaneceram como o ponto alto da quadra junina “elegante” de Belém. Os eventos em salões de clubes, de acordo com os jornalistas da época, estiveram pautados, ao seu modo, em uma ideia de fidelidade às “tradições juninas”. Por outro lado, os festejos juninos nos espaços do subúrbio estiveram, nos anúncios ou crônicas da imprensa, sempre associados ao sentido de festa popular, quer de forma positiva ou negativa.

Os clubes “elegantes”, “chics” ou “aristocráticos” – de acordo com os termos do discurso jornalístico –, localizados em bairros centrais e apresentados nos periódicos dos anos de 1950, possuíam aspectos distintivos em relação aos demais existentes na cidade, além de serem frequentados pela elite paraense. Nesses espaços se encontrava o mais característico universo de sociabilidade e lazer das famílias mais abastadas da cidade. No entanto, não descartamos a hipótese de que os bailes realizados nesses ambientes fossem frequentados por alguns indivíduos da classe média e baixa da capital.

Já os clubes espalhados pelo subúrbio da cidade, apresentados pela imprensa como “clubes suburbanos”, quase sempre ligados a sindicatos, associações profissionais ou de esporte e lazer, tinha a presença constante de dançarinos amadores, de grandes destaques na

²¹³ GIACOMINI, Sonia. **A ALMA DA FESTA**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – O Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006. p. 53.

arte da dança. Esses indivíduos eram embalados aos sons, provenientes quase sempre das “picarpes”, elemento importantíssimo na composição festiva desses espaços dançantes.

Sobre essas festas nos espaços suburbanos, foram encontradas, ao longo da pesquisa, inúmeras referências como, por exemplo, aquela que se encontra presente no jornal *O Estado do Pará* de 25 de junho de 1955, de autoria de De Campos Ribeiro²¹⁴, intitulada de “Assim se faz são João na roça”²¹⁵.

Na matéria em questão, De Campos Ribeiro descreve seu retorno “à sede da velha e benemérita Sociedade Beneficente” da Vinte de Março, espaço por onde transitou, na companhia de seus amigos, 30 anos atrás, onde o barracão ainda era coberto por zinco. O convite de retorno a esse espaço fez com que De Campos Ribeiro relembresse aquelas noites por ele vividas com grande alegria, além de perceber que as famílias, senhoritas e rapazes continuavam se divertindo a valer, “de maneira sadia, com sinceridade alegre, por horas de que ninguém que ali esteve certamente se olvidará tão cedo”.

A festa em questão, continua Ribeiro, contou com a participação do conjunto organizado por Tó Teixeira, que “dirigiu bravamente, com alma, vivendo ele próprio as emoções da música com que animava o folguedo da Vinte”. O espaço da Vinte de Março estava “transmutado em arraial roceiro com minúcias de ornamentação de delicioso sabor típico [que] era já um convite ao puladinho das polcas, aos chorinhos quebrados, às valsas sentimentais, à quadrilha bizarra e elegante de outrora”.

Outras informações referentes às festas juninas do subúrbio belenense encontram-se nas páginas do livro de crônicas, sobre a capital paraense, escrito por Murilo Menezes²¹⁶ e publicado no ano de 1954. No texto em questão, intitulado de “Noite de São João”, esse autor relembra a presença de sua família e “amigos” em uma festa junina organizada em uma rua do subúrbio belenense, na noite de 23 de junho.

²¹⁴ Sobre esse autor, conferir: CASTRO, Maria das Neves Rocha de. De Campos Ribeiro: percurso literário. In: CASTRO, Maria das Neves Rocha de. **Memórias de uma velha cidade**: a representação histórico-social de Belém pós-*Belle Époque* em crônicas de De Campos Ribeiro. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários). Universidade Federal do Pará. Instituto de Letras e Comunicação. Belém, 2011.

²¹⁵ Consultar matéria em: HABIB, Salomão. **Tó Teixeira**: o poeta do violão. Belém: Violões da Amazônia, 2013. pp. 220-221.

²¹⁶ Murilo Castro Menezes do nasceu na cidade de Aracati, no Estado do Ceará, na última década do século XIX (11 de outubro de 1890), de onde saiu muito jovem acompanhado de seus pais. Ao chegar na capital paraense, trabalhou como balconista do Bazar Liquidador, passando posteriormente pela *Amazon River e Port of Pará*, empresas estrangeiras dirigidas pelo engenheiro Guilherme Paiva, de quem se tornou grande amigo e compadre. Passou também a colaborar nos jornais e revistas de Belém, escrevendo crônicas que, em muito, focalizavam os costumes, o folclore e suas impressões de viagens realizadas ao longo dos rios da Amazônia. Conseguiu publicar, com muita dificuldade, três livros, incluindo o citado nesta dissertação. Para saber mais sobre esse autor, consultar: MOREIRA, Clovis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (orgs.). **Introdução à Literatura no Pará**. Belém: CEJUP, 1990, V. III. pp. 303-312.

De acordo com a fonte em questão, o contato dessa família com o subúrbio de Belém se deu por conta dos moradores de quartos sublocados no recinto desses indivíduos, muito dos quais eram provenientes desses espaços afastados do centro da cidade; pois Menezes e seus familiares vivam em uma “casa vasta, baixa, isolada, com uns 15 quartos e algumas salas confortáveis”, nas proximidades da Praça Batista Campos, na qual apenas alguns cômodos eram utilizados pela família, sendo os demais alugados a terceiros.

A chamada para participar da festa narrada pelo autor, partiu de uma de suas inquilinas, uma negra de nome Donata que “era exatamente, uma partícula do elemento negroide, incrustada com sua quitanda, num bairro de gente branca”. Esse convite se estendeu, também, aos demais moradores daquele recinto, que, por meio de D. Donata, puderam “penetrar nesse mundo muito ignorado para muitos, mais interessante, como seja o das nossas favelas”. Murilo de Menezes narra, de forma detalhada, tal experiência.

Era tempo de São João, e ela fez um convite aos vizinhos do prédio, para irem todos, por ela conduzidos, à casa de seu cunhado, um carroceiro apatacado, proprietário de inúmeras carroças, nesse tempo, quando ainda não existia caminhão, - e que acostumava festejar com espalhafato, o dia do santo do seu nome. [...]

Na noite de 23 de junho, às nove horas, estávamos reunidos no quintal de nossa casa, umas trinta pessoas, que tais eram os convidados da Donata. De casa éramos eu, o paizinho, Roque, meu irmão; Alvaro Fernandes e Heráclito Sampaio, primos. As mulheres ficaram.

E alegres, partimos a três de fundo, com a Donata abrindo a marcha.

Por aquelas ruas verdes de relva, que são Pariquis, Apinagés, Caripunás, seguíamos em grande alvoroço, admirando as fogueiras, as residências com reuniões às portas, assistindo a queima de fogos; encontrando grupos boêmios que se dirigiam a determinados logradouros; vendo os balões pontilharem o céu escuro como lumes errantes; enquanto que bombas estrugiam longe, e o pipocar dos foguetes enchiam de animação a noite estival [...].

Por fim, os garotos que iam na frente, ao chegarem à Travessa dos Tupinambás deram o alarme. Éramos chegados

A casa que ficava do lado esquerdo da travessa, era uma vantagem puxada, edificada dentro dum vasto terreno cercado. Ficava de lado, tendo à sua esquerda um terreiro limpo, mesmo próprio às demonstrações joaninas. Balões chineses e bandeirinhas, o gosto artístico do dono semeara por toda a parte.

Candieiros de querosene erguidos em postes iluminavam toda a quadra, auxiliados pela colossal fogueira no meio da rua, a qual era alimentada amiúde. No fundo havia um barracão servindo de bar, onde se vendiam a quem quisesse, desde a cerveja, às demais misturas alcoólicas. Por traz dele,

havia o alojamento de carroças e as estrebarias dos muares. Num recanto do terreiro erguia-se um tablado, onde uma negra esbelta, rodopiava horas seguidas com impecável ritmo, ao som de cadenciado batuque. [...] ²¹⁷.

Ao analisar a fonte em questão, foi levantado o seguinte questionamento: por que as mulheres não participaram desse momento festivo, sendo “obrigadas” a ficarem em seu recinto? Isso reforça a imagem do subúrbio de Belém, diversas vezes propagandeado pela imprensa local, como espaço de grande periculosidade, nos quais transitavam pessoas de más índoles e onde o jogo de sedução, na presença das prostitutas, era constante.

Além disso, é importante salientar, diferente do que aponta Lindanor Celina em sua crônica presente na *Revista Amazônia* de 1955, que ainda se vivia, nesses espaços afastados do centro de Belém, aspectos vistos como tradicionais pela autora, onde, ao longo do percurso, Menezes aponta que diversos sujeitos encontravam-se postos, em frente as suas casas, a apreciar a queima de fogos e da fogueira, confraternizando alegrias com os demais indivíduos que naquelas paragens se encontravam.

De acordo com Ângela Corrêa ²¹⁸, muitos bairros suburbanos como, por exemplo, Guamá, Jurunas e Umarizal encontravam-se nas proximidades do centro de Belém, aproximações essas que iam além das questões geográficas, onde pessoas de diferentes idades, pertencentes a vários grupos sociais, dirigiam-se as festas realizadas nessas paragens, buscando, por várias vezes, exercer a vida amorosa e sexual. Como pode ser observado na fonte citada acima, essas festas eram normalmente compostas de diversos tipos de bebidas, comida, danças e músicas.

Vale enfatizar que a imprensa paraense, ao anunciar as festas, fossem elas “joaninas” ou não, buscava fazer uma alusão de destaque aos festejos realizados nos clubes “aristocráticos” de Belém, como é apresentado nos diversos anúncios de festas, onde, sobre esses clubes “chics”, eram destacados seus amplos salões, os melhores conjuntos animando as festas, “ambientes fadados a alcançar o pleno êxito” e onde as moças elegantes da cidade se faziam presentes. Como pode ser observado no anúncio a seguir:

São João no Pará Clube

Quando se anuncia em Belém uma festa do Pará Clube, o tradicional e aristocrático grêmio da Avenida Nazaré, aguarda-se com ansiedade mais um espetáculo de encanto, entusiasmo e elegancia, do qual participa a nossa

²¹⁷ MENEZES, Murilo. **A capital do El Dourado**: crônica sentimental de Belém e comentários sobre alguns dos seus problemas. Belém. 1954. pp. 79-80.

²¹⁸ CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. **História, Cultura e Música em Belém**: décadas de 1920 e 1940. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. São Paulo, 2010.

melhor sociedade. Desde o ano passado o Pará Clube incorporou ao seu calendário mundano os festejos joaninos, tendo oferecido a única festa infantil da quadra e, no penúltimo dia do mês de junho, um baile típico que, sem favor, foi melhor da temporada. Mantendo a tradição assim auspiciosamente inaugurada, vai o Pará Clube êste ano oferecer à sociedade local duas festas: uma, que será o baile típico, a qual terá lugar nos amplos salões do Palace Teatro, precisamente na noite de São João, 23 de junho, a qual, por feliz coincidência, ocorre num sábado, e a outra, no dia imediato, domingo, 24, em sua própria sede social, destinada exclusivamente para os filhos de seus sócios. Ambos os recintos serão decorados com motivos próprios da época e as danças decorrerão ao som da melhor orquestra da cidade. Não será exagero afirmar que neste como no outro o Pará Clube promoverá, sem dúvida, as melhores reuniões festivas da quadra²¹⁹.

Percebe-se que os discursos de jornalistas da imprensa paraense, sobre as festas juninas realizadas nos clubes “aristocráticos” de Belém, buscavam construir a noção de que eram nesses ambientes que a verdadeira “civilização” se encontrava, pois nos anúncios era sempre dado destaque aos “amplos salões” e “elegantes noitadas”, atribuindo, quase sempre, aos títulos das festas, termos estrangeiros como “grande *soirée*” e “*Big matinal*” dançantes. Construiu-se, assim, não apenas o desejo de comer e beber em um ambiente falado pela imprensa, mas de aproveitar a atmosfera criada naquele espaço, a diversão e a convivência entre seus frequentadores.

Esses espaços, considerados como instituições privadas, formalmente organizadas, esquematizadas, construídas e designadas especificamente para a prática do lazer, seja por meio de atividades esportivas, artísticas ou outras formas de amostras culturais, buscavam atender, ao máximo as expectativas dos seus frequentadores, permitindo perceber as dinâmicas de trocas, importantes para a construção de significados e modo de vida das pessoas.

Uassyr Siqueira²²⁰ indica que os clubes poderiam ser percebidos mais do que um simples espaço de diversão, podendo ser apontados como locais onde os brincantes poderiam iniciar, através dos flertes, a constituição de uma família, bem como manter e firmar laços de amizade no interior de um grupo, comunidade ou classe.

Diante disso, como aponta Marcos Ruiz da Silva²²¹, os clubes recreativos passam a representar os diversos interesses das pessoas que neles frequentam, “estabelecendo, nessa apropriação do tempo livre, regras implícitas e explícitas que orientam as relações sociais”

²¹⁹ Jornal **Folha do Norte**. 03/06/1951. p. 3.

²²⁰ SIQUEIRA, Uassyr de. op. cit., p. 78.

²²¹ SILVA, Marcos Ruiz da. **LAZER NOS CLUBES SÓCIO-RECREATIVOS DE CURITIBA/PR: a constituição de práticas e representações sociais**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná. 2007. p. 62-63.

desses indivíduos. Além disso, como ressalta Beatriz Loner esses ambientes servem também como indicadores para compreender as representações e configurações dos grupos que neles se divertem, sendo vistos como “importantes no desenvolvimento e congregação de seus elementos e no estabelecimento de distinções com outros grupos e setores sociais”²²².

Em síntese, pode-se afirmar que o processo de modificação do cenário urbano da cidade, tanto no centro como no subúrbio da mesma, teve reflexo significativo no modo de festejar o São João em Belém, na qual, novos espaços passaram a fazer parte desse momento festivo, juntando-se com aqueles já existentes, desde o início do século XX.

Diante disso, a imprensa, um dos principais meios de comunicação desse momento, apresenta, por meio de imagens e narrativas, esses ambientes de lazer como o local onde a felicidade reinava, travando, muitas vezes, simbólicas disputas pelo título de “melhores reuniões festivas da quadra”, principalmente entre os clubes “aristocráticos” apontados pela mesma, como ambientes frequentados por pessoas “chic’s” e finas de Belém.

Apresentar, de forma breve, parte da cidade, bem como sua relação com algumas ações lúdicas, se fez necessário, pois a gênese desses ambientes é tida como de grande importância no modo de festejar a quadra junina de Belém, onde o processo de constituição desses espaços urbanos foi marcado pela introdução de modelos culturais trazidos por indivíduos de diversos espaços, que ajudaram a formar afinidades, identidades e tipos de cultura no meio urbano belenense. Esses modelos tiveram, também, grandes reflexos nos textos de intelectuais paraenses dos anos de 1950, sujeitos esses notados como direcionadores de padrões festivos na capital paraense, como pode ser observado no capítulo que segue.

²²² LONER, Beatriz Ana. **Construção de Classes. Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)**. Pelotas: UFP. Editora Universitária: Unitrabalho. 2011. p. 20.

CAPÍTULO III

**REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS,
FOLCLORE E TRADIÇÃO POPULAR NOS
FESTEJOS JOANINOS DE BELÉM NOS
ANOS DE 1950.**

REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS, FOLCLORE E TRADIÇÃO POPULAR NOS FESTEJOS JOANINOS DE BELÉM NOS ANOS DE 1950.

3.1. INTELECTUAIS FOLCLORISTA E MEDIAÇÃO CULTURAL

3.1.1. O FOLCLORE EM QUESTÃO

Mais curiosa, e às vezes menos ridícula, é a caracterização do popular²²³ no folclore. Figura-se o povo, não numa situação transitória, mas em repouso. Ora, se encararmos o folclore na sua dinâmica, veremos que os fenômenos do populário têm não apenas a marca do passado, mas o sinal do presente – e do futuro²²⁴.

Desde a segunda metade do século XIX, intelectuais (jornalistas, literatos, advogados, entre outros), ao escrever para imprensa local, procuravam registrar assuntos referentes à sociedade paraense. Tais assuntos estavam, diversas vezes, relacionados às questões que giravam em torno do “tradicional”, onde buscavam representar “uma imagem romântica do povo do interior, o qual manteria uma espécie de pureza original”²²⁵. Em paralelo, havia também interesses pelos assuntos relacionados à cidade; no entanto, quase sempre, essa era apresentada por esses intelectuais como aquela que “refletia um tipo de degradação das

²²³ O sentido da palavra popular é utilizado aqui a partir das discussões propostas por Geneviève Bollème em seu livro “O Povo por Escrito”, no qual essa autora busca definir o lugar do “popular” nos domínios do poder, da literatura e da política. Diante disso, Geneviève Bollème aponta que muitos intelectuais, ao tratar do popular, costumam atribuir, a esse termo, sentidos como “bizarria” ou “anomalia”, “como se existisse a vontade ou pelo menos o desejo de desprezar um dado da gramática”, atribuindo também “sinônimo de sublevações, violências, terror e medo”. No entanto, vale pontuar que, ao criticar tais posicionamentos, a autora afirma que ao “interessar-se hoje pelo popular é talvez sinal de uma busca mais importante do que o foi outrora a busca da verdade, porquanto ela põe em causa a honestidade daquele que fala, daquele que confessa ser o discurso – o discurso do próprio saber – um discurso que oprime e rediz”. Sobre isso, conferir: BOLLÈME, Geneviève. **O Povo por Escrito**. São Paulo: Martins Fontes. 1988.

²²⁴ CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do folclore**. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2008. pp. 7.

²²⁵ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. A Ilha da Princesa e a Cidade dos Pajés. In: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A Cidade dos Encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia (1870 – 1950)**. Belém: EDUFPA, 2008. pp. 64.

“crenças antigas”. Era o cronista tentando aprisionar nos tempos pretéritos os costumes vistos como primitivos”²²⁶ à época.

Sobre isso, Martha Abreu assinala que a cultura popular, desde o século XIX, estava relacionada a uma vertente de pensamento intelectual composta por pesquisadores folcloristas, educadores, artistas e aqueles ligados as ciências sociais como antropólogos e sociólogos. Esses, segundo essa autora, estavam preocupados em desenvolver um discurso referente à construção de uma determinada identidade cultural, no qual, muitas vezes, relacionavam a questão do popular com “a não modernidade, o atraso, o interior, o local, o retrógrado, o entrave à evolução”, tentando valorizar as singularidades culturais, bem como a vitalidade de uma suposta cultura popular²²⁷.

Antonio Maurício Costa indica que esses folcloristas do período passaram a assumir papéis de guardiões na preservação da “autêntica” manifestação cultural por eles tomada como popular. O modo de pensar desses intelectuais será também refletido nos textos dos demais escritores que surgiram posteriormente a segunda década do século passado. Segundo esse autor:

Os estudos de folclore se iniciaram no Pará, na segunda metade do século XIX, em busca de manifestações regionais (lendas, crenças e costumes) que apontassem um ângulo particular e legítimo da história nacional. Esta perspectiva fortaleceu-se com o interesse dos intelectuais modernistas, a partir dos anos 1920, pela busca de uma linguagem nacional para as artes produzidas no País²²⁸.

Como aponta Ângela Corrêa²²⁹, é necessário, nesse momento, regionalizar os cenários, trazendo, assim, uma diferença daquela estética importada da Europa, buscando desenvolver uma cultura popular paraense, supervalorizando, de tal modo, aquela de caráter regionalista. Nesse sentido, Aldrin Figueiredo indica que era indispensável, nesse contexto, divulgar o passado que ainda perdurava nas secretas paragens da Amazônia²³⁰. Logo, “o caboclo que

²²⁶ Ibidem. pp. 65.

²²⁷ ABREU, Martha. Cultura popular, um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha & SOIHET, Rachel. **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

²²⁸ COSTA, Antonio Maurício Dias da. A Produção da “Música Cabocla”: a polifonia formadora do Carimbó nas representações de literatos, jornalistas e folcloristas no Pará (1900 – 1960). **História** (São Paulo). V. 34, n. 1, jan./jun., 2015. pp. 244.

²²⁹ CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. **Músicos e poetas na Belém do início do século XX**: incursionando na história da cultura popular. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) NAEA, Universidade Federal do Pará – UFPA. Belém, 2002. pp. 45.

²³⁰ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Letras Insulares: leituras e formas da história no modernismo brasileiro, In: CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). **A História Contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1998.

vive entre as “vozes bárbaras da floresta” chama atenção como referência da nacionalidade e sobrevivência de um passado formador da nação.”²³¹.

Segundo Tony Leão da Costa, com o surgimento de um número significativo de revistas na primeira metade do século XX, entre elas a revista *Belém Nova e Terra Imatura*, os intelectuais, apontados pelo autor como aqueles que possuíam discursos quase que “etnográficos” ou “folclóricos”, procuravam apresentar o popular regional a partir do fenômeno primitivista, que estava atrelado a valorização das qualidades presentes em alguns grupos, visto como autêntico “da força, da alma ou da personalidade de cada povo e que, por sua vez, se opõe às características culturais das populações marcadas pela civilização”²³².

Nos anos de 1950, com a institucionalização do folclore, diante do surgimento da Comissão Nacional do Folclore (CNFL) em 1947, e da busca da formalização do mesmo como disciplina vinculada as Ciências Sociais, com a qual “pretendiam construir instituições que promovessem um conhecimento verdadeiramente científico em sua área de estudo”, o “movimento” folclórico do período, tendo em vista desenvolver pesquisas acerca do folclore nacional, diante da preservação de nossa herança folclórica, bem como a introdução desse tema no ensino formal, buscava “preservar a identidade cultural comum da nação”, objetivando, com isso, reconhecê-lo “como disciplina autônoma no interior do campo das Ciências Sociais e possuir uma cátedra específica nas Faculdades de Filosofia, garantindo que a pesquisa superasse o amadorismo então reinante no campo”²³³.

A busca por estabelecer uma ligação entre o folclore e as ciências sociais, principalmente com a Antropologia, foi oficializada, com a criação da Carta do Folclore, no I Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951, realizado na cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Edison Carneiro, o congresso em questão pretendeu reconhecer a importância dos estudos do folclore para as ciências antropológicas e culturais, além disso, “condenava o preconceito de só considerar folclórico o fato espiritual e aconselha[va] o estudo da vida popular em toda a sua plenitude, quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual”²³⁴.

A partir de então, travou-se um conflito entre os representantes defensores do folclore e aqueles que defendiam as ciências sociais, pois, esses últimos, não viam com bons olhos a aproximação de ambos. Os principais motivos de sociólogos e antropólogos não aceitarem tal

²³¹ COSTA, Antonio Maurício Dias da. **A Produção da “Música Cabocla”**: a polifonia formadora do Carimbó nas representações de literatos, jornalistas e folcloristas no Pará (1900 – 1960). op. cit., p. 252.

²³² COSTA, Tony Leão. Música, literatura e identidade amazônica no século XX: o caso do carimbó no Pará. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 12, n. 20, jan./jun. 2010, pp. 64.

²³³ VILHENA, Luis Rodolfo. **Entre o regional e o nacional**: folcloristas na década de 50. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_32/rbcs32_08.htm, acesso em 24/06/2014.

²³⁴ CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do Folclore**. op. cit., p. 64.

relação são os seguintes: a) Esses cientistas sociais acreditavam que grande parte dos folcloristas ainda estava atrelada as linhas de pensamentos daqueles do século XIX, quando o tempo do curioso e do interessante tinha destaque entre seus escritos, pois “mesmo entre aqueles que se dedicam ou dedicaram à pesquisa, o fenômeno folclórico foi apenas identificado, mas não relacionado com os demais fenômenos culturais”; b) o fato de esses acreditarem que o folclore se limitava apenas à literatura oral; e c) os interesses dos pesquisadores folcloristas estarem voltados apenas à cultura do povo, ou seja, daqueles ligados as camadas populares, deixando de lado aspectos, vistos pelos cientistas sociais, como importantes no meio “erudito”²³⁵.

Mesmo tendo perdido espaços, a partir dos anos 60, nas cátedras universitárias, por conta do descrédito que o folclore passou a ter diante, principalmente, dos sociólogos e antropólogos, por conta das várias críticas realizadas pelos membros da faculdade de sociologia da Universidade de São Paulo, os folcloristas, bem como suas pesquisas, foram de fundamental importância na construção do ensino básico, bem como nas Secretarias de Turismo e Cultura e em outros órgãos referentes ao desenvolvimento cultural do País²³⁶.

Diante disso, Edison Carneiro observa que:

os cientistas sociais não precisam temer a invasão do seu campo de estudo específico e particular pelos folcloristas. Até onde pode ir o folclore? Somente até a indicação de quais fenômenos sociais e culturais a que se liga o fenômeno folclórico considerado e de como se estabelece essa ligação. Somente até a revelação do fenômeno do folclórico como parte integrante e funcional da cultura local – isto é, como individualidade própria que lhe dá a cultura local. Os folcloristas não desejam intrometer-se em problemas que lhes não competem. Mas queiram ou não, folcloristas e cientistas sociais têm de viver sobre o mesmo terreno comum²³⁷.

Portanto, organizar uma representatividade regional do folclore se fazia necessário, para assim obter grande sucesso em âmbito nacional. Essa inovação, proposta por Renato Almeida²³⁸, pretendia garantir melhor organização das pesquisas desenvolvidas em cada região, bem como a divulgação das causas desse “movimento”, “dando à CNFL uma

²³⁵ Sobre isso, consultar: CARNEIRO, Edison. Antropologia e Folclore. In: Idem.

²³⁶ Sobre isso, ver: ABREU, Martha. op. cit.

²³⁷ CARNEIRO, Edison. Dinâmica do Folclore. op. cit., p. 69.

²³⁸ Folclorista de grande influência no período.

capilaridade que lhe permitiria idealmente abranger todo o território nacional”²³⁹. Nesse sentido, Luis Rodolfo Vilhena aponta que:

Estamos falando de uma fase em que a institucionalização das Ciências Sociais brasileiras era incipiente e grande parte de seus protagonistas, em especial fora do eixo Rio - São Paulo, eram intelectuais polivalentes, exercendo ao mesmo tempo diferentes atividades no ensino, como profissionais liberais, no jornalismo, no funcionalismo público etc. O “chamamento” feito por Renato Almeida para que integrassem o movimento folclórico não foi apenas a convocação para participarem de uma missão patriótica, mas uma convocação para que os estudos de folclore, que eram apenas uma das suas áreas de interesse intelectual, passassem a definir prioritariamente sua identidade.²⁴⁰

Um dos principais representantes das ciências sociais no período, Florestan Fernandes, não aceitava tal aproximação, mesmo não desmerecendo tal dado cultural. Esse intelectual acreditava ainda que o folclore estava preocupado com as antiguidades populares de outrora. Segundo esse autor, os folcloristas estavam, em seus argumentos, mais próximos das indagações de caráter humanísticas do que daquelas que apresentavam um patamar científico²⁴¹.

Sobre os estudos desenvolvidos acerca desse fenômeno cultural (folclore), Florestan Fernandes observa, a partir da análise das obras deixadas por Mário de Andrade, que esse intelectual deixou marcas importantíssimas relacionadas à história do folclore nacional, onde, em parceria com Luciano Gallet, Renato de Almeida, entre outros, debruçaram-se a um campo, até então, visto, pelos estudiosos do período, como novo no âmbito das pesquisas folclóricas brasileiras: a música. É importante esclarecer, que embora Mário de Andrade e seus companheiros tenham dado ênfase as pesquisas e análises do folclore musical, esses não se limitaram apenas a esse campo de investigação, debruçando-se também por outras paragens folclóricas do país²⁴².

Na década de 50, os intelectuais ou estudiosos do folclore poderiam ser vistos atuando em diversas áreas de investigação cultural e social, tendo, ao mesmo tempo, que associar tais tarefas àquelas que estavam relacionadas à construção literária bem como ao trabalho

²³⁹ VILHENA, Luis Rodolfo. op. cit., p. 3.

²⁴⁰ Ibidem. p. 4.

²⁴¹ Sobre isso, ver: CUNHA, Paulo Anchieta Florentino da. **O movimento folclórico brasileiro e seus desdobramentos na Paraíba**: uma aproximação a partir da trajetória de Hugo Moura (1960 a 1978). Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2011.

²⁴² Sobre isso, consultar: FERNANDES, Florestan. Mário de Andrade e o folclore brasileiro. **Rev. Inst. Est. Bras.**, São Paulo, 1994.

jornalístico. Muito desses indivíduos, como observa Antonio Maurício Costa, mesmo relatando elementos referentes às “tradições populares”, assim como a militância pela preservação da mesma, pareciam não participar ou partilhar desse ambiente. Neste caso, esses literatos e jornalistas pareciam “assumir a autoridade intelectual de definir critérios de autenticidade para as manifestações folclóricas. Ao mesmo tempo, estes estudiosos demarcavam sua desvinculação pessoal do ambiente dessas “sobrevivências””²⁴³.

Um dos principais representantes do folclore local, em âmbito nacional, nos anos de 1950, foi o poeta e folclorista Bruno de Menezes, apontado por Câmara Cascudo como “mestre legítimo da cultura popular norte brasileira” e respeitado pelos demais representantes do folclore de outras localidades do país²⁴⁴.

Diferente de muitos desses intelectuais folcloristas do período, Bruno de Menezes, morador do subúrbio belenense, encontrava-se constantemente por entre as ruas, vielas e caminhos dessa área. Foi apontado pela imprensa local do período em questão e, até mesmo a de agora, como:

portador da cultura popular, a mais autorizada fonte desse saber das ruas, conhecimento ambulante e de se fazer em livro, o Bruno festeiro, dançarino de festas folclóricas, de quadrilhas juninas, de pássaros, dos tambores de batuque, do boi-bumbá, o folclorista que, mais tarde, terá o reconhecimento público de Luís da Câmara Cascudo, o folclorista-mor da nação, reconhecimento que valerá por título de doutor “honoris causa”, será o embaixador do Pará, “com as credenciais da cultura, sinceridade, emoção”²⁴⁵.

Outros atributos foram apresentados, por Vicente Salles, no prefácio do livro “Obras Completas (volume II)”, a Bruno de Menezes. Segundo Salles, assim como Heitor Villalobos afirmou “O folclore sou eu!”, Bruno de Menezes também deveria ter o feito, alegando que este último, “por toda vivência que possuía de suas andanças belemenses, tornou-se certamente a mais autorizada fonte de informação da cultura popular paraense, a quem muitos recorriam com frequência”²⁴⁶.

²⁴³ COSTA, Antonio Maurício Dias da. **A Produção da “Música Cabocla”**: a polifonia formadora do Carimbó nas representações de literatos, jornalistas e folcloristas no Pará (1900 – 1960). op. cit., p. 263.

²⁴⁴ Sobre isso, consultar matéria intitulada de *Bruno: Saudades*. Jornal **A Província do Pará**, 02 de novembro de 1963. (Suplemento Literário).

²⁴⁵ Matéria intitulada de **O Poeta da negritude, dos tambores e do luar**. Disponível em: <http://www.diariodopara.com.br/impresao.php?idnot=148262>. Acesso em 10 de junho de 2015.

²⁴⁶ SALLES, Vicente. Bruno de Menezes, era o folclorista. In: MENEZES, Bruno. **Obras Completas de Bruno de Menezes**. op. cit., p. 16.

Fora uma das mais vivas e legítimas expressões da cultura popular no extremo-norte brasileiro. Sabia de todas as manifestações do espírito popular. Informador sempre idôneo, documento oral imediato, simpatia comunicante, colaboração afetuosa para os consulentes incontáveis. Poeta magnífico, jornalista, ensaísta, expositor admirável, era o Embaixador do Pará, com as credenciais da cultura, sinceridade e emoção²⁴⁷.

Na companhia de outros intelectuais do período²⁴⁸, Bruno de Menezes representava a Comissão Estadual do Folclore durante reunião com os grupos juninos da cidade, em junho de 1951. Segundo notícia veiculada no ano em questão, essa comissão, além de atender aos pedidos do então prefeito da cidade, o senhor Lopo Alvarez de Castro, de promover, ao longo de Belém do Pará, atividades culturais referentes as apresentações desses grupos juninos, buscava “preservar a tradição que tende a desaparecer e se estiola cada dia, desses elementos folclóricos que tanto atuaram nos costumes do passado”²⁴⁹.

A ligação desse intelectual com a Comissão Nacional do Folclore parece ter se estreitado a partir dos anos 50, após a aproximação dos intelectuais de outras regiões do País, principalmente daqueles do eixo Rio – São Paulo, da pesquisa de Bruno de Menezes referente às manifestações folclóricas e negras do estado do Pará²⁵⁰.

3.1.2. INTELECTUAIS E MEDIAÇÃO CULTURAL.

O termo mediação, segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, nada mais é que o ato ou efeito de mediar, de intervir, de interceder²⁵¹ nos múltiplos espaços sociais, cujo

²⁴⁷ Ibidem. pp. 17.

²⁴⁸ José Coutinho de Oliveira, Margarida Schivazappa, Ernesto Cruz, Jaques Flôres, Eurico Fernandes e Frederico Barata.

²⁴⁹ Auxílio da Prefeitura de Belém aos grupos e “bichos” de S. João. **A Província do Pará**. 13 de junho de 1951. pp. 8.

²⁵⁰ Sobre isso, Consultar: LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. A participação nortista nos Congressos do Negro e do Folclore. In: LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **“Nossos Intelectuais e os Chefes da Mandinga”**: repressão, engajamento e liberdade de culto na Amazônia (1931-1951). Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos). Universidade Federal da Bahia. 2011.

²⁵¹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 453.

contato entre ambos “são sempre problemáticos e provocadores das reações mais diversas”²⁵², incluindo também ações de diferentes grupos que possuem objetivos antagônicos. Os mediadores culturais, nesse sentido, são aqueles que desempenham papéis de interpretes e que transitam entre diferentes segmentos e domínios sociais, articulando-os e, em algumas vezes, catalisando-os.

Para Letícia Vianna, a figura do mediador é importante na ampla relação constituída por grupos e indivíduos distintos, no qual esse tem a capacidade de falar e interpretar várias línguas e habilidades, assim como manipular códigos variados²⁵³. Esse intermediador, segundo Gilberto Velho, torna-se um verdadeiro especialista na arte da interação dos diferentes estilos de vida, bem como das diversas visões de mundo, desenvolvendo, não importando seu local de origem, “o talento e a capacidade de intermediar mundos diferentes”²⁵⁴.

Os festejos populares, segundo Antonio Maurício Costa, percebidos a partir de sua dimensão histórica e social, “é uma prática que está inserida no campo dos conflitos e negociações desenvolvidos na sociedade”²⁵⁵. Esses são verdadeiros espaços de convivência de variados grupos, na qual alguns indivíduos assumem posições diferenciadas dos demais, posições essas que apresentam sujeitos com “potenciais de metamorfose”²⁵⁶ bastante desenvolvidos, onde atuam como mediadores em mundos altamente opostos e espalhados ao longo da *urbe*.

Em Belém do Pará, durante os anos de 1950, sujeitos como jornalistas, cronistas e literatos pareciam assumir esse papel de mediador cultural, a partir do momento em que se esforçavam em apresentar ao leitor, em seus escritos presentes nas páginas dos periódicos, relatos da vida festiva realizada na cidade. Esses indivíduos, como aponta Cristina Patriota de Moura, “são muitas vezes pessoas que adquirem proeminência justamente por estarem ocupando tal posição”²⁵⁷, conseguindo, às vezes, com seus discursos, ter grande influência no modo de festejar na metrópole.

²⁵² VIANNA, Hermano. “Não quero que a vida me faça de otário!”: Hélio Oiticica como mediador cultural entre o asfalto e o morro. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p. 32..

²⁵³ VIANNA, Letícia. O Rei do meu Baião: mediação e invenção musical. In. *Ibidem*. p. 85.

²⁵⁴ VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 81.

²⁵⁵ COSTA, Antônio Maurício. A festa dentro da festa: recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. **Campos**, v. 7, n. 2, p. 83-100, 2006. p. 83.

²⁵⁶ Para melhor compreender a utilização do termo “potenciais de metamorfose” e sua relação com o termo “mediadores culturais”, é importante consultar: VELHO, Gilberto, op. cit.; MOURA, Cristina Patriota de, op. cit.

²⁵⁷ MOURA, Cristina Patriota de. *Ibidem*. p. 188.

No caso dos festejos juninos realizados na capital paraense, nos anos 50, jornalistas, intelectuais e cronistas como Lindanor Celina, Georgenor Franco, Cândido Marinho Rocha, Eneida de Moraes, Bruno de Menezes, entre outros, construía uma certa imagem da festa popular, tendo em vista ser uma tarefa difícil, “pois acostumados a lidar com seus iguais – alvos fáceis de seus versos e frases bem construídas – não têm ainda o seu forte na comunicação com grupo do qual, apesar da íntima convivência, desconhecem o próprio jeito de viver e interpretar o mundo”²⁵⁸. Os textos desses sujeitos foram utilizados nessa dissertação por conta das diversas referências acerca dos festejos juninos em Belém do Pará, escritos, pelos mesmos, nas páginas de jornal e revistas que circulavam na cidade. Contribuindo, significativamente, para o entendimento dos modelos festivos vivenciados na *urbe* na segunda metade do século XX.

No entanto, mesmo diante das supostas dificuldades encontradas ao longo do caminho, durante a escrita, esses sujeitos tiveram papéis fundamentais na construção e narrativa da história paraense, principalmente no que concerne às questões que giravam em torno da cultura desse povo. É importante observar que esse é um período em que o termo “cultura” tende a ocupar cada vez mais os espaços que antes eram preenchidos pelo “folclore” nos escritos de jornalistas e folcloristas propriamente ditos.

Dentre as produções encontradas ao longo dos periódicos que circulavam em Belém na década de 1950, alguns temas se destacavam, em meio aos quais está a forte valorização da “tradição” na cultura local, muito presente nas obras dos jornalistas, cronistas e literatos que escreviam nessas gazetas, podendo, tais temas, serem observados nos tópicos a seguir.

Sobre esses valores, Raymond Williams aponta, a partir das análises realizadas sobre grupos de intelectuais ligados à cultura inglesa do início do século XX, que esses fazem parte de uma verdadeira consciência social, pois ao romper com os dominantes, esses indivíduos se relacionam com um grupo inferior, “não em solidariedade, não em afiliação, mas como uma extensão do que é ainda sentido como obrigação pessoal (...) contra a crueldade e estupidez do sistema e a favor de suas vítimas desesperançadas.”²⁵⁹, desempenhando assim, através de suas produções, papéis de mediadores culturais.

²⁵⁸ PEREIRA, Leonardo. **O carnaval das letras**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1994. p. 17.

²⁵⁹ WILLIAMS, Raymond. A Fração Bloomsbury. **Plural**, São Paulo, n. 6, p. 149-150, 1999.

3.2. ENTRE CRÔNICAS, FESTAS, TRADIÇÕES E NOSTALGIA.

3.2.1 LINDANOR CELINA QUESTIONA: “CADÊ MEU SÃO JOÃO?”

Apontada por Dalcídio Jurandir, na apresentação do romance *Menina que vem de Itaiara*, como a “autora que conversa mais que escreve”, Lindanor Celina, escritora que buscou em sem seus textos fixar, quase sempre, aquilo “o que viu, o que amou e desamou”, refletindo a intenção em registrar em seus escritos, principalmente sobre os momentos em que viveu nas cidades de Bragança e Belém do Pará, os espaços, os costumes mais tradicionais, as pessoas e os trejeitos da população²⁶⁰, “incorporou-se ao pequeno grupo de escritores paraenses que não se desgarra[ra]m da província e jura[ra]m amor constante àquelas criaturas e coisas sempre tão ignoradas e remotas, que são o Pará”²⁶¹.

Intelectual²⁶², que saiu de Buritizal, na cidade de Castanhal, estado do Pará, para ganhar o mundo, ao escrever seus romances e crônicas, preocupava-se em relatar suas memórias desde os tempos de menina. Iniciada no jornalismo, no final da primeira metade do século XX, especializou-se em crônicas literárias, publicando diversos trabalhos no Brasil e na Europa. Além disso, Celina manteve, por muito tempo, contato com Benedito Nunes e Dalcídio Jurandir, tendo, esse último, forte influência na maneira de escrever de Lindanor²⁶³. Sobre isso, Dário Benedito Rodrigues da Silva aponta que:

Quando Lindanor estreou no romance, com a escrita de *Menina que vem de Itaiara*, nos anos 60, já se fazia conhecer como a cronista de grande repercussão, pela sua atuação jornalística e desbravadora de matérias que incluíam até personalidades famosas dos meios literários paraenses, nacionais e internacionais. Em sua casa, recebia grandes expressões da

²⁶⁰ Consultar: SILVA, Dário Benedito Rodrigues Notado da. A memória da festa de São Benedito em Lindanor Celina. *Tucunduba: arte e cultura em revista*. Belém/PA. UFPA, n. 3, p. 14-23, 2012.

²⁶¹ CELINA, Lindanor. *Menina que vem de Itaiara*. Ed. Especial. Belém: Cejup/Secult, 1997.

²⁶² Sobre Lindanor Celina, ver: STOENESCO, Dominique. Belém, Paris, Lisboa... Itinerário de uma autora paraense: Lindanor Celina. *Latitudes*, n. 2, p. 60-61, fev. 1998; PENHA, Maria de Oliveira. *A cartografia de Irene na trilogia de Lindanor Celina*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008; TUPIASSÚ, Amarílís; PEREIRA, J. Carlos; BEDRAN, Madeleine. *Lindanor, a menina que veio de Itaiara*. Belém: SECULT/PA, 2004; SILVA, Dário Benedito Rodrigues Nonato da. op. cit. p. 14-23.

²⁶³ Sobre isso, consultar: CELINA, Lindanor. *Crônicas intemporais*. Belém: CEJUP, 2003.

literatura, como Dalcídio Jurandir, que teve acesso, muito surpreso, a seus escritos por meio da coluna “Miranete”, do Jornal “A Província do Pará”.²⁶⁴

[...] a literatura de Lindanor Celina responde aos meandros da época, em que se tinha a valorização da pessoa do literato tanto profissional quanto publicamente, mesmo em se tratando de uma mulher, o que não nos cabe aqui neste momento. Lindanor, considerada por muitos com a expressão “à frente de seu tempo”, enfatiza no romance o poder da observação e da conservação da memória sobre o esquecimento [...].²⁶⁵

Segundo o crítico literário Afrânio Coutinho²⁶⁶, Lindanor Celina era a “romancista de costumes”, pois era comum, em suas narrativas, descrever cenas e situações do cotidiano, sejam elas vividas no momento ou em épocas outrora. Essa escritora foi autora dos livros *Estradas do Tempo-Foi*, *Breve Sempre*, *Pranto por Dalcídio Jurandir*, *Afonso Coutinho*, *Santo de Altar*, *A Viajante e Seus Espantos*, *Diário da Ilha*, *Eram Seis Assinalados* e *A Menina que vem de Itaiara*, tendo esse último ganhado destaque nas páginas do suplemento literário que compunha o Jornal *O Estado de São Paulo*²⁶⁷, talvez, um dos principais jornais do país. Alguns dos livros citados foram reeditados e publicados pela Editora CEJUP/SECULT, no final do século XX.

²⁶⁴ SILVA, Dário Benedito Rodrigues Nonato da. op. cit., p. 16.

²⁶⁵ Ibidem. p. 23.

²⁶⁶ Uma das maiores expressões dos estudos literário brasileiro no século passado, se destacou em sua atuação no ensino de literatura no Brasil, contribuindo de forma significativa no que concerne o âmbito da crítica, teoria e historiografia literária do país. Sobre esse intelectual, ver: COUTINHO, Eduardo F.. A contribuição de Afrânio Coutinho para os estudos literários no Brasil. *Anais*. 3º Colóqui do Grupo de Estudos Literários Contemporâneos: um cosmopolitismo nos trópicos e 100 anos de Afrânio Coutinho: A crítica literária no Brasil. Feira de Santana: UEFS, 3, 2012. pp. 9-20.

²⁶⁷ Sobre essa informação, consultar a orelha do livro “Crônicas intemporais”, em CELINA, Lindanor, op. cit.



Imagem 3. A menina que veio de Itaiara.

Fonte: TUPIASSÚ, Amarílis; PEREIRA, João Carlos; BEDRAN, Madeleine. (orgs.) **Lindanor, a menina que veio de Itaiara**. Belém: SECULT, 2004. pp. 18.

Lindanor Celina transitou em diversos espaços da imprensa paraense do século passado como o *Estado do Pará*, *A Província do Pará* e a *Revista Amazônia*, proporcionando ao leitor dessa cidade melhor entendimento do que se passava em Belém, principalmente acerca das questões do cotidiano local, tendo as manifestações festivas grandes destaques em seus escritos.

Os jornais paraenses, como **A Folha do Norte** e **A Província do Pará** também contribuíram para a divulgação da literatura regional. Nestes veículos de comunicação, muitos escritores publicaram poemas, crônicas e ensaios. Podemos citar, no terreno da crônica jornalística, os escritores: Nilo Franco, Ápio Campos, Augusto Meira Filho, “o namorado de Belém” e Lindanor Celina que, durante muito tempo, assinou em **A Província do Pará**, a coluna intitulada **Minarete**. As crônicas da escritora apresentavam um estilo forte e se voltavam os assuntos simples da vida cotidiana²⁶⁸.

No entanto, foi na *Revista Amazônia* de junho de 1955 que Lindanor Celina deixou uma marca importantíssima sobre os festejos juninos de sua infância – lá pelos idos anos 30 –, dando a entender que o intenso processo de urbanização e modernização da cidade, a partir da segunda metade do século XX, proporcionou o desaparecimento da “autêntica” festa junina vivida e apresentada pela autora.

CADÊ MEU SÃO JOÃO?

– Que é feito do São João de nossa meninice? Ah! os velhos tempos! Não posso ver chegar esta época sem que em minha mente se faça logo uma curiosa associação de idéias. São João, para mim, estará para sempre ligado às reminiscências indestrutíveis de minha infância e adolescência, tempo feliz que a saudade tocou de lindas e indeléveis côres. São João para mim, pois, continuará a ser apesar do asfalto e tudo o mais que constitui a moderna civilização, a lembrança tocante do nosso casarão da rua do Fio, a imensa fogueira armada por meu Pai, o aluá magnífico feito por minha Mãe, os bolos de milho, as cangicas, o arrô doce, os primos, afilhados e madrinhas. As adivinhações da clara do ovo no copo d’água, os vintens (quem ainda conhece vitem?) que a gente jogava na fogueira crepitante, para manhãzinha, ao alvorecer, ir apanhá-los, catando-os por entre as cinzas ainda quentes, para dá-los ao primeiro pobre que passasse cujo nome seria, infalivelmente, o do nosso prometido. Ainda me lembro de um beberrão a quem perguntei, ansiosa, o nome e ele respondeu, entre tombos, a voz pastosa: “Colondino, menina”. Esfriei. Sabe lá o que é casar com um homem

²⁶⁸ CASTRO, José Guilherme de Oliveira. Lindanor Celina – A artesã de personagens. In: Tupiassú, Amarílis; PEREIRA, João Castro; BEDRAN, Madeleine (Orgs.). 2004. pp. 37.

chamado Colondino? E o banho de igarapé, à meia – noite, água geladíssima, os garrafões de cheiro, para dar sorte?... É difícil reconhecer nêsse São João de beira de piscina, ultra-civilizado, anômico, urbanizado, o velho São João. A gente de agora, numa vã tentativa de encontrar nêle o mesmo pitoresco, tenta embalde fazê-lo reviver. E saem os estapafúrdio “cunvitis” nos jornais, para um “São João em casa de nhã Fulana”, mas o resultado nunca será o mesmo. É um São João sintético, isso mesmo, sintético. A nossa civilização afastou-se tanto da natureza e do provincianismo, que destôa, soa falso tudo isso, toda essa boa vontade em retroceder a um passado de nós tão distante. É inútil, somos civilizados, da geladeira, do gás butano, da televisão, não mais somos da roça. E por mais que queiramos uma quadra joanina parecida com a de outrora, cadê côr local, cadê ambiente? Nas grandes cidades, São João é apenas barulheiras, foguetório, quem sabe lá o que é um aluá? É São João de pick-up, de fogos perigosos, os “cabeça – de – negro” matando menino e até mesmo gente grande, tão diferentes dos antigos e inofensivos “busca-pés”, que faziam correr, soltando gritinhos nervosos as sinhazinhas de antanho. E os balões? De primeiro, era mesmo uma beleza, cada qual caprichando mais no seu, para soltá-los dentro da noite estrelada. Agora, é proibido, é perigoso, causa danos, provoca incêndios. Mas deixe estar que era bem bonito a gente ver o bicho colorido ir subindo, subindo, tornando-se mais e mais pequenino, reduzido, à medida que subia, subia, tal qual os nossos sonhos, quanto mais altos, mais irrealizáveis²⁶⁹.

Esse sentimento de nostalgia observado nas obras de Lindanor Celina, bem presente na crônica aqui apresentada, era corriqueiro nos escritos de diversos redatores da imprensa paraense. Desde pelo menos os meados do século XX é possível encontrar relatos marcados por saudosismo relativo às então chamadas “festas joaninas de antigamente”.

Mas será que o São João vivido ou ansiado por Lindanor Celina era o mesmo da população do subúrbio de Belém? Certamente não! Provavelmente, quase em nada ele se associava àqueles vividos nas ruas do subúrbio, ao qual essa suposta modernidade não tinha chegado tão violentamente, como aponta a cronista.

Sobre isso, matéria intitulada de “Fogueiras e Balões”, no jornal *A Província do Pará* de junho de 1958, aponta que as festas juninas vividas nos espaços suburbanos da capital paraense buscavam ainda viver momentos de alegrias e animações “entorno das fogueiras crepitantes onde as famílias vão dilatando o círculo de parentes”, a partir do tradicional compadrio de fogueiras, nos quais surgiam compadres e comadres, primos e primas e até mesmo os “futuros” noivos e noivas, que, muitas vezes, acabavam concretizando o matrimônio.

Segundo a matéria, os espaços festivos, “enfeitados de bandeirinhas multicolores e palmeiras, entre as quais se destaca no seu heráldico porte, o açazeiro, onde grande parte da população se diverte ao som de alto-falantes ou orquestras típicas”, assumiam características

²⁶⁹ CELINA, Lindanor. Cadê meu São João?. *Revista Amazônia*: da planície para o Brasil. Jun. de 1955. s/ n.

“verdadeiramente populares”, proporcionando aos brincantes maior identificação como o que era apresentado nas páginas dos periódicos como “tradicional” e indicando que características do antigo São João permaneciam ainda por lá.

Diante da crônica escrita por Lindanor Celina, é possível identificar, pelo menos, dois mundos festivos “distintos” da cidade de Belém do Pará, um que em alguns aspectos se assemelham aquelas festas de São João realizadas e comemoradas nos terreiros juninos de rua, no qual se buscava, quase sempre, relembrar – principalmente através de alguns aspectos presentes neles –, o meio rural como, por exemplo, a presença marcante das fogueiras crepitantes, do aluá, dos banhos de ervas, dos compadrios de fogueiras, ou seja, características que lembravam o “velho São João” vivido pela autora. O outro mundo está relacionado com o processo de urbanização e modernização da capital paraense, no qual é possível perceber as organizações das festas juninas em “beira de piscina”, com presença de bebidas alcoólicas como o whisky e a cerveja, de fogueiras e outros adereços sintéticos, das constantes barulheiras causadas quase sempre pelos foguetes e aparelhos sonoros, conhecidos como “pick-up’s”, que também animavam as festas desses ambientes.

Além disso, a literata aponta aspectos como os laços de solidariedades entre familiares, amigos e vizinhos, durante a festa junina em Belém do Pará, que segundo a autora pareciam estar perdendo força, nos anos de 1950, pois o processo de modernização e o grande número de espaços de lazer e sociabilidade espalhados ao longo de Belém – do subúrbio ao centro – intensificou o conteúdo urbano, proporcionando assim festejos em “beira de piscina”, “ultra-civilizados”, urbanizados. Lindanor Celina, diante disso, define o São João de meados do século XX, como um “São João Sintético”, sem “côr local”, sem ambiente que se aproximasse o máximo do campo e da “tradição”.

É importante deixar claro, que nos anos de 1950, os dois modelos festivos, durante a quadra junina em Belém do Pará, em alguns momentos se assemelhavam e em outros se antagonizavam. Pois, em ambos os espaços, a modernização acabava se fazendo presente, bem como a busca do que era visto pelos festeiros, pela imprensa e pelos brincantes como tradicional.

Sobre isso, Tony Leão da Costa aponta que ao se falar de Belém do Pará, entre os anos de 1930 e 1960, é possível observar “duas cidades”, uma – a central – na qual se encontram os principais jogos políticos, tida como objetos de investimentos dos poderes públicos, onde se localizavam os espaços de lazer mais requintados da capital paraense; e a outra – a periférica [subúrbio] – na qual é possível identificar ruas alagadas e escuras, bem como as distribuições

de clubes recreativos não tão requintados, mas de grande destaque, principalmente, diante dos indivíduos moradores dessa área da cidade.

No Jornal *Folha do Norte* de junho de 1956, Lindanor Celina também deixa marca importantíssima sobre os festejos juninos de Belém do Pará nos anos de 1950. Intitulada de “Junho, barulhento e pitoresco...”, a crônica, bem próxima da que foi apresentada anteriormente, através da comparação entre a festa “joanina” de outrora e aquela vivida na década de 1950, pela literato, que nem esperava o mês de maio, “mês dos lírios e das novenas”, terminar e já se anunciava com foguetes estourando pelo céu, faz com que a cronista mergulhe saudosamente em sua memória e relembre dos tempos juninos de sua infância e adolescência, “dias alegres que se foram para sempre”.

Buscando escapar dessa nostalgia, Celina propõe “sacudir para bem longe tais lembranças e, encarando serenamente os dias que passam, procura viver cada um deles intensa e plenamente, sem lamentos estéreis nem saudades inúteis”. Mesmo diante do processo de “modernização festiva”, na qual as “fogueiras, compadres, comadres, milho assado, bumba-meu-boi e os banhos feiticeiros” perderam espaços para o “asfalto, os arranha-céus e o gás butano”, a autora, decididamente, vive o “novo” São João “inteirinho, em cada minuto, em cada hora, em cada dia”, concluindo que a vida segue e que se desprender, minimamente, do passado é fundamental para aproveitar o presente.

3.2.2 BRUNO DE MENEZES E ENEIDA DE MORAES: ENTRE FOLHAS, RAÍZES, MADEIRAS, CASCAS E CIPÓS.

Bento Bruno de Menezes (1893-1963)²⁷⁰, considerado, no meio acadêmico e literário paraense, como um dos maiores folcloristas da região amazônica, foi personagem de destaque no meio literário local. Como jornalista, trabalhou em vários jornais de Belém como *Folha do Norte* e *Jornal do Povo*. Também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), da Comissão Paraense do Folclore e presidente da Academia Paraense de Letras durante os anos de 1956 e 1957.

²⁷⁰ Sobre Bruno de Menezes, ver: REIS, Marcos Valério Lima. **Entre poéticas e batuques**: trajetórias de Bruno de Menezes. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagem e Cultura) – Universidade da Amazônia, Belém, 2012; FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Arte, literatura e revolução: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923. In: FONTES, Edilza Joana de Oliveira; BEZERRA NETO, José Maia (Orgs.). **Diálogos entre história, literatura & memória**. 1. ed. Belém: Paka-Tatu, 2007; FARES, Josebel Akel. Bruno de Menezes e o rufar dos tambores. **Boitatá**, Londrina, n. 13, p. 126-137, jan.-jul. 2012.

Menezes publicou vasta obra entre os anos de 1920 e 1960. Suas principais obras foram: *Crucifixo* (1920), *Bailado Lunar* (1924), *Poesia* (1931), *Batuque* (1939), *Lua Sonâmbula* (1953), *Poemas para Fortaleza* (1957) e *Onze Sonetos* (1960). O folclore começou aparecer com grande intensidade nas obras de Bruno de Menezes no final dos anos 50, quando da publicação dos livros *Boi Bumbá* (1958) e *São Benedito da Praia* (1959).

Era um “escritor por vocação, com alma de poeta”. Foi fundador da revista literária *Belém Nova*, uma das revistas que circulavam na capital paraense e que era responsável pela divulgação da poesia modernista brasileira. De acordo com Aldrin Moura de Figueiredo, a revista *Belém Nova* surge com grande novidade. Ou seja, buscava ir de contra ao que já havia sido desenvolvido no campo da arte e da literatura paraense até então, tendo em vista desenvolver uma arte dentro do âmbito e costumes do cotidiano da região, dialogando com as das demais regiões do país²⁷¹, que também se encontravam presentes nas páginas desse periódico²⁷².

²⁷¹ A revista *Belém Nova* contou também com a participação de diversos escritores das outras regiões do Brasil, principalmente do Nordeste do País (Maranhão, Rio Grande do Norte e Pernambuco). Sobre isso, consultar: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Os Vândalos do Apocalipse e outras histórias**: arte e literatura no Pará dos anos 20. Belém: IAP, 2012.

²⁷² FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Civismo, mundanismo e modernismo: nasce a revista *Belém Nova*. In: Idem.



Imagem 4. Bruno de Menezes, o “Embaixador” da cultura paraense.
Fonte: Adriano Abade – Rufando o Batuque de Bruno de Menezes²⁷³.

Segundo a crítica literária da época, a produção de Bruno de Menezes foi fundamental para a construção do conhecimento histórico e social da Amazônia. Ao realizar uma transposição das vivências do negro no Brasil, em especial da região Norte, do folclore e da realidade desse povo, esse autor proporcionou, não apenas aos críticos literários, mas também

²⁷³ Disponível em: <https://nadadorentrepalavras.wordpress.com/2014/08/22/rufando-o-batuque-de-bruno-de-menezes/>. Acessado em: 05 mai. 2015.

aos pesquisadores das humanidades, compreender um pouco mais sobre os hábitos e costumes do povo nortista.

No Jornal *Folha do Norte* de junho de 1952, Bruno de Menezes escreve texto intitulado de “Belém, cidade dos cheiros de São João”, no qual, preocupa-se em apresentar ao leitor um dos principais costumes populares realizados, na época, durante os festejos juninos, principalmente nas vésperas e dia de São João: o banho de cheiro.

Segundo esse autor, no dia 24 de junho de 1952, a cidade de Belém do Pará “amanheceu trescalante. Cheirando a vegetais odorantes, a raízes maceradas”, dentre as quais destacavam-se *vinde-cá-pagé, cascas de arataciú, serragens de pau de Angola, capelas cor de musgo*, entrelaçadas a outras raízes, formando as “corôas silvestres, como nas antigas festas campestres”, anunciando o momento de louvar “os santos folieiros”.

As maceradas, que exalavam um forte cheiro pela cidade, principalmente pelas feiras, praças e ruas do subúrbio que, segundo Bruno de Menezes, faz com que pessoas fiquem tontas só de sentir o forte e bom cheiro proveniente dessas ervas e raízes “que serve de afrodisíaco para os amores luso-africanos, que andam nas ruas do comércio, nas praças adjacentes, como se uma porção de mulatas, de mulheres diferentes das outras, saíssem dum banho tribal, de ritualismo nudista, feito de cheiros bravios”.

Todos êstes recantos amanheceram mandando no sôpro do vento

O cheiro tirado da para a cidade se banhar,

Este cheiro que entra pela João Alfredo, invade os onibus grafinos,

Belisca os braços das brancas, das mulatas, das curibocas, das roxinhas,

Entra nas casas de comercio, nos botequins, nas farmacias, que preparam drogas;

Vão bulir com as moças dos QUATRO E QUATROCENTOS, até com os malandros “mordedores”...²⁷⁴

Como indica Vicente Salles no ensaio *As Raízes da Cultura Mestiça na Amazônia*²⁷⁵, os costumes apresentados acima e que também estarão presentes nas obras de diversos autores da região como, por exemplo, da escritora Eneida de Moraes, que observaremos a seguir, a miscigenação cultural – europeia, indígena e africana – transplantada e modificada ao longo do tempo, resultado da interação desses povos, indicada pelos pesquisadores das humanidades como a cultura propriamente brasileira, diante de suas peculiaridades regionais, “transmitem a conduta e o habito das gentes, seus saberes e seus fazeres”.

²⁷⁴ Belém, cidade dos cheiros de São João. Jornal **Folha do Norte**, 24 de junho de 1952.

²⁷⁵ SALLES, Vicente. **As raízes da cultura mestiça na Amazônia**: singularidade de um modelo cultural ternário. Brasília: MicroEdição do Autor, 2010.

Na obra *Aruanda e Banho de Cheiro*, Eneida de Villas Boas Costa de Moraes (1903-1971), ou simplesmente *Eneida*, como gostava de ser chamada, rememora a dinâmica cultural de quando vivia em Belém do Pará, nas duas primeiras décadas do século XX, busca, de forma comparativa com a de quando visitou a cidade por volta da segunda metade dos anos 40, após sua partida para o Rio de Janeiro, apontar as diversas transformações no espaço urbano da capital paraense, bem como no que diz respeito à cultura e a relação social dos moradores de Belém do Pará, deparando-se com o processo de mudança significativa pelo qual a sociedade local passava, como “o aparecimento de associações literárias, revistas e jornais; o ressurgimento da Academia Paraense de Letras”.

Segundo José Guilherme de Oliveira, as crônicas escritas por Eneida de Moraes “representam um encontro com fatos banais, corriqueiros, com as lendas do folclore paraense, os namorados, o cão da madrugada, os objetos de estimação e as injustiças sociais”, esses textos chegam até o leitor com um sabor diferente, fazendo com que esses questionem e se posicionem diante dos fatos apresentados. Em suas produções literárias, como um ato de desabafo, Eneida “usou-se desse direito de ser livre, de falar aquilo que sentia com espontaneidade, sem qualquer medo ou constrangimento. Talvez, por isso mesmo, seus livros transbordem lirismo, transfigurando-a uma “sempre viva” cujo perfume poético permanece gravado nas páginas de suas obras e na memória do leitor”²⁷⁶.

²⁷⁶ CASTRO, José Guilherme de Oliveira. Prefácio. In: MORAES, Eneida. **Aruanda – Banho de Cheiro**. Belém: CEJUP/SECULT, 1997, p. 7-8.



Imagem 5. Eneida de Moraes, mulher de voz forte e poderosa.
Fonte: Arnaldo Nogueira Jr. – *Conversa de Mulher*²⁷⁷.

Eneida de Moraes circulou por entre discursos políticos e literários e, nos anos 1930, entrando em contato com as obras de filosofia marxista, encantou-se e entregou-se ao ideário comunista, muito presente nas suas obras, desde então. Nos livros “Aruanda” (1958) e “Banho de Cheiro” (1965), essa escritora, já residente na cidade do Rio de Janeiro, por meio

²⁷⁷ Disponível em: http://www.releituras.com/eneida_menu.asp. Acesso em: 16 out. 2015.

de sua memória, conta-nos sua relação com os santos católicos festejados ao longo do mês de junho, mostrando um distanciamento com Santo Antônio e São Pedro, mas uma imensa afetividade com São João, de quem era “velha e dedicada amiga”. Além disso, a autora destaca aspectos dos costumes tradicionais do povo paraense, ao descrever a prática dos banhos e supertições realizadas na virada do dia 23 para o dia 24 de junho:

Em minha terra, na longínqua e amada cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, há uma prática extremamente bela e perfumada, que se chama o banho de cheiro ou banho da felicidade. Quereis aprender a fazê-lo? A receita é simples, e transmitindo-a, cumpro um dever, pois de coração vos desejo, a todos, muitas felicidades. Tomai de uma lata de banha bem limpa. Dentro dela, com bastante água jogai fôlhas, raízes, madeiras cheirosas da Amazônia que, raladas, esmagadas – verdes pela juventude ou amareladas pela velhice – darão, depois de fervidas, um líquido esverdeado, com estranho perfume de mata virgem. Perdoai se os nomes dessas ervas parecerem selvagens aos vossos ouvidos habituados aos caros, raros e belos perfumes franceses, cujos rótulos lembram romances e poemas. Nossos aromas, primitivos, agrestes, são frutos da floresta e, com êles, naturalmente nossos avós índios também se perfumavam; se não recendiam aquêlo odor, é porque – sabeis – os índios tem cheiro de terra. Eis as plantas necessárias ao banho da felicidade: catinga de mulata, manjerona, bergamota, pataqueira, priprioca, cipó catinga, arruda, cipoíra, baunilha (só uma fava) e corrente. Deixa-i ferver e ferver muito. Depois – ah depois... – deixa-i esfriar e está pronto o vosso banho de São João, que deve ser tomado à meia-noite de 23 de junho para abrir as portas de todas as venturas. São João ajudará. Manhã cedo, no meu tempo de menina – perdoai se gosto tanto de ressuscitar meu passado – nas vésperas de São João, a cidade amanhecia festiva, com a correria de homens carregando à cabeça tabuleiros cheios das ervas da felicidade. Seus pregões embalavam as mangueiras que arborizavam praças e ruas de Belém de meu tempo. Cheiro cheiroso! (a pronuncia local: chêro chêroso.)²⁷⁸.

Essa intelectual, ao escrever seu texto, expressa um forte saudosismo em relação às festas juninas de outrora, no qual se observa um tom de nostalgia da escritora que compilou suas memórias nos anos 1940 longe de Belém e rememorava o período junino de sua infância.

A importância da prática dos “banhos de felicidades” apresentados pelos intelectuais acima, bem como a maneira que esses deveriam ser tomados, ganhavam cada vez mais espaços nas páginas dos periódicos da cidade na década de 1950. O jornal *Folha do Norte* de junho de 1950, apresenta aos leitores da época alguns dos principais compostos desse banho.

HERVAS – Pataqueira, São João, oriza, mucuracaá, caraxió, arruda, vindicá, carneirinho, malvarosa, pluma e panema.
CIPÓS – Corembó, catinga, sucuripi e cipó-juira.

²⁷⁸ MORAES, Eneida de. op. cit., p. 69-71.

RAIZES – BATATAS – Mão d’ onça, urutaciú, periperiôca, patcholi, ária de cheiro, mendara e marapuama.

CASCAS – De cedro, buiussú, umiri, preciosa e macaca-puranga.

PAUS – Santo, de Angola, de Rosa, corembó.

TREVOS – De boto, roxo, cumaru, torcidinho, japana, Mangerona, catinga de Mulata, mangericão, amor crescido, redondo, pé de galinha, pega-²⁷⁹rapaz, macaquinho, beliscão, abraçadinho, benjoim, apertadinho, etc...

Assim como Eneida de Moraes, o periódico apresentado acima, além de destacar os principais elementos que compõem a “água perfumosa da felicidade”, que “constitui uma das mais belas e queridas tradições da quadra buliçosa”, indica aos leitores, principalmente àqueles que nesta tradição se deleitavam, o modo de preparo do mesmo.

De maneira diferenciada daquela apresentada pela escritora Eneida de Moraes, o jornal em questão, tendo como orientador da forma de preparo do banho, o jornalista Ildefonso Tavares, mais conhecido como o “Marabá”, aconselhava que esse fosse feito e tomado do seguinte modo:

Os trevos, ervas e cipós são pisados e as raízes e paus, ralados dentro de uma bacia ou cuia pitinga, com água, guardando-se a decoção até a hora do banho. Em seguida, deita-se água limpa pelo corpo e esfrega-se todo ele com as raízes, ervas, etc., em fusão, concluindo o banho por despejar-se sobre a cabeça o líquido restante. É de rigor vestir a roupa sem enxugar o corpo. Cada uma das ervas, raízes e cascas tem a sua virtude particular, uma das quais, dizia Marabá, tira a caipora do homem e da mulher.

Apontado por Georgenor Franco na *Revista Amazônia* de junho de 1957²⁸⁰ como “jornalista de fibra e com um grande coração”, Ildefonso Tavares, o “Marabá”, ficou conhecido entre os amigos de profissão como o grande especialista nos assuntos que giravam entorno da quadra junina na região. No jornal *Folha do Norte*, era responsável pelas colunas sobre o carnaval e os festejos juninos, onde incentivava a população belenense a desenvolver com alegria e qualidade esses folguedos populares por entre as ruas e praças espalhadas ao longo da capital paraense. Além disso, ficou também conhecido por “Pagé Marabá”, talvez pelo fato do mesmo transitar corriqueiramente, com outros funcionários da imprensa da qual era representante, pela feira do Ver – o – Peso, principalmente por entre os espaços destinados

²⁷⁹ Quadra Joanina: os banhos de felicidade. Jornal **Folha do Norte**. Junho de 1950.

²⁸⁰ Sobre as informações aqui apresentadas, consultar matéria intitulada CAI, CAI BALÃO! ACENDE A FOGUEIRA EM MEU CORAÇÃO!. **Revista Amazônia**. Jun. de 1957.

às ervas, cascas, raízes e cipós, que serviam de ingredientes para a realização do famoso “banho de cheiro cheiroso”.

Houve quem dissesse na época que o “Pagé Marabá”, além de ser grande admirador das vendedoras de ervas, também receitava aos compradores desses produtos banhos para todos os casos como, por exemplo, busca de emprego, mulheres que queriam arrumar maridos, homens que queriam conquistar as mocinhas, realização de casamentos, velhos que queriam reconquistar vigor de outrora, etc., tendo, talvez por esse motivo, recebido tal título.

Várias são as referências atribuídas ao pajé, por historiadores e antropólogos. Segundo Gianni Quintas, o pajé é aquele que “dispõe de poderes especiais para curar males sobrenaturais como a ‘panema’, ‘assombrado de bicho’ e outras moléstias características da região amazônica”²⁸¹; para isso, é comum esses utilizarem materiais que estão diretamente ligados a fauna e flora da região. Sobre isso, Aldrin Moura de Figueiredo, no livro *A cidade dos Encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia (1870-1950)*, assinala que os pajés, também apontados pela imprensa local do século XIX e início do XX como “grandes feiticeiros”, “bruxos” e “patifes”, passam, a partir da terceira década do século passado, após os escritos de intelectuais sobre as práticas religiosas negras e indígenas da Amazônia, a serem encarados por outro viés: a partir de um olhar positivo de muitos que compõe a sociedade local do período²⁸², principalmente pela intelectualidade local.

Sobre a prática do uso de ervas, madeiras, cascas e cipós, nos festejos populares em Belém, o pesquisador e antropólogo Napoleão Figueiredo, no livro, *Rezadores, Pajés e Puçangas*, observa que tal processo, também associado às práticas curativas, relacionadas, principalmente, aos cultos religiosos afro-amazônicos, era normalmente realizado durante os festejos juninos, período no qual a renda dos vendedores dos produtos coletados, muitas vezes, de espaços distantes da capital como, por exemplo, a Zona Bragantina, região Guajarina, Tocantina e das ilhas, era transportada a Belém por meio do sistema fluvial ou rodoviário, aumentava consideravelmente²⁸³.

Para esse autor, os visitantes de Belém do Pará, e arrisco também incluir os próprios moradores da cidade, que transitavam pelas feiras da capital paraense, muitas vezes sentiam-se atraídos pelas barracas pequenas, nas quais eram vendidos as ervas, cascas, raízes e banhos, tendo ao lado uma quantidade imensa de produtos da flora, da fauna e da natureza mineral da

²⁸¹ QUINTAS, Gianni Gonçalves. Pajelanças e religiões afro-brasileiras. *Anais*. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador – Ba. UFBA. 2011. pp.2.

²⁸² Sobre isso, ver: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A Cidade dos Encantados: pajelança, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia (1870-1950)*. op. cit.

²⁸³ FIGUEIREDO, Napoleão. *Rezadores, Pajés e Puçangas*. Belém: Boitempo, 1979.

região²⁸⁴, concluindo que “na mentalidade mágica do homem amazônico, integrado ao processo que se desenvolveu e se desenvolve na área, existe apenas um todo – suas credences, suas supertições, enfim, sua religião”²⁸⁵.

Nesse sentido, Carmem Izabel Rodrigues assinala que os festejos populares realizados na capital paraense, desde pelo menos o século XVII, são resultados do processo de *mestiçagem cultural* entre os diversos grupos que, mesmo diante das reinvenções, nas práticas religiosas e populares da sociedade nortista desde então, resistindo e se fortalecendo, principalmente nos arrabaldes da cidade que se expandia e se modernizava aos poucos²⁸⁶.

3.2.3. CÂNDIDO MARINHO ROCHA: “JUNHO DAS FESTAS DE TODOS”

Cândido Marinho Rocha nasceu em 1907, em Belém do Pará. Iniciou suas publicações de contos e crônicas a partir do ano de 1926, aos 19 anos. Colaborou com a revista *A Phênix*, da Academia Livre de Comercio da Phênix Caixeiral Paraense, dirigida por Ramiro Castro. Foi eleito, em 1958, Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP) e em 1961, assumiu a cadeira de nº 1 da Academia Paraense de Letras (APL), onde defendia fielmente o desenvolvimento de uma literatura por ele sugerida de “O Paraensismo”. Esse autor, como aponta Reginaldo Arroyo, da *Folha de São Paulo*, em 1964, trás em seus textos *cor local*, caracterizado, principalmente, pela linguagem regional, o que era comum nos textos dos outros intelectuais da época.

Era junho de 1956, a *Revista Amazônia*, mais uma vez, chegava às mãos de seus “formidáveis” leitores, trazendo em suas folhas notícias vinculadas ao dia a dia da população belenense e de outras localidades da região Norte. Dentre essas páginas, encontravam-se diversos escritos sobre os festejos do mês em questão, em meio a qual se destacava aquele intitulado de *Junho Feliz*, escrito por Cândido Marinho Rocha²⁸⁷.

A matéria contava que maio, o mês do romantismo, chegava ao fim e começava mais uma vez o mês de junho, “sempre feliz”, trazendo junto à tradição das festas juninas, que em

²⁸⁴ Ibidem. pp. 1.

²⁸⁵ Ibidem. pp. 5.

²⁸⁶ RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidade em espaços urbanos.** op. cit., p. 217.

²⁸⁷ Sobre o que foi apontado, consultar: ROCHA, Cândido Marinho. **Vila Podrona - Sobre o Autor.** Belém: Luzes-Gráfica Editora, 1964.; CASTRO, Acyr, ILDONE, José, MEIRA, Clóvis. op. cit.

muito fazia lembrar os santos homenageados (Antônio, Batista, Pedro e Marçal). Ou seja, iniciava o “Junho das alegrias dos simples. Junho das festas de todos. Junho dos cânticos dos Ingênuos”.

Como é observado no título da matéria apresentada acima, o mês de junho era apontado por Cândido Marinho Rocha como o mês da felicidade, cheio de encanto e inocência, no qual homens, mulheres, crianças e idosos, divertiam-se tranquilamente, “sem o desequilíbrio dos guizos embriagadores de Fevereiro; cantante, sem malícia; saltitante, sem caricaturas; humano, sem divisões; dançarino, sem exagerações”.

Além das qualidades apresentadas pelo autor, o mês de junho também é visto como aquele em que a prática da democracia se tornava constante, quando humildes e poderosos, juntos, divertiam-se nos espaços enfeitados de fitas, balões e bandeirolas, até os primeiros raios do sol. Pois, nesse mês:

As choupanas se transformam em palacios coloridos e iluminados e os palacios se transmuntam em choupanas enormes, ruidosas e garridas. Todos se tornam roceiros amáveis, de face e fala simplória e simpática. Os letrados “viram” pescadores; os ricos são apenas remadores satisfeitos; as mocinhas em vestidos de chita; as damas de sandalias cheirosas; os moços contentes nas calças curtas com remendos de tecido novinho; os pobres dançam nos “cordões”, cantando felicidade; os velhos, sorridentes, recordam. E todos são compadres e amigos²⁸⁸.

A busca de uma construção simbólica do interior, durante as festas juninas na cidade, era algo corriqueiro nos escritos de intelectuais da *Revista Amazônia*, assim como nas páginas dos jornais que circulavam na capital, não somente na organização dos ambientes de lazer, mas nas características do homem interiorano, ou seja, nos seus trajés, costumes e fala.

Apesar da desvalorização do homem do campo, esse, durante o mês junino, ganhava significativo destaque por entre as ruas, praças, clubes e terreiros espalhados ao longo da capital paraense. Mesmo diante dessa suposta evidência ao homem do interior, o “caipira” ainda trazia consigo aquele estigma negativo atribuído ao trabalhador rural, como aquele sem sofisticação, que não consegue, de maneira alguma, acompanhar a evolução da sociedade da qual faz parte, características essas bastantes apontadas por Monteiro Lobato em sua obra *Urupês*, da qual a personagem principal era o famoso Jeca Tatu.

²⁸⁸ Junho Feliz. *Revista Amazônia*. Junho de 1956.

O discurso construído por Monteiro Lobato a respeito do “Jeca Tatu” passou a ser efetivado como verdade quando o público enunciatário aceitou-o como real e, portanto, verdadeiro. A partir de então Lobato passou a exercer poder sobre a figura do caipira por meio de seu discurso, resultando na figura estigmatizada do “caipira” e na construção de um novo sentido inerente ao homem do campo, o qual se efetivou e, muito embora não seja o único sentido atrelado ao termo “caipira”, cristalizou-se e perdura até hoje na memória discursiva do público enunciatário brasileiro²⁸⁹.

O homem do campo/caipira, apresentado por Monteiro Lobato como aquele sem interesses nas questões políticas e sociais do país, tinha como grandes características a significativa fé religiosa, atrelada, quase sempre, às credences curativas e aos saberes populares vinculados a região da qual fazia parte²⁹⁰. Esses vínculos religiosos, bem como o interesse na crença e nas práticas de cunho popular também se fizeram presentes nas páginas da *Revista Amazônia* durante o mês de junho.

Como pode ser observado na crônica escrita por Lindanor Celina, apresentada anteriormente, as práticas e crenças supersticiosas estavam presentes no dia a dia da população belenense, principalmente daqueles que se encontravam, de alguma forma, ligados ao subúrbio da capital paraense, região essa onde tais práticas se faziam constantes.

No texto *Cai, cai balão! Acenda a fogueira em meu coração!* de Georgenor Franco²⁹¹, presente na *Revista Amazônia* de junho de 1957, observa-se as principais credences praticadas pelos jovens que buscavam, curiosamente, saber de seu futuro. Sobre essas crenças e superstições, Renato Almeida observa que tais práticas têm a capacidade de aprisionar a maioria das pessoas "através de seus temores, de coisas ou seres que lhe podem dar sorte ou azar, que fazem o bem ou o mal..."²⁹². Vejamos algumas delas:

²⁸⁹ CASTILHA, Leandro Dalcin. A construção de um sentido de “caipira” no “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato. **Espaço Plural**. Ano VIII. Nº 16. 1º semestre. 2007. pp. 74.

²⁹⁰ Sobre isso, consultar: COSTA, Antonio Maurício D.; Gomes, Elielton B. Castro. op. cit.

²⁹¹ Georgenor de Sousa Franco (1919 – 1985), jornalista e escritor, foi presidente por aproximadamente 14 anos da Academia Paraense de Letras, onde ocupava a cadeira de número 38. Transitou por vários órgãos da capital paraense como o Conselho Estadual de Cultura, Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Federação das Academias de Letras do Brasil, Instituto Brasileiro de Educação, Ciências e Cultura. No âmbito literário, Georgenor Franco proferiu várias conferências em esfera local e nacional, além disso, presidiu comissões julgadoras de concursos literários na cidade de Belém e até mesmo no interior do estado. Trabalhou, por muito tempo, ao lado do poeta Haroldo Maranhão, no jornal *Folha do Norte*. Além de ter trabalhado na imprensa citada, Georgenor Franco cooperou significativamente para a *Revista Amazônia*, na qual escrevia textos que giravam entorno das questões políticas, sociais e culturais da cidade. Sobre isso, consultar: CASTRO, Acyr; ILDONE, José; MEIRA, Clóvis. 1990. V. 3.

²⁹² ALMEIDA, Renato. Manual de Coleta Folclórica (1965). In. GRINBERG, Isaac. (Ed.) **Folclore de Mogi das Cruzes**. São Paulo: Ed. LIS, 1981, p. 65.

O NOME NO PAPEL: Escrevemos em pequenos pedaços de papel os nomes de várias pessoas, enrolam-se os papezinhos e os põem numa vasilha com água; o papel que amanhecer desenrolado indicará o nome do noivo ou da noiva. Este serve para homem e para mulher.

O ANEL NO COPO – Passa-se sobre a fogueira um copo contendo água, mete-se no copo, sem que atinja a água, um anel de aliança preso por um fio, e fica-se a segurar no fio; tantas são as pancadas dadas pelo anel nas paredes do copo quantos os anos que o experimentador terá de esperar pelo casamento.

MESA POSTA: a jovem deve guardar um bocado de todo alimento que tomar nas diversas refeições, arranjando assim um pratinho que é posto sobre uma mesa. Indo deitar-se a moça sonhará com o homem com quem deverá unir-se, mais tarde, pelo matrimônio. E verá muito bem o rosto do rapaz, de maneira a reconhecê-lo no seu prometido.

SOMBRA NA ÁGUA: a pessoa curva-se sobre um rio, um açúde, ou mesmo uma vasilha com água, procurando divisar as feições retratadas. Se não aparecer, não chegará a outro São João. Morre no duro.

MOEDA NA FOGUEIRA: Coloca-se uma moeda na fogueira de São João, e pela manhã retira-se do brazeiro e dá-se de esmola ao primeiro pedinte, perguntando-se-lhe o nome. Será este o do futuro esposo. Se fôr rapaz, a moeda deve ser dada à primeira esmoler.

PLANTIO DO ALHO: para saber se está próximo a casar, a pessoa planta três dias antes de São João, três cabeças de alho; quantas cabeças aparecerem, nascendo, no dia de São João, tantos serão os anos de espera do casamento. Se porém nenhum aparecer, é que a moça ficará pra titia.

Percebe-se que os costumes considerados pela Igreja e pelo Estado como pagãos, utilizados nas festas juninas realizadas na colônia portuguesa, faziam, ainda nos anos de 1950, parte desse ciclo festivo, porém, de uma forma readaptada ao contexto da segunda metade do século XX, e isso vai mais além, pois a crença no sobrenatural como "instrumento de cobiça" permanece até os dias atuais, tempos no quais tal prática não possui mais o caráter pecaminoso, sendo, agora, parte de uma "tradição" popular.

Sobre isso, Edward Thompson observa que “no século XVIII, o costume constituía a retórica de legitimação de quase todo uso, prática ou direito reclamado. Por isso, o costume não codificado – e até mesmo o codificado – estava em fluxo constante”²⁹³, sendo esse um campo no qual a mudança se fazia presente de forma intensa.

É interessante notar que essas referências de simpatias presentes nos textos jornalísticos e nas crônicas de revistas dos anos 50 estavam, quase sempre, direcionadas a um

²⁹³ THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 16.

público feminino, considerado pelos diretores das revistas como alvo de destaque nas compras de revistas de variedades.

Vale salientar que esses intelectuais tiveram importância significativa, através de seus discursos, nos modelos festivos vivenciados em Belém do Pará nos anos de 1950 e permitiram, por meio de suas narrativas, perceber as relações sociais e culturais estabelecidas entre as pessoas nesses espaços, nos quais muitas nasceram, cresceram e aprenderam a construir valores e costumes sociais e culturais dentro do que lhes eram essenciais.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

A “finalização” de um trabalho é o momento em que existe a possibilidade não apenas de apontar resultados, mas, também, de indicar novas perspectivas para pesquisadores seguintes, instigando-os no levantamento de novos questionamentos e na busca de outras respostas.

A temática dos festejos juninos em Belém do Pará ainda é um universo a ser visitado, visto que os trabalhos desenvolvidos sobre tais festejos não são suficientes para entender, em amplitude, as implicações históricas e sociológicas dessa celebração festiva da cidade. Portanto, lanço, através dessa dissertação, uma discussão que permita, em algum aspecto, contribuir com os estudos sobre a temática das manifestações culturais da região.

O festejo junino é, hoje, de modo geral, considerado importante celebração festiva no país, não só para o cidadão brasileiro como também para indivíduos estrangeiros, servindo, muitas vezes, junto com outras manifestações festivas, como marca característica de diversos sujeitos no Brasil. Esses festejos tornaram-se uma grande janela e um magnífico palco para acompanhar a cultura popular belenense na segunda metade do século XX e sua transformação na história, a partir de suas múltiplas dimensões e apropriações.

Em Belém do Pará, no século passado, durante os tempos festivos, “aglomeravam-se uma multidão anônima, que dava vida, som, cor e movimento”²⁹⁴ aos espaços dançantes espalhados ao longo da *urbe*. Referências festivas diversas foram elaboradas nesse período, possibilitando à cidade um entrelaçamento de culturas e feições urbanas, principalmente a partir do final da primeira metade do século XX. Essas características podem ser identificadas nas páginas de jornal e revistas que circulavam em Belém no período em questão, especialmente nos lugares destinados às narrativas de memorialistas, cronista e jornalistas, que registraram nesses espaços suas impressões ouvidas e vividas sobre a vida festiva da capital paraense.

O percurso desse trabalho teve como ponto de partida as festas juninas em Belém do Pará nos anos de 1950. A partir delas tentamos perceber a relação desses festejos, através das narrativas e representações intelectuais, com as mudanças que a cidade vivenciava no período. Para isso, foi trilhado um caminho no qual visitamos inicialmente os múltiplos sentidos e

²⁹⁴ CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. Belém do Pará, palco de manifestações culturais no início do século XX. In: SIMONIAN, Lígia (Org.). **Belém do Pará: história, cultura e Sociedade**. Belém: Editora do NAEA, 2010. pp. 307.

papeis que foram atribuídos a essa manifestação festiva por aqueles que se propuseram a compreendê-la e explicá-la. Esse trajeto nos levou a perceber que as festas juninas reuniam várias funções, sentidos e significados, não só para os brincantes, como também para aqueles que a promoviam e para quem relatava na imprensa local sobre elas.

Procurou-se demonstrar que ao longo da década de 1950 intensificaram-se as divulgações desses festejos nas páginas de jornal e revistas da capital paraense, o que indica a importância desses momentos festivos para os moradores da cidade, que adotaram novos conteúdos e posturas onde o que prevalecia eram características de um modelo festivo mais urbanizado, que estavam atreladas ao processo de urbanização e modernização de Belém, relacionando-as com aquelas vigentes desde pelo menos o início do século XX.

A expansão espacial e populacional da cidade, na segunda metade do século XX, delineou um novo estilo de vida, bastante diferenciado daqueles de anos atrás. O processo de urbanização e modernização dos espaços belenenses parecia se sobrepôr às características rurais, que diversas vezes tomavam os anúncios e crônicas sobre as festas juninas do período. Essas características se encontravam também em alguns espaços da cidade, como, por exemplo, o subúrbio, no qual portos, hortas e vacarias que poderiam ser encontradas em bairros como Guamá, Condor e Jurunas, espaços de moradas de sujeitos vindos, principalmente, do interior do estado, trazendo consigo experiências de vida e cultura dessas paragens e cruzando-os com o universo social do cidadão.

No que se refere ao modelo festivo da cidade, nos anos de 1950, em termos bem amplos, percebe-se, diante dos discursos de intelectuais e jornalistas, que se buscava, principalmente nos espaços centrais de Belém, mesmo que minimamente, desenvolver um estilo festivo baseado em um arquétipo de “civilização”, no qual se destacavam referências do “moderno”. Digo minimamente, porque não se pode deixar de considerar a força e persistência de práticas culturais de outrora nesses espaços, que, apesar das resistências de alguns, foram aceitas e incorporadas à vida festiva nesses ambientes. Em contrapartida, o outro mundo festivo da cidade, desenvolvido no subúrbio da capital paraense, buscava reproduzir costumes e práticas antigas e “tradicionais”, os quais, por diversas vezes, eram assim reconhecidos nos escritos de literatos/cronistas da época.

Percebeu-se também que os realizadores dos festejos juninos nos clubes, ruas, praças e escolas da cidade, na década de 1950, não buscavam exatamente promover uma festa sagrada, ou seja, não almejavam uma celebração em que envolvesse, de fato, uma comemoração religiosa, mas sim, usar os dias dos santos católicos (Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal) como pontos estratégicos para realização festiva. Buscavam atrair um número

significativo de brincantes para esses espaços dançantes, nos quais as animações festivas eram diversas, que iam desde espetáculos de grupos juninos (bumbás e cordões de pássaros e bichos) à presença marcante de grupos conhecidos como “jazzes” orquestras e de sonoros.

Os anúncios das festas juninas em Belém, idealizando o cenário rural como pano de fundo nos locais de sociabilidades, eram muito presentes nas folhas de jornais e revistas da cidade, buscando, de alguma forma, promover uma versão estilizada de um mundo caipira no meio urbano. Expressões como “São João na Roça”, “São João no Sertão”, “Casamento na Roça” e “Festa na Roça”, como títulos dos anúncios das festas realizadas em Belém, indicam a busca de uma representação peculiar de uma festa do interior no meio urbano belenense.

Concluo esse texto de dissertação indicando, ao leitor, que o mesmo proporcionou, sem dúvida alguma, análises significativas para construção do conhecimento histórico acerca das festas na cidade. Mas, vale pontuar, que tais análises ainda são ínfimas para se entender, em amplidão, os diversos modelos festivos da urbe. Portanto, iniciou-se a abertura do campo de pesquisa, cabe agora, aos pesquisadores do universo festivo, dar continuidade, já que os caminhos são diversos e não se esgotam nos pontos apresentados nessa investigação.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)**. Tese (Doutorado em História). Niterói: UFF, 1995.

ABREU, Martha. Cultura popular, um conceito e várias histórias. ABREU, Martha & SOIHET, Rachel. **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Festa para que te quero: por uma historiografia do festejar. **Patrimônio e Memória**. UNESP, v. 7, n. 1, jun. 2011.

ALDÉ, Lorenzo. Isto é São João? Banho de rio, dança indígena, culto a Xangô. A festa se reinventa na diversidade brasileira. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 4, n. 45, jun. 2009.

ALVES, Larissa Mendonça. **Comissão Paraense de Folclore em Nove anos: origens e discursos de 1949 a 1958**. Trabalho de Conclusão de Curso (Faculdade de História). Universidade Federal do Pará. Belém: Pará, 2006.

ALONSO, José Luis Ruiz-Peinado; CHAMBOULEYRON, Rafael (Orgs.). **T(r)ópicos de História: gentes, espaços e tempo na Amazônia (séculos XVII a XXI)**. Belém: Ed. Açai/Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA)/Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010.

ALMEIDA, Renato. Manual de Coleta Folclórica (1965). In. GRINBERG, Isaac. (Ed.) **Folclore de Mogi das Cruzes**. São Paulo: Ed. LIS, 1981.

AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à Brasileira: significado de festejar, no país que “não é sério”**. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ARANTES, Antonio A. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. São Paulo/Campinas; Editora da Unicamp/Imprensa Oficial. 2000.

ARAÚJO, Flávia de Sousa. **Entre portais do espetáculo e portas do cotidiano sobre as águas do Guamá: cartografando processos construtivos de subjetivação no Jurunas, Belém-Pa**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

BAKTHIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BARROS, Antônio Evaldo Almeida. Usos e abusos do encontro festivo: identidades, diferenças e desigualdades no Maranhão dos Bumbás (c. 1900-50). **Revista Outros Tempos**. v. 6, n. 8, dez. 2009.

BEZERRA, Amélia Cristina Alves. **Pelas margens da cidade e no meio da festa: a (re) invenção das festas e da identidade no espaço urbano de Mossoró – RN**. Tese (Doutorado em Geografia). UFF. Instituto de Geociências. 2006.

BEZERRA, Amélia Cristina Alves. Festa e Cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e Cultura**. UERJ, RJ, nº 23, jan-jun. 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOLLEME, Genevieve. **O Povo por escrito**. São Paulo: Martins Editora, 1988.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. **Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo: Trinta e Quatro, 1997.

CARNEIRO, Edison. **A conquista da Amazônia**. [Rio de Janeiro]: Ministério da Viação e Obras Públicas, Serviço de Documentação. 1956. (Coleção Mauá).

CARNEIRO, Edison. **Folguedos Tradicionais**. 2. Ed. Rio de Janeiro: FUNARTE/INF, 1982.

CARNEIRO, Edison. **Dinâmica do folclore**. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2008.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. **A graça de contar: um Pai Francisco no bumba meu boi do Maranhão**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2011.

CASTILHA, Leandro Dalcin. A construção de um sentido de “caipira” no “Jeca Tatu” de Monteiro Lobato. **Espaço Plural**. Ano VIII. Nº 16. 1º semestre. 2007.

CASTRO, Acyr; ILDONE, José; MEIRA, Clóvis, **Introdução à Literatura no Pará**, 1990. V. 3.

CASTRO, José Guilherme de Oliveira. Lindanor Celina – A artesã de personagens. In: Tupiassú, Amarílis; PEREIRA, João Castro; BEDRAN, Madeleine (Orgs.). **Lindanor, a menina que veio de Itaiara**. Belém: SECULT, 2004.

CASTRO, Maria das Neves Rocha de. **Memórias de uma velha cidade: a representação histórico-social de Belém pós-Belle Époque em crônicas de De Campos Ribeiro**. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários). Universidade Federal do Pará. Instituto de Letras e Comunicação. Belém, 2011.

CELINA, Lindanor. **Menina que vem de Itaiara**. Ed. Especial. Belém: Cejup/Secult, 1997.

CELINA, Lindanor. **Crônicas intemporais**. Belém: CEJUP, 2003.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 11, n. 5, 1991.

CHAVES, Túlio Augusto Pinheiro de Vasconcelos. **Isto não é para nós? Um estudo sobre a verticalização e modernidade em Belém entre as décadas de 1940 e 1950.** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará. Belém: UFPA, 2011.

CHIANCA, Luciana. Para onde vai a festa? Festa Junina em Natal/RN. **Vivência.** UFRN/CCHLA, Natal, v.13.1999.

CHIANCA, Luciana. **A Festa do Interior:** são João, migração e nostalgia em Natal no século XX. Natal, RN: EDUFRN, 2006.

CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de festas e santos católicos. **Revista Antropológicas**, ano 11, v. 18, n. 2, 2007.

CHIANCA, Luciana. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Revista Sociedade e Cultura.** UFG, Goiás, v. 10. Jan/Jun, 2007.

CHIANCA, Luciana. São João: a mais brasileira das festas. In: COLÓQUIO FESTAS E SOCIABILIDADES, 2., 2008, Natal. **Anais...** Natal: UFRN, 2008.

CHIANCA, Luciana. Chama que não se apaga. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 4, n. 45, p. 18-23, jun. 2009.

CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. **Músicos e poetas na Belém do início do século XX:** incursionando na história da cultura popular. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) NAEA, Universidade Federal do Pará – UFPA. Belém, 2002.

CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. **História, Cultura e Música em Belém:** décadas de 1920 e 1940. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. São Paulo, 2010.

CORRÊA, Ângela Tereza de Oliveira. Belém do Pará, palco de manifestações culturais no início do século XX. In: SIMONIAN, Ligia (Org.). **Belém do Pará:** história, cultura e Sociedade. Belém: Editora do NAEA, 2010.

COSTA, Antônio Maurício. A festa dentro da festa: recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará. **Campos**, v. 7, n. 2, 2006.

COSTA, Antonio Maurício. **Festa na cidade:** o circuito bregueiro de Belém do Pará. Belém: EDUEPA, 2009.

COSTA, Antonio Maurício; GOMES, Elielton. A “quadra joanina” na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém nos anos de 1950: “tradição interiorana” e espaço urbano. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia, v.24, n.1, jan./jun. 2011.

COSTA, Antonio Maurício Dias da; VIEIRA, Edimara Bianca Corrêa. Na Periferia do Sucesso: rádio e música popular de massa em Belém nas décadas de 1940 e 1950, **Projeto História**, nº 43. 2011.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. “A cor local”: rádio e artistas da música popular em Belém nas décadas de 1940 e 1950. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 14, n. 25, jul.-dez. 2012.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. Festa e espaço urbano: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos 1950. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 32, nº 63. 2012.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. A Produção da “Música Cabocla”: a polifonia formadora do Carimbó nas representações de literatos, jornalistas e folcloristas no Pará (1900 – 1960). **História** (São Paulo). V. 34, n. 1, jan./jun., 2015.

COSTA, Tony Leão da. **Música do Norte**: intelectuais, artistas populares, tradição e modernidade na formação da “MPB” no Pará (anos 1960 e 1970). Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

COSTA, Tony Leão. Música, literatura e identidade amazônica no século XX: o caso do carimbó no Pará. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 12, n. 20, jan./jun. 2010.

COSTA, Tony Leão da. “**Música de subúrbio**”: cultura popular e música popular na “hipermargem” de Belém do Pará. 2013. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de História. Niterói: Rio de Janeiro. 2013.

COUTINHO, Eduardo F.. A contribuição de Afrânio Coutinho para os estudos literários no Brasil. **Anais**. 3º Colóqui do Grupo de Estudos Literários Contemporâneos: um cosmopolitismo nos trópicos e 100 anos de Afrânio Coutinho: A crítica literária no Brasil. Feira de Santana: UEFS, 3, 2012.

CUNHA, Maria Clementina Pereira da. **Ecoss da Folia**: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CUNHA, Paulo Anchieta Florentino da. **O movimento folclórico brasileiro e seus desdobramentos na Paraíba**: uma aproximação a partir da trajetória de Hugo Moura (1960 a 1978). Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2011.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DIAS JR., José do Espírito Santo. **Cultura Popular no Guamá**: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro de periferia de Belém. 2009. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

DIAS JR., José do Espírito Santo. A prática cultural do Boi Bumbá na cidade de Belém: uma representação suburbana. **Anais**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

DIAS JR., José do Espírito Santo. Boi Bumbá em Belém, uma expressão urbana e popular. **Revista Estudos Amazônicos**. vol. V, nº 2, 2010.

DIAS JUNIOR, José. **Entre cabarés e gafeiras**: um estudo das representações boemias na periferia de Belém do Pará, 1960-1980. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011.

DURKHEIME, ÉMILE. Sociologia. In: RODRIGUES, José Albertino (Org.). **Coleção Grandes Cientistas Sociais**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1984.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

FARES, Josebel Akel (Org.). **Memórias da Belém de antigamente**. Belém: EDUEPA, 2010.

FARES, Josebel Akel. Bruno de Menezes e o rufar dos tambores. **Boitatá**, Londrina, n. 13, jan.-jul. 2012.

FERNANDES, Florestan. Mário de Andrade e o folclore brasileiro. **Rev. Inst. Est. Bras.**, São Paulo, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, Jerusa Pires. A FESTA – APRESENTAÇÃO. **Projeto História**, São Paulo, (28), jun. 2004.

FERRETI, Sérgio. Estudos sobre festas religiosas populares. In: MIRANDA, Nadja & RUBIM, Linda (Orgs.). **Estudos da festa**. Salvador: Edufba 2012.

FIGUEIREDO, Napoleão. **Rezadores, Pajés e Puçangas**. Belém: Boitempo, 1979.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Letras Insulares: leituras e formas da história no modernismo brasileiro, In: CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). **A História Contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1998.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos Modernos**: uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929). 2001. Tese de doutorado. São Paulo: UNICAMP. 2001.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Arte, literatura e revolução: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923. In: FONTES, Edilza Joana de Oliveira; BEZERRA NETO, José Maia (Orgs.). **Diálogos entre história, literatura & memória**. 1. ed. Belém: Paka-Tatu, 2007.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. A Ilha da Princesa e a Cidade dos Pajés. In: FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **A Cidade dos Encantados**: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia (1870 – 1950). Belém: EDUFPA, 2008.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Os Vândalos do Apocalipse e outras histórias**: arte e literatura no Pará dos anos 20. Belém: IAP, 2012.

FONTES, Edilza. **O pão nosso de cada dia**: trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista (Belém 1940-1954). Belém: Paka-Tatu, 2002.

GIACOMINI, Sonia. **A ALMA DA FESTA**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – O Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GROSTEIN, Marta Dora. **Metrópole e Expansão Urbana**: a persistência de processos “insustentáveis”. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 1, 2001.

GUIMARÃES, Valéria. Os dramas da cidade nos jornais de São Paulo na passagem para o século XX. **Rev. Bras. Hist.** vol.27. n. 53. São Paulo. Jan./Jun, 2007.

HABIB, Salomão. **Tó Teixeira**: o poeta do violão. Belém: Violões da Amazônia, 2013.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.), **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LACERDA, Franciane Gama. **Imprensa e Poesia de Cordel no Pará nas primeiras décadas do século XX**. ANPUH/SP-USP. São Paulo, set. de 2008.

LACERDA, Franciane Gama; SARGES, Maria de Nazaré. De Herodes para Pilatos: violência e poder na Belém da virada do século XIX para o XX. **Projeto História**, São Paulo, n. 38, p. 165-182, jun. 2009.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará**: faces da sobrevivência (1889-1916). Belém: Ed. Açaí/Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia (UFPA)/Centro de Memória da Amazônia (UFPA), 2010.

LARÊDO, Salomão. **Palácio dos Bares – Buete Condor – recanto encantado da cidade morena às margens do lendário rio Guamá. – Bar da Condor – poemas salientes, memória social/emocional, depoimentos**. Salomão Larêdo Editora, Belém, 2003.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. Capoeira, Boi bumbá e Política no Pará Republicano (1889-1906). **Afro-Ásia**. Nº32, 2005.

LEAL, Luiz Augusto. **A Política da Capoeiragem**: a história social da capoeira e do boi-bumbá no Pará republicano (1888-1906). Salvador: EDUFBA, 2008.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **“Nossos Intelectuais e os Chefes da Mandinga”**: repressão, engajamento e liberdade de culto na Amazônia (1931-1951). Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos). Universidade Federal da Bahia. 2011.

LIMA, Rossini Tavares de. Alguns Complexos Culturais das Festas Joaninas. **Revista Brasileira de Folclore**. Nº. 1 (9). Set/Dez, 1961.

LONER, Beatriz Ana. **Construção de Classes. Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)**. Pelotas: UFP. Editora Universitária: Unitrabalho. 2011.

LOPES JÚNIOR, Orivaldo Pimentel. Festa e religiosidade. **Vivência**. UFRN/CCHLA, Natal, v.13, 1999.

MAGNANI, José Guilher. **Festa no Pedaco**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Imigrantes Portugueses: cotidiano, trabalho e resistência. São Paulo 1920-1940. In: SARGES, Maria de Nazaré; DE SOUSA, Fernando; MATOS, Maria Izilda; VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano; CANCELA, Cristina Donza (Orgs.). **Entre Mares: o Brasil dos Portugueses**. Belém: Editora Paka-Tatu, 2010.

MELO, José Marques de. As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário, no limiar do século XXI. **Vivência**. UFRN/CCHLA. Natal: RN, v. 13, 1999.

MELO, José Marques de. Théo Brandão: Precursos da Folkcomunicação. **Revista Internacional de Folckcomunicação**. UEPG. 2007.

MENEZES, Bruno de. **Obras Completas de Bruno de Menezes**. Belém: Secult/Conselho Estadual de Cultura, 1993.

MENEZES, Murilo. **A capital do El Dourado**: crônica sentimental de Belém e comentários sobre alguns dos seus problemas. Belém. 1954.

MÉRIOT, Christian. Festas, máscaras e sociedades. **Vivência**. UFRN/CCHLA, Natal, v.13, 1999.

MESQUITA, Lindolfo (Zé Vicente). **Historias do meu suburbio**: chronicas humoristicas. Ofs. grafs. da Revista da Veterinária. Belém – Pará. 1941.

MORAES, Eneida. **Aruanda e banho de cheiro**. Belém: CEJUP/SECULT, 1997.

MOURA, Carlos Eugênio. **O Teatro que o Povo Cria**: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará. Da dramaturgia ao espetáculo. Belém: Secult, 1997.

MOURÃO, Leila. **O conflito fundiário urbano em Belém (1960-1980)**: a luta pela terra de morar ou de especular. 1987. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Pará, Belém, 1987.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980)**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008

PENHA, Maria de Oliveira. **A cartografia de Irene na trilogia de Lindanor Celina**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

PENTEADO, Antonio Rocha. **Belém – Estudo de Geografia Urbana**. Belém: Edufpa. 1968.

PEREIRA, Leonardo. **O carnaval das letras**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1994.

PEREIRA, Leonardo. Sobre confetes, chuteiras e cadáveres: a massificação cultural no Rio de Janeiro de Lima Barreto. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, fev. 1997.

PEREIRA, Suzane Cláudia Gomes. **Você pensa que aqui é a casa da viúva Costa?: o teatro de revista paraense na cena de Antônio Tavernard**. Tese (doutorado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Comunicação, 2013.

PETIT, Pere. **Chão de promessas: elites políticas e transformação econômica no Estado do Pará pós-1964**. Belém: Paka-Tatu, 2003.

PETRUSKI, Maria Regina. **Julho Chegou... E a Festa Também: Sant'Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

PIÑON, Sidney. O desencanto de uma Mira-Puraquête... Dominantes/dominados: a luta entre o “bem” e o “mal”?. **Caderno do Centro de Filosofia e Ciências Humanas**. Belém: Pará, n.16. 1980.

QUINTAS, Gianni Gonçalves. Pajelanças e religiões afro-brasileiras. **Anais**. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador – Ba. UFBA. 2011.

RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

REIS, Cláudia Vendramini. **Pavilhão das culturas brasileiras: o uso social do acervo Rossini Tavares de Lima**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos). CELACC/ ECA – USP. 2014.

REIS, João José. **A morte é uma festa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, Marcos Valério Lima. **Entre poéticas e batuques: trajetórias de Bruno de Menezes**. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagem e Cultura) – Universidade da Amazônia, Belém, 2012.

RIBEIRO, José Sampaio de Campos. **Gostosa Belém de Outrora**. Belém, Editora Universitária, 1965.

ROCHA, Cândido Marinho. **Vila Podrona - Sobre o Autor**. Belém: Luzes-Gráfica Editora, 1964.

RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaços urbanos**. Belém: Editora do NAEA, 2008.

RODRIGUES, Carmem Izabel. À beira do Guamá... um bairro em movimento. In: VIEIRA JUNIOR, Antônio Otaviano; BELTRÃO, Jane Felipe (Orgs.). **Conheça Belém, co-memore o Pará**. Belém: EDUFPA, 2008

RODRIGUES, Carmem Izabel. Festividades Mestiças na Amazônia. **História Revista**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 235-259, jan.-jun. 2009.

RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. Cidade narrada: memórias, história e representações. In: FARES, Josebel Akel (Org.). **Memórias da Belém de antigamente**. Belém: EDUEPA, 2010.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **O intelectual “feiticeiro”**: Édison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil. Tese (doutorado em Antropologia). Universidade Estadual de Campinas, IFCH, Campinas/SP. 2011.

SALLES, Vicente. **Sociedades de Euterpes**: as bandas de música no Grão-Pará. Brasília: Edição do Autor, 1985.

SALLES, Vicente. **Repente & Cordel**: literatura popular em versos na Amazônia. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará ou Apresentação do teatro de época**. Belém: UFPA, 1994. v. 2.

SALLES, Vicente. A Folga do Negro In: SALLES, Vicente, **O Negro na Formação da Sociedade Paraense**. Textos reunidos. Belém: Paka-Tatu, 2004.

SALLES, Vicente. **As raízes da cultura mestiça na Amazônia**: singularidade de um modelo cultural ternário. Brasília: MicroEdição do Autor, 2010.

SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do “velho” intendente**: Antonio Lemos – 1869-1973. 1998. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SILVA, Dário Benedito Rodrigues Notado da. A memória da festa de São Benedito em Lindanor Celina. **Tucunduba**: arte e cultura em revista. Belém/Pa. UFPA, n. 3, 2012.

SILVA, Maria Manuela Ramos de Souza. A historiografia descobre a “festa”. **Revista Héliade**. 1 (1), 2000.

SILVA, Marcos Alexandre Pimentel da. **A cidade vista através do porto**: múltiplas identidades urbanas e imagem da cidade na orla fluvial de Belém (PA). 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2006.

SILVA, Marcos Ruiz da. **LAZER NOS CLUBES SÓCIO-RECREATIVOS DE CURITIBA/PR**: a constituição de práticas e representações sociais. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná. 2007.

SIQUEIRA, Uassyr. **CLUBES E SOCIEDADES DOS TRABALHADORES DO BOM RETIRO**: organização, lutas e lazer em um bairro paulistano (1915-1924). 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

SOUZA, Apolinário. **Festa de São João e Inimigos do Corpo**. Belém: UFPA, 1997.

STOENESCO, Dominique. Belém, Paris, Lisboa... Itinerário de uma autora paraense: Lindanor Celina. **Latitudes**, n. 2, fev. 1998.

THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRINDADE, José Ronaldo. **Errantes da Campina**: Belém, 1880-1990. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair. **Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém**. Belém: NAEA/UFGA, 1997.

TUPIASSÚ, Amarílis; PEREIRA, J. Carlos; BEDRAN, Madeleine. **Lindanor, a menina que veio de Itaiara**. Belém: SECULT/PA, 2004.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VIANNA, Hermano. “Não quero que a vida me faça de otário!”: Hélio Oiticica como mediador cultural entre o asfalto e o morro. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

VIANNA, Letícia. O Rei do meu Baião: mediação e invenção musical. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs.). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

VIEIRA, Ruth; GONÇALVES, Fátima. **Ligo o rádio pra sonhar**: a história do rádio no Pará. Belém: Prefeitura Municipal, 2003.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WILLIAMS, Raymond. A Fração Bloomsbury. **Plural**, São Paulo, n. 6, 1999.

FONTES DE PESQUISA

FONTES DE PESQUISA

1. BIBLIOTECA PÚBLICA ARTHUR VIANNA (CENTUR)

1.1. JORNAIS IMPRESSOS E MICROFILMADOS

O Liberal (1951, 1952, 1953, 1954, 1958 e 1959)

Folha do Norte (1950 – 1959)

A Província do Pará (1951 – 1959)

Folha Vespertina (1951)

O Estado do Pará (1959)

A Província do Pará, 02 de junho de 1951.

A Província do Pará. 13 de junho de 1957.

O Liberal. 28 de junho de 1952.

A Província do Pará. 12 de junho de 1951.

A Província do Pará. 12 de junho de 1955.

O Estado do Pará. 11 de junho de 1959.

O Liberal. 26 de junho de 1951.

A Província do Pará. 12 de junho de 1951.

A Província do Pará. 28 de junho de 1955.

O Liberal. 18 de junho de 1956.

O Liberal. 12 de junho de 1953.

Folha Vespertina. 05 de junho de 1951.

O Liberal. 08 de janeiro de 1951.

Folha do Norte. 22 de junho de 1951.

Folha do Norte. 03 de janeiro de 1951.

A Província do Pará. 02 de novembro de 1963.

A Província do Pará. 13 de junho de 1951.

Folha do Norte. 24 de junho de 1952.

1.2. SESSÃO OBRAS RARAS DO PARÁ

Revista Amazônia: da planície para o Brasil. (Junho de 1955/1956/1957).

2. LITERATURA

CELINA, Lindanor. **Menina que vem de Itaiara**. Ed. Especial. Belém: CEJUP/SECULT, 1997.

CELINA, Lindanor. **Crônicas intemporais**. Belém: CEJUP. 2003.

HABIB, Salomão. **Tó Texeira:** o poeta do violão. Belém: violões da Amazônia, 2013.

LAREDO, Salomão. **Palácio dos Bares – Buate Condor – recanto encantado da cidade morena às margens do lendário rio Guamá. – Bar da Condor – poemas salientes, memória social/emocional, depoimentos**. Salomão Laredo Editora, Belém, 2003.

MENEZES, Bruno de. **Obras Completas**. Belém: SECULT/Conselho Estadual de Cultura, 1993.

MENEZES, Murilo. **A capital do El Dourado:** crônica sentimental de Belém e comentários sobre alguns dos seus problemas. Belém, 1854.

MESQUITA, Lindolfo (Zé Vicente). **Histórias do meu subúrbio:** crônicas humorísticas. Ofs. grafs. Da Revista da Veterinária. Belém – Pará, 1941.

MORAES, Eneida. **Aruanda e Banho de Cheiro**. Belém: CEJUP/SECULT, 1997.

RIBEIRO, José Sampaio de Campos. **Gostosa Belém de Outrora**. Belém. Editora Universitária, 1965.

ROCHA, Candido Marinho. **Vila Podrona**. Belém: Luzes Gráfica Editora. 1964.

SOUZA, Apolinário. **Festa de São João e Inimigos do Corpo**. Belém: UFPA. 1997.

TUPIASSÚ, Amarilís; PEREIRA, J. Carlos; BEDRAN, Madeleine (orgs.). **Lindanor, a menina que veio de Itaiara**. Belém: SECULT/PA, 2004.